

APÊNDICES

APÊNDICE A: Diversidade social das famílias

De acordo com Segalen (1999) e Giddens (2000), foi essencialmente a partir da década de 70 que a conceção de família sofreu alterações profundas. Até esta data, a formação de uma família estava subjacente ao casamento. Segundo Segalen (1999), foi então que o entendimento do conceito de família até este período foi posto em causa, principalmente devido ao aumento dos divórcios e das uniões não legitimadas e da queda da taxa de fecundidade. No fundo, segundo a autora, esta evolução da instituição *família* deveu-se, sobretudo, às grandes mudanças sociais que se fizeram sentir neste período, nomeadamente no que concerne ao estatuto da mulher, à liberalização dos costumes, às novas atitudes relativamente à virgindade das raparigas e à sexualidade dos jovens.

Giddens (2000) foi de encontro ao defendido anteriormente, advogando que as famílias estavam, assim, numa fase de transição entre o viver numa sociedade onde havia uma única norma primordial sobre o que deveria ser a vida familiar, para uma sociedade onde a pluralidade de normas passou a ser reconhecida como legítima e mesmo desejável.

Por sua vez, Alarcão (2002) apontou algumas das novas formas de família a que assistimos atualmente, como a monoparentalidade, as famílias pós-divórcio e as famílias adotivas; e Tribuna e Relvas (2002) complementaram esta tese, apontando um novo modelo familiar: as famílias de acolhimento.

No que respeita à monoparentalidade, Alarcão (2002, p. 22) referiu que

“com divórcio, com viuvez, sem casamento, com adoção, as famílias monoparentais que conheci confrontaram-me com uma característica comum, independentemente de outras singularidades mais ou menos redundantes – a da existência de ligações muito fortes entre os seus membros, frequentemente fusionais, por vezes tingidas de uma conflitualidade que procurava criar interstícios no ele fusional mas que mais não conseguia do que aumentar a dependência.”

Desta forma, a autora salientou a forte ligação existente neste modelo familiar, o que pôs por terra as teorias clássicas de um modelo familiar *normal*.

As autoras referiram as duas vertentes que este modelo familiar pode assumir, que apenas divergem no facto de existirem ou não laços de parentesco entre a família de acolhimento e a criança acolhida, sendo assim denominado *acolhimento familiar* ou *colocação em família*. As autoras recuaram no tempo, até ao século XVIII, para comprovar que esta não é uma nova forma de família.

Tribuna e Relvas (2002) foram de encontro ao estudo realizado por Lopes (2010), que referiu que este tipo de família surgiu com uma Ordem emanada pela Intendência Geral da Polícia, dirigida por Pina Manique, que ordenou a instalação de uma casa munida de roda em todas as vilas – a roda dos expostos. Nesta casa deveria permanecer, continuamente, uma mulher, a fim de receber as crianças e conduzi-las à autoridade municipal, que, por sua vez, as entregaria a amas que as criariam em suas casas, recebendo um salário pago pela Câmara.

Mateus e Relvas (2002) acrescentaram as famílias adotivas à lista das novas formas de família, salvaguardando que a adoção é uma prática antiga, já referida no Antigo Testamento. No entanto, este processo foi encarado de diferentes formas ao longo dos tempos.

“De facto, até à primeira metade do século XX, era prática comum tentar que uma família adotiva se assemelhasse o mais possível a uma família biológica. Assim, pais e terapeutas tratavam o processo de adoção de um modo muito discreto, “escondendo-o” da criança e da sociedade” (Mateus e Relvas, 2002, p. 125).

Percebeu-se, então, que, ao contrário do que é considerado por muitos, a família não estava a desaparecer: estava apenas a diversificar-se. Esta diversidade deveria ser encorajada, pois não se deve partir do princípio que toda a gente tem de estar limitada a um mesmo modelo. Um retorno à forma tradicional de família não foi nem é possível.

As mudanças sociais que transformaram as formas de casamento e família do passado são, na sua maioria, irreversíveis: é impensável voltar a conceber a mulher como uma simples dona de casa.

Quebrou-se assim o (pre)conceito de que o casamento tinha como principal objetivo a procriação e de que era para toda a vida, sendo sagrado e apenas possível entre um homem e uma mulher.

A união de facto foi, então, a prova mais visível da quebra deste (pre)conceito. Os casais que vivem em união de facto são, tal como os que contraem matrimónio, encarados como uma família. Assim, a esta prática está subjacente a ideia de que o valor do afeto não tem por base valores religiosos.

Neste enquadramento, surgiram ainda outros casais que, entre si, constituíram uma família. Falámos, então, a título de exemplo, das famílias por união de facto ou das famílias de casais do mesmo sexo, levando-nos à problemática do casamento.

Tal como a instituição familiar foi mudando, também a maneira como era entendido o casamento na civilização ocidental foi evoluindo ao longo dos tempos.

De acordo com Segalen (1999), na visão tradicional do casamento este funcionava como um direito que regulamentava a sexualidade. Com efeito, o direito canónico, elaborado no século XII, definia o casamento como um sacramento indissolúvel até à morte, gerando-se grandes debates e discussões em torno do estatuto e da condição do casamento, na medida em que *sacramento* e *contrato* tinham significados e eram relações sociais bem distintos.

Com efeito, o direito canónico, elaborado no século XII, definia o casamento como um sacramento indissolúvel, permanecendo a convicção do *até que a morte nos separe*. Por sua vez, os juristas encaravam o casamento como “*um fator do direito natural «anterior» a qualquer instituição de um sacramento pela religião*” (p. 135).

Assim, o casamento nas sociedades antigas, como são exemplos a Grécia e a Roma Antigas, era não só encarado como um elemento para a continuidade familiar, como também se guiava por algumas regularidades, como são os casos da proximidade, do prestígio da família e das afinidades em vários níveis, ou seja, a endogamia. Além disso, a escolha do cônjuge era um assunto coletivo (Idem; Giddens, 2000).

“Apesar de um liberalismo de princípio que surge na consciência coletiva, permanece ainda um sentimento muito profundo que vai ao encontro e sanciona o estado de facto. As estruturas e as formas da vida social colocam em presença indivíduos do mesmo meio. Ao fim e ao cabo, é entre as pessoas do mesmo meio que se tem mais hipóteses, e aí que convém escolher o cônjuge, e as possibilidades de escolha diminuem pouco a pouco se se quiser encontrar no meio próximo uma pessoa «emparelhada»” (Girard, cit. por Segalen, 1999, p. 147).

Foi a Revolução Francesa que acabou por separar estas visões, através da exigência da cerimónia civil (registo civil) para validar a cerimónia religiosa, sendo a continuidade familiar e a endogamia traços fundamentais da instituição tradicional *casamento*. Foi também no século XVIII que se assistiu à legitimidade do amor no casamento.

Como é sabido, desde o século XX a conceção de família foi sofrendo alterações profundas (Giddens, 2000). Segundo o mesmo autor, as famílias estavam numa fase de transição entre o viver numa sociedade onde havia uma única norma primordial sobre o que deveria ser a vida familiar, para uma sociedade onde a pluralidade de normas passou a ser reconhecida como legítima e mesmo desejável.

De entre as várias mudanças podemos citar as mudanças quer das famílias alargadas para as famílias nucleares assumidamente heterossexuais; quer, mais recentemente, com a prática de os jovens se juntarem antes do casamento, num período experimental e, conseqüentemente, atrasando a idade daquele compromisso, tal como advertiu Segalen

(1999). A mesma autora salientou, ainda, que este atraso se deveu ao *critério de seleção* adotado na escolha do companheiro, passando o casamento a ser visto apenas como uma formalidade, pois o que realmente importava era a união do casal: “*o casamento reduz-se a uma comodidade social; o que funda a união é a fusão amorosa*” (Segalen, 1999, p. 153).

Esta mudança na visão do casamento fez com que, em meados da década de 90, surgissem as primeiras vozes em prol do reconhecimento das uniões entre pessoas do mesmo sexo, o que nos conduz ao conteúdo central da nossa pesquisa que é, por um lado, a questão dos relacionamentos homossexuais e, por outro lado, dos casamentos.

APÊNDICE B: Interpretações sobre a homossexualidade

A homossexualidade foi concebida quer como uma questão de identidade (Tully, 2001); quer, no extremo oposto, como um distúrbio no desenvolvimento da personalidade (Lacerda et al., 2002). Os preconceitos de que tem sido alvo explicam o facto de, apenas nos anos 70, a Associação Americana de Psicologia a ter passado a ver como uma orientação sexual, embora só nos anos 90 é que a Organização Mundial de Saúde a retirou da lista de doenças mentais. Um percurso tão conturbado e exclusivo, permitiu perceber que Lacerda et al. (2002), contrariamente a Tully (2001), considerasse que, mesmo atualmente, a homossexualidade não seja completamente aceite, uma vez que ainda existem cidadãos comuns e mesmo profissionais que a consideram um distúrbio que deve ser assumido e superado. Na mesma linha de pensamento, Pereira, Torres, Falcão e Pereira (2013) apresentaram duas visões dicotómicas da homossexualidade: como a de uma patologia, contranatura, anormal, até devido à patologização de que foi alvo até há tão recentes décadas; e a de algo natural, uma expressão normal da sexualidade. Na perspectiva dos autores, estas visões, completamente opostas, podem ser encontradas tanto dentro como fora da comunidade *gay*, sendo, a primeira delas, a base da homofobia e da criação de certos mitos, dos quais questionamos cinco: *i*) os homossexuais não são capazes de manter relações a longo prazo; *ii*) as relações homossexuais são propensas a comportamentos aditivos; *iii*) os filhos de casais homossexuais serão também homossexuais; *iv*) a orientação sexual é uma escolha de vida; e *v*) os homossexuais não são religiosos.

Quadro 1 - Estereótipos e realidades acerca dos casais de pessoas do mesmo sexo

Estereótipos e mitos	Realidade
Os homossexuais não são capazes de manter relações a longo prazo.	Os homossexuais mantêm relações a longo prazo, no entanto, observando a realidade social constata-se que, talvez pelo preconceito social de que são alvo, há uma menor estabilidade nas suas relações.
As relações homossexuais são propensas a comportamentos aditivos.	Enquanto alguns homossexuais abusam do álcool ou de drogas, a maioria não, assim como no caso dos heterossexuais.

Os filhos de casais homossexuais serão também homossexuais.	Os filhos de casais homossexuais não têm uma maior propensão para ser homossexuais, mas sim uma maior propensão para a aceitação da homossexualidade.
A orientação sexual é uma escolha de vida.	A orientação sexual é determinada geneticamente ¹ .
Os homossexuais não são religiosos.	Os homossexuais são tão religiosos como os heterossexuais ² .

Pelo exposto, entendemos que para as Ciências Sociais importasse um outro olhar sobre a homossexualidade, sendo que as questões do sexo e do género assumiram uma posição fulcral neste debate. Lígia Amâncio é uma das investigadoras que, em Portugal, se tem centrado na análise das assimetrias presentes nas representações de género, salientando a assimetria relativa à relação das categorias sexuais com subcategorias,

“porque enquanto no caso da categoria masculina os atributos se distribuem de forma semelhante por subcategorias como as de homem-empresário, homem-atleta e homem-pai, no caso da categoria feminina a única subcategoria que conserva exclusivamente atributos femininos é a de mulher-mãe, enquanto que as de mulher-atleta ou de mulher-empresária já incluem atributos masculinos (...). Há, no entanto, exemplos de subcategorias masculinas em que se verifica assimilação de traços femininos, como é o caso dos homossexuais” (Amâncio, 1993, p. 131).

Verificamos, assim, uma visão estereotipada das categorias sexuais. Segundo McPhail (2008), foi neste enquadramento que a população LGBT procurou o reconhecimento da igualdade de direito, questionando a dualidade heterossexualidade / homossexualidade. Estas pessoas assumiram-se, à partida, como sendo membros de uma minoria sexual, não desafiando, assim, a construção das sexualidades em geral.

¹ Atente-se que esta é a perspetiva de Pereira et al. (2013), que dão voz à abordagem da genética, sendo oposta à defendida na presente dissertação, na qual se considera a sexualidade como uma construção social que, por sua vez, possui componentes de escolha dos atores sociais.

² É de salientar que já existem representantes da Igreja Católica que manifestam acolhimento em relação a homossexuais. D. Manuel Monteiro de Castro, consultor da Congregação para a Doutrina Cristã, encara os novos desafios da atualidade e, neste sentido, defende o reconhecimento dos direitos civis dos casais homossexuais (Jornal i, 2009), assim como o padre Manuel Barbosa, porta-voz da Conferência Episcopal Portuguesa, que defende que a Igreja católica tem de acolher os homossexuais, mas não aceitá-los total (Dias, 2014). Neste sentido, foi fundada a Associação *Novos Rumos*, constituída por cristãos homossexuais que pretendem poder participar nas atividades pastorais sem esconderem a orientação sexual.

APÊNDICE C: Movimento LGBT

O movimento LGBT efetivou-se devido a uma série de movimentos anteriores que abriram as portas para a luta pela igualdade de direitos, de que um dos que mais contribuiu foi o Movimento Feminista.

De acordo com Álvarez (2002), consistiu numa organização de mulheres que pretendiam concretizar as suas reivindicações. Este movimento surgiu no seguimento de serem *“negados às mulheres os direitos civis e políticos mais básicos, ceifando das suas vidas qualquer réstia de autonomia pessoal”* (p. 23).

O movimento feminista ganhou visibilidade com o surgimento de formas sociais mais justas, uma vez que, até ao século XIV *“a história ocidental foi tecendo minuciosamente – a partir da religião, do direito e da ciência – o discurso e a prática que afirmavam a inferioridade da mulher em relação ao homem. Discurso que parecia dividir em dois a espécie humana: dois corpos, duas razões, duas morais, duas leis”*(Idem, p. 11).

Com a Revolução Francesa assistimos às maiores reivindicações do movimento feminista, com a exigência de igualdade sexual e educação. Porém, o poder republicano continuou sem lhes reconhecer qualquer função além de mães e esposas.

Foi então que, no século XIX, o feminismo apareceu como *“um movimento social de carácter internacional, com uma identidade autónoma teórica e organizativa”* (Idem, p. 23). Este movimento gerou o desenvolvimento de novos enfoques teóricos sobre os movimentos sociais, como o ecologista, o pacifista e, cada vez mais, o movimento de lésbicas e gays.

O movimento LGBT consiste num movimento social que visa a transformação das políticas existentes para estes atores sociais, de modo a satisfazerem os seus interesses. Ou seja, lésbicas, gays, bissexuais e transgéneros unem-se numa só voz contra a discriminação e a favor de medidas de política social inclusivas e igualitárias.

Assim,

“A luta enveredada pelos movimentos sociais nunca se reduziu à defesa dos interesses de quem é dominado mas, em vez disso, sempre pretendeu fazer triunfar um princípio de igualdade, criar uma sociedade que é sempre nova no que arrasta de rutura face a anteriores formas de produção, de gestão e de hierarquia” (Carneiro, 2009, p. 43).

No entanto, tendo em conta que o movimento LGBT é constituído por um conjunto de atores sociais “minoritários”, é compreensível que os interesses da cultura dominante se

sobreponham aos seus. Por isso, é crucial perceber que as reivindicações do movimento LGBT apenas pretendem “a contribuição para o bem estar de todos os cidadãos pelo enriquecimento na e da «diferença»” (Idem, p. 45).

Com efeito, na perspetiva de Carneiro (2009), o movimento LGBT procurou reivindicar, progressivamente, o reconhecimento das diferenças internas ao mesmo e das respetivas diversidades identitárias. Porém, a necessidade destas reivindicações traduz, também, a existência de um Estado e de uma sociedade cuja estrutura é “heterossexual”, ou seja, na ótica do autor, todo o sistema está concebido para os heterossexuais e, para que os homossexuais tenham acesso às mesmas condições, é necessário que o reivindiquem (Carneiro, 2009).

Apesar de todos os constrangimentos, este movimento conseguiu fazer ouvir-se em Portugal e, em 2010, conquistou o Direito ao casamento.

No quadro seguinte registamos os marcos importantes do movimento LGBT, em Portugal, a partir de Maia e Louçã (2008), que se registam desde 1974.

Quadro 2 - Marcos importantes do movimento LGBT, em Portugal

Data	Acontecimentos
1974	- Publicação, pelo "Diário de Lisboa", do manifesto do Movimento de Ação dos Homossexuais Revolucionários "MAHR"; - Criação do Movimento de Libertação da Mulher "MLM", envolvendo ativistas lésbicas.
1980	- Criação do Coletivo de Homossexuais Revolucionários "CHOR" (primeira tentativa visível de ativismo homossexual).
1981	- Desfile dos ativistas do CHOR com cartazes na manifestação do 1.º de Maio.
1982	- Organização dos Encontros "Ser (Homo)sexual", pelo Centro Nacional de Cultura.

1991	<ul style="list-style-type: none"> - Surgimento, dentro do Partido Socialista Revolucionário "PSR", de um Grupo de Trabalho Homossexual "GTH-PSR"; - Publicação da 1.ª revista Lésbica em Portugal "Organa"; - Criação da primeira linha de atendimento para a homossexualidade.
1993	<ul style="list-style-type: none"> - Fundação da "Lilás", revista lésbica.
1994	<ul style="list-style-type: none"> - Conquista por João Mouta, pai homossexual, da decisão do Tribunal de Família que lhe confia o poder paternal da filha menor.
1995	<ul style="list-style-type: none"> - Organização, por um grupo de ativistas homossexuais com o apoio do GTH-PSR, da primeira comemoração pública do dia do orgulho.
1996	<ul style="list-style-type: none"> - Início, pelo GTH-PSR, de uma campanha contra a discriminação nos dicionários; - Fundação da ILGA-Portugal; - Criação do portal PortugalGay.pt.
1997	<ul style="list-style-type: none"> - Abertura, pela ILGA, do Centro Comunitário Gay e Lésbico de Lisboa, onde passa a oferecer serviços de apoio psicológico, jurídico, um centro de documentação, publicações temáticas, debates, festas e convívios; - Realização do 1.º Arraial Pride pela ILGA; - Fundação da Opus Gay; - Realização do 1.º Festival de Cinema Gay e Lésbico de Lisboa.
1998	<ul style="list-style-type: none"> - Início de uma campanha pública conjunta – ILGA, Clube Safo, Opus Gay, GTH-PSR e Lilás – que exige o fim da discriminação introduzida pela lei das Uniões de facto.
1999	<ul style="list-style-type: none"> - Abaixo-assinado contra a classificação da homossexualidade como "deficiência da função heterossexual"; - Ação conjunta do GTH-PSR e da ILGA junto ao posto-móvel de doação de sangue em Lisboa, para questionar os critérios preconceituosos que continuavam a excluir os gays da doação.

<p>2000</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Realização da 1.ª Marcha do Orgulho LGBT em Lisboa; - Surgimento, no Porto, do "Nós", Movimento Universitário pela Liberdade Sexual, e em Torres Vedras o Grupo Oeste Gay "GOG".
<p>2001</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Realização da 1.ª edição do Porto Pride.
<p>2002</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Fundação, em Coimbra, da associação "Não te privas" – Grupo de defesa dos direitos sexuais.
<p>2003</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Fundação da rede ex aequo, associação de âmbito nacional destinada a jovens lésbicas, <i>gays</i>, bissexuais, transgéneros e simpatizantes, cujo objetivo é reivindicar a não discriminação e a integração na sociedade dos jovens LGBT; - Realização do 1.º Fórum Social Português, no qual participaram ativamente todas as associações LGBT, entrando pela 1.ª vez em contacto com muitas outras organizações sociais.
<p>2004</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Manifestação de um grupo de ativistas num caso de discriminação por parte da CML na atribuição de Habitação Social a um casal de lésbicas: aquele grupo de ativistas colocou-se entre as máquinas da CML e a habitação que estas viriam a demolir; - Fundação do grupo "Panteras Rosa – Frente de combate à Homofobia"
<p>2005</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Ocupação, por mais de 300 pessoas, das ruas de Viseu numa manifestação destinada a condenar agressões organizadas a homossexuais.
<p>2006</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Realização da 1.ª Marcha do Orgulho LGBT no Porto.
<p>2007</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Vitória do SIM no referendo à "despenalização do aborto" – a qual contou com o apoio de várias associações LGBT.
<p>2008</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Organização pelo Bloco de Esquerda das primeiras Jornadas contra a Homofobia; - Realização da Marcha do Orgulho LGBT de Lisboa com a participação ativa de associações não-LGBT.

APÊNDICE D: A luta pelo casamento entre pessoas do mesmo sexo

O debate em torno do casamento entre pessoas do mesmo sexo parecia não ter fim. Foi então que a posição do Partido Socialista se ajustou à opinião da população portuguesa acerca do assunto³, o que o levou a propor a criação de um novo tipo de união, a economia comum, que se concretizou pela Lei n.º 6/2001, de 11 de maio, que regula o regime de economia comum, e pela Lei n.º 7/2001, de 11 de maio, que regula a coabitação independentemente do sexo (Brandão e Machado, 2012; Cid, 1998).

No entanto, os mesmos autores consideraram que, para os casais do mesmo sexo, estas aprovações foram insuficientes, na medida em que continuavam a excluí-los do direito à herança, à adoção e ao acesso a técnicas de reprodução e, além disso, não reconheciam a dimensão amorosa/afetiva destas uniões.

Os partidos da direita consideravam que o debate acerca do casamento entre pessoas do mesmo sexo era apenas uma forma de “fugir” aos verdadeiros problemas por que o país passava por essa altura. Porém,

“the State’s action in the fields of economy, of social provision and of national identity does not prevent the discussion of matters affecting the citizens’ private lives, and therefore their quality of life” (Weeks, 1998 cit. por Idem, p. 667).

Almeida (2012) alertou para o facto de os partidos de direita proporem que, caso se efetivasse a aprovação do casamento entre pessoas do mesmo sexo, este possuísse um nome diferente, de forma a não atingir ou abalar a instituição *casamento*.

Por sua vez, o portal LGBT PortugalGay (2014) apontou como entrave à aceitação da homossexualidade o conservadorismo que se encontra associado a algumas tendências religiosas. Portugal é um país predominantemente católico por tradição cultural. Como é sabido, esta Igreja aceita simplesmente o casamento heterossexual, considerando a homossexualidade como um ato pecaminoso (PortugalGay, 2014). Assim, seguindo os princípios desta mesma igreja, os católicos acabaram por manter uma atitude conservadora relativamente às relações afetivas e à sexualidade, não tolerando a homossexualidade. Esta atitude conduziu a diversificadas formas de repressão.

“Essas formas de repressão implicam violência contra o outro, e todas são mediadas moralmente, em diferentes graus, na medida em que se objetiva a

³ Uma investigação publicada em 1998 revelou que 81.1% e 80.2% da população portuguesa considerava que as relações pessoas do mesmo sexo, homens e mulheres respetivamente, eram inaceitáveis (Pais, 1998 cit. por Brandão e Machado, 2012).

negação do outro: quando o outro é discriminado lhe é negado o direito de existir como tal ou de existir com as suas diferenças” (Barroco, 2011, p. 209).

Segundo Barroco (2006), a diversidade não é aceite, apesar de ser intrínseca a todas as culturas e civilizações. Desta forma, para a autora, tudo o que é diferente resulta em relações de exclusão, desigualdade, discriminação e preconceito. Para os (neo)conservadores não existe o direito à diferença e, portanto, a tolerância é um valor inexistente. Carneiro (2009) foi ao encontro desta abordagem, defendendo que, assim, é revelada uma atitude homofóbica e heterossexista: a heterossexualidade é considerada como o que é “natural”, o que corresponde à norma, valorizada como sendo superior e, então, todas as identidades não heterossexuais são discriminadas.

Neste contexto, importa ter em conta a abordagem de Albuquerque (2003), que advogou que, no fundo, assistimos à violação de direitos humanos, na medida em que o princípio da igualdade não foi tido em consideração e a diversidade sexual não foi aceite. Práticas e comportamentos que expressaram estas atitudes revelaram-se, por exemplo, num aparente pânico de partilhar o mesmo espaço com homossexuais. Além disso, estes são encarados como um grupo homogéneo, com uma identidade única, no entanto, *“há apenas duas coisas que os homossexuais têm em comum: a preferência pelo mesmo sexo e serem estigmatizados pela maioria heterossexual”* (p. 378).

Foi então que, em 2008, foram submetidos dois projetos para aprovação do casamento entre pessoas do mesmo sexo, pelo Bloco de Esquerda e pelo Partido Ecologista, que acabaram por ser chumbados, uma vez que o Partido Socialista, detentor da maioria, era contra este casamento. Curiosamente, em 2009, o Partido Socialista declarou que a igualdade no casamento constaria do seu programa eleitoral para esse mesmo ano (Almeida, 2012; Cid, 1998).

Miguel Vale de Almeida⁴ (2012, p. 25) defendeu que esta mudança de posição se deveu ao facto de o movimento LGBT se encontrar com força e capaz de expor argumentos válidos e persuasivos acerca da necessidade da igualdade no casamento, suscetíveis de convencer a opinião pública e o próprio Partido Socialista.

⁴ Miguel Vale de Almeida é um antropólogo português e ativista LGBT. Foi também deputado da Assembleia da República, tendo estado envolvido na aprovação da lei que permite o casamento entre pessoas do mesmo sexo e da lei de identidade de género.

APÊNDICE E: Enquadramento legal da adoção

A aprovação do Decreto-Lei n.º 47344/66, de 25 de Novembro, reconheceu a adoção

“como fonte de relações jurídicas familiares, retomando-se, assim, uma tradição do nosso direito que o Código de Seabra havia interrompido. Este reconhecimento processou-se à luz de um novo espírito: o instituto da adoção projetou-se num quadro geral de proteção à criança desprovida de um meio familiar normal, privilegiando-se o interesse do adotado” (Decreto-Lei n.º 185/93, de 22 de Maio).

Entretanto, foram introduzidas algumas reformas que permitiram o alargamento do campo de aplicação da adoção, tanto no que respeita aos adotantes como aos adotados.

Segundo Beleza (1993), todos estes requisitos pretenderam que o processo de adoção apenas se concretizasse quando se reunissem as melhores condições para o desenvolvimento dos adotados. Estas condições adequaram-se a uma das espécies de adoção: plena ou restrita. Estes dois tipos de adoção distinguem-se, essencialmente, pelo facto de na adoção plena o adotado se tornar realmente filho do adotante, deixando de ter relações com a sua família de origem; enquanto na adoção restrita o adotado mantém todos os direitos e deveres relativamente à família de origem, sendo que este tipo de adoção pode ser revogado ou convertido em adoção plena (Instituto da Segurança Social, 2014).

Desta forma, percebemos que o processo de seleção é fulcral para a adoção. No entanto, como advogou João Seabra Diniz (1993, pp. 79-80),

“não deve ser uma seleção perfeccionista. Não se podem exigir para as crianças adotadas garantias especiais de que não gozem os outros filhos. Não me parece que alguma coisa permita ao técnico querer selecionar famílias ideais – o que, de resto, poderia conduzir a erros grosseiros. Bastará, em meu entender, proporcionar famílias «suficientemente boas», famílias normais e possíveis, que como as outras famílias irão encontrando maneiras de resolver os seus problemas. De resto, considero uma atitude gravemente errada, encarar a família adotiva como uma família «especial», com problemas especiais, exigindo um tratamento especial. Quando se verifica uma atitude deste género, estamos, de facto, a criar o risco de uma evolução artificial. Se nós consideramos os adotantes como pais diferentes dos outros, embora por palavras digamos o contrário, eles irão ter grande dificuldade em ultrapassar a sensação, em princípio já muito vincada, de que o seu caso é mais complicado que o dos outros, e em viver um normal processo de luto em relação à ideia do filho natural que não puderam ter”.

Almeida (2008) salientou, ainda, que as mutações ocorridas no conceito de família articularam-se com as alterações na adoção, referindo, a título de exemplo, a adoção por

casais de pessoas do mesmo sexo. Porém, apesar de esta se encontrar em voga, não foi contemplada no enquadramento legal.

Em Portugal, a adoção só era permitida a casais heterossexuais ou a uma pessoa singular. No entanto, o objetivo da adoção é proporcionar ao adotado um lar onde exista amor e proteção, o que acaba por ser um contrassenso, a não ser que se parta do pressuposto de que uma família homoparental não é capaz de oferecer amor e proteção a uma criança (Cardeira, 2012).

Desta forma, quando a adoção por casais do mesmo sexo era ilegal, estes acabaram por recorrer a outras alternativas. Estima-se que, em Portugal, a maioria dos *gays*, lésbicas e bissexuais tiveram filhos em relações heterossexuais anteriores. Este facto sucedeu igualmente em outros países nos quais a adoção por famílias homoparentais é ilegal, como na Itália. Além disso, estima-se que cerca de 3% dos *gays*, lésbicas e bissexuais solteiros, e entre 8% e 10% dos casais do mesmo sexo, têm filhos. Estes filhos planeados, no caso dos casais de lésbicas, foram, na maioria dos casos, concebidos através de inseminação artificial em casa, com doação privada de esperma, e no caso dos casais de *gays*, a maioria das crianças foi adotada por um dos pais "solteiros" (Costa, Caldeira, Fernandes, Rita, Pereira e Leal, 2014; Hicks, 2006).

Havia, portanto, o conhecimento de que quando os casais homossexuais pretendiam ter um filho conseguiam, independentemente do meio a que recorressem. Assim, no que concerne à adoção, esta distinção clara entre família heterossexual e homoparental, sendo que esta última estava inviabilizada de adotar, denotava uma preocupação com o facto das famílias homoparentais não serem capazes de assumir tais funções, "transmitindo" a sua orientação sexual aos filhos. No entanto, a capacidade de amar e proteger não depende da orientação sexual dos pais, mas sim do seu equilíbrio pessoal (Cardeira, 2012).

As crenças relativas à homoparentalidade são, maioritariamente, enraizadas em atitudes negativas para com os homossexuais. As atitudes negativas para com os *gays* e as lésbicas são comuns e generalizadas nas sociedades ocidentais; é o denominado *estigma sexual*, ou seja, uma relação negativa, na qual é atribuído um estatuto inferior aos não-heterossexuais. Os indivíduos mais preconceituosos no que concerne à orientação sexual são mais propensos a manter atitudes sexistas sendo religiosos e politicamente conservadores (Costa e

Farias e Amorim (2010) afirmam que os princípios inscritos na Constituição, nomeadamente a igualdade, liberdade e dignidade da pessoa humana, deveriam aplicar-

se, igualmente, aos homossexuais, sendo que o seu incumprimento incorre numa violação aos direitos humanos.

APÊNDICE F: O referendo sobre a (co-)adoção

Rodrigues, Gomes e Lopes (2014) defenderam que não faria qualquer sentido referendar direitos fundamentais. Além disso, a Constituição da República Portuguesa proíbe expressamente a discriminação baseada na orientação sexual, mas Loureiro (2014) questionou: não foi isso que o próprio governo incitou com a proposta do referendo?

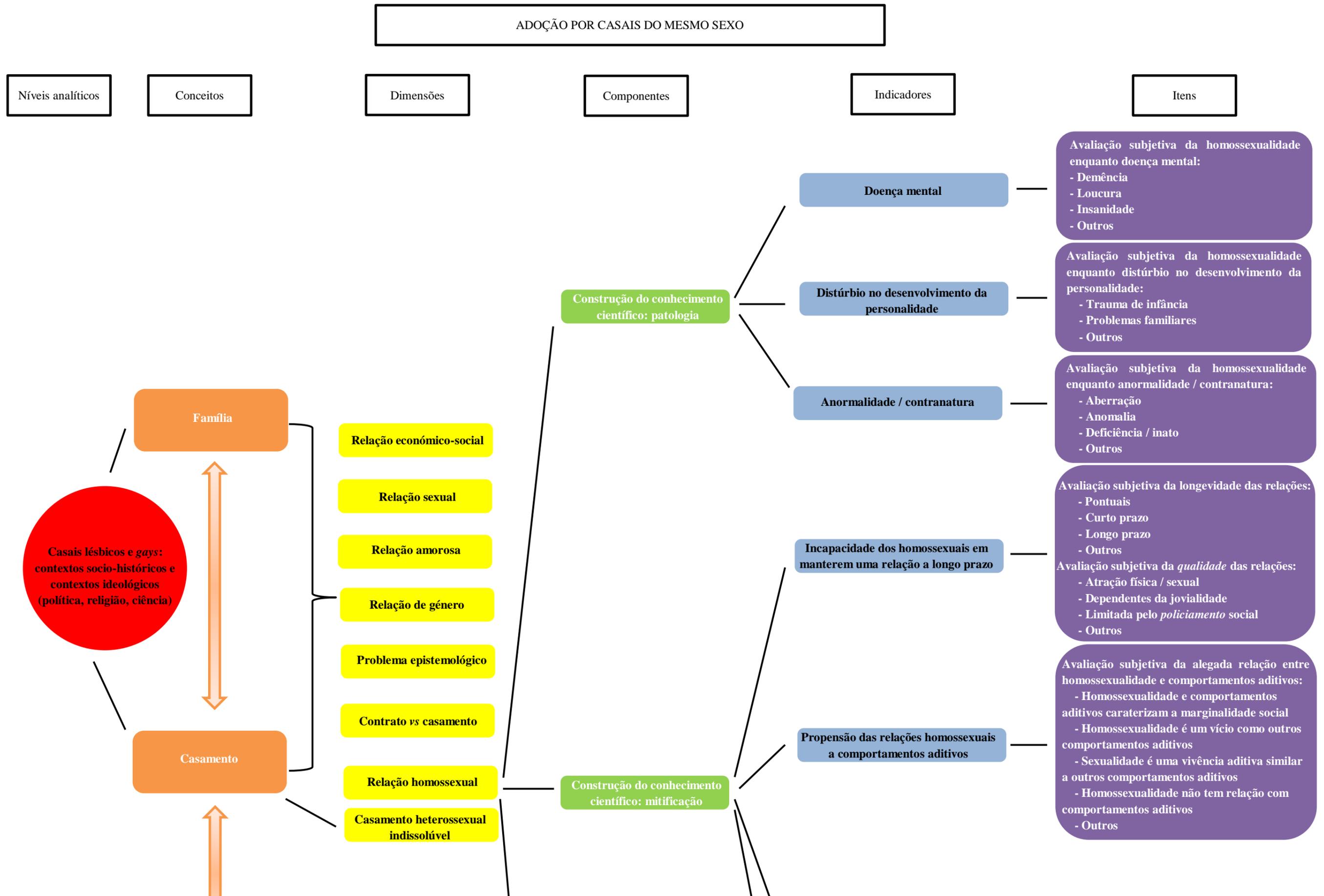
Apesar de não constar da Constituição da República Portuguesa o direito a adotar ou o direito a ser adotado, consta o direito a constituir família, o que implica ter filhos (Idem).

Após ter sido chumbado o referendo, o projeto de co-adoção por casais do mesmo sexo foi proposto pelo Partido Socialista, a ser votado em Assembleia de República, acabando por ser igualmente chumbado. Esta iniciativa pretendia apenas atender casos de crianças que já viviam em famílias homoparentais, mas que perderam o seu pai ou a mãe biológica, e corriam o risco de ser retiradas ao cônjuge sobrevivente por não terem com ele qualquer vínculo jurídico (Rodrigues et al., 2014).

APÊNDICE G: A pesquisa compreensiva-qualitativa como metodologia

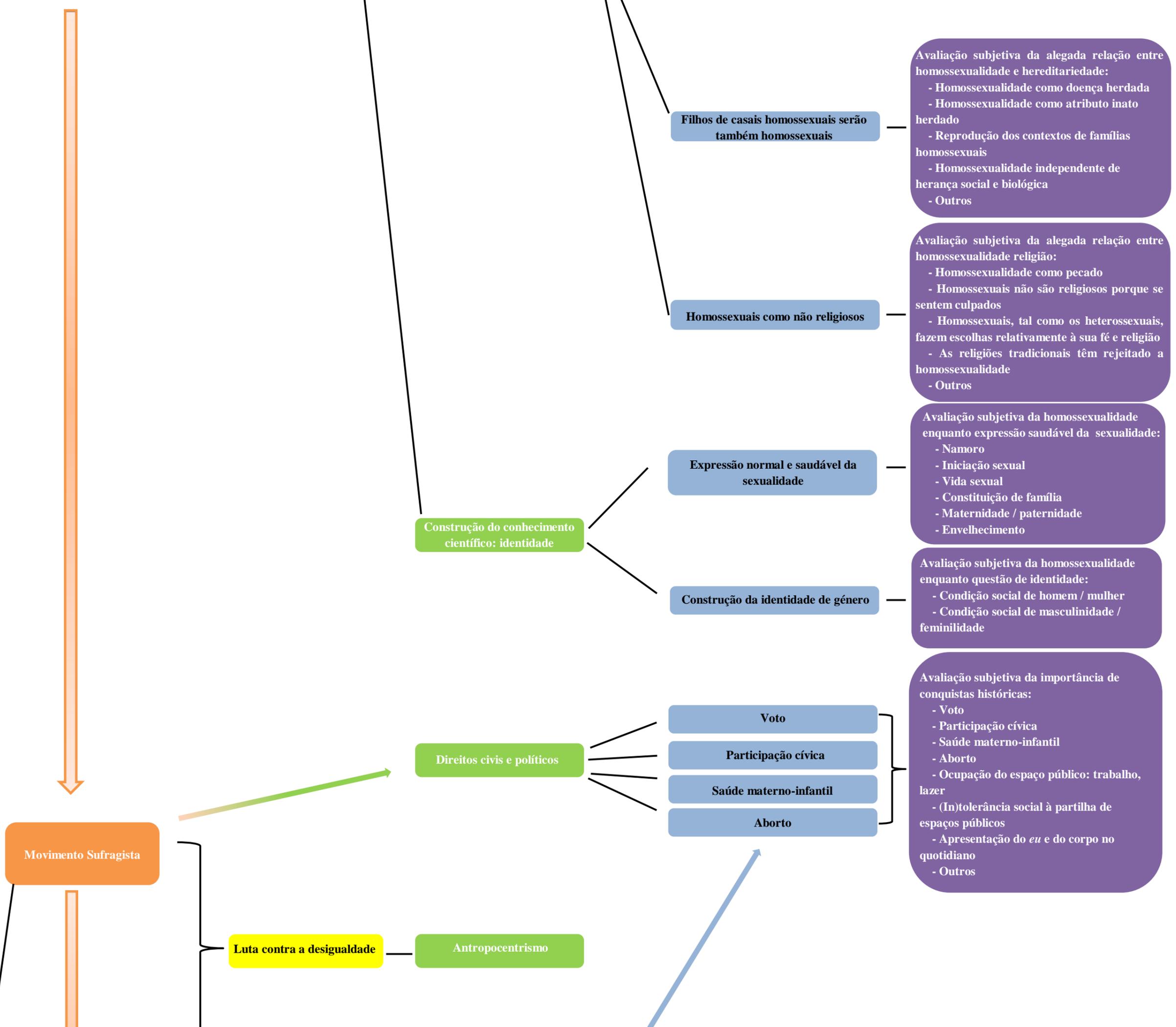
Consideramos que a pesquisa compreensiva-qualitativa foi de encontro aos objetivos da investigação, na medida em que "*a adoção desta metodologia pressupõe a valorização da vida quotidiana do sujeito e do seu relato*" Teixeira (2010, p. 2). Coutinho (2013, p. 17) concluiu afirmando que "*este paradigma pretende substituir as noções científicas de explicação, previsão e controlo do paradigma positivista pelas de compreensão, significado e ação*".

APÊNDICE H: Grelha analítica



Casais lésbicos e gays:
contextos socio-históricos e
contextos ideológicos
(política, religião, ciência)

Dualidade heterossexualidade / homossexualidade | Famílias homoparentais / Famílias heterossexuais



Movimento Sufragista

Construção do conhecimento científico: identidade

Direitos civis e políticos

Luta contra a desigualdade

Antropocentrismo

Filhos de casais homossexuais serão também homossexuais

Homossexuais como não religiosos

Expressão normal e saudável da sexualidade

Construção da identidade de género

Voto

Participação cívica

Saúde materno-infantil

Aborto

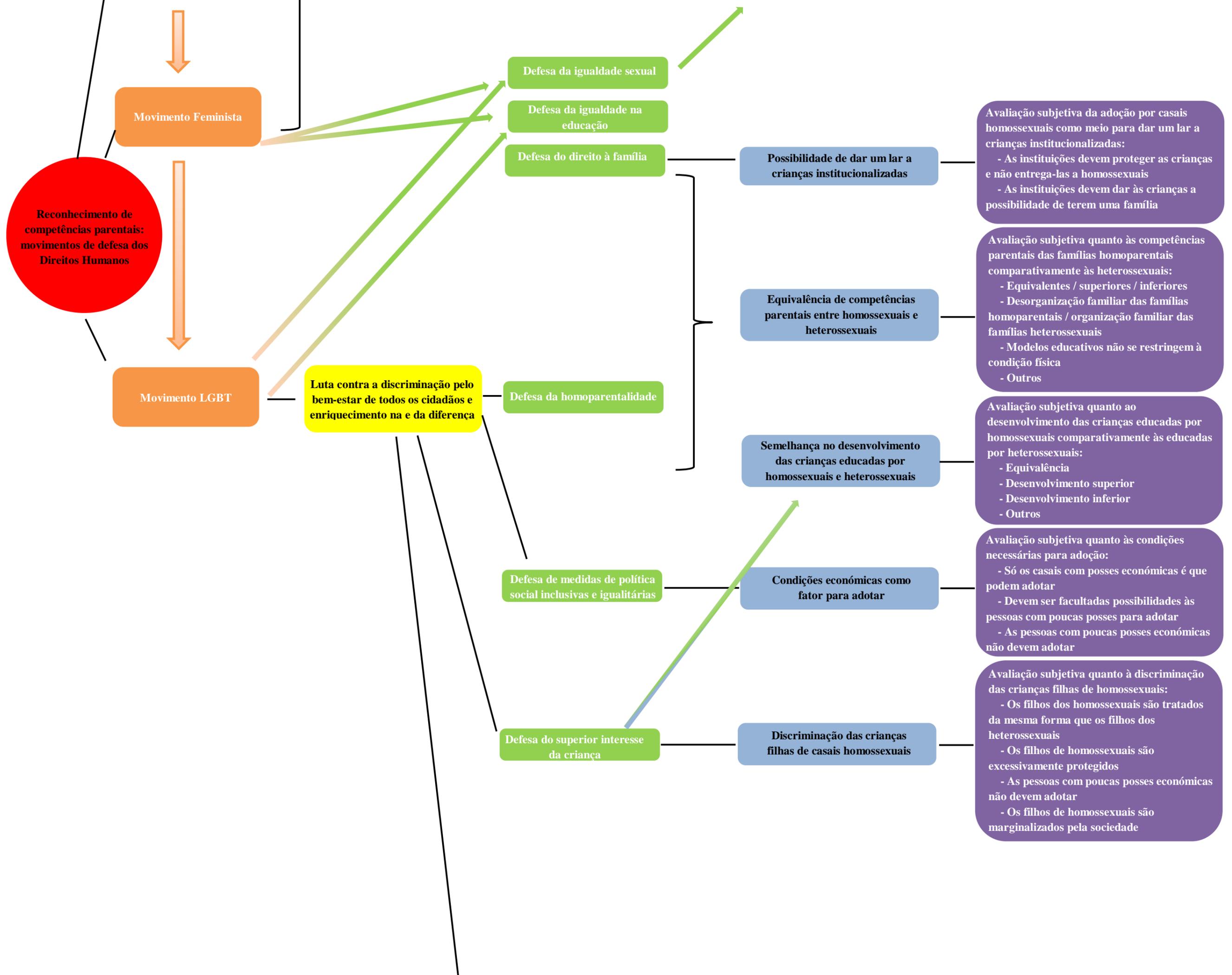
Avaliação subjetiva da alegada relação entre homossexualidade e hereditariedade:
- Homossexualidade como doença herdada
- Homossexualidade como atributo inato herdado
- Reprodução dos contextos de famílias homossexuais
- Homossexualidade independente de herança social e biológica
- Outros

Avaliação subjetiva da alegada relação entre homossexualidade religião:
- Homossexualidade como pecado
- Homossexuais não são religiosos porque se sentem culpados
- Homossexuais, tal como os heterossexuais, fazem escolhas relativamente à sua fé e religião
- As religiões tradicionais têm rejeitado a homossexualidade
- Outros

Avaliação subjetiva da homossexualidade enquanto expressão saudável da sexualidade:
- Namoro
- Iniciação sexual
- Vida sexual
- Constituição de família
- Maternidade / paternidade
- Envelhecimento

Avaliação subjetiva da homossexualidade enquanto questão de identidade:
- Condição social de homem / mulher
- Condição social de masculinidade / feminilidade

Avaliação subjetiva da importância de conquistas históricas:
- Voto
- Participação cívica
- Saúde materno-infantil
- Aborto
- Ocupação do espaço público: trabalho, lazer
- (In)tolerância social à partilha de espaços públicos
- Apresentação do eu e do corpo no quotidiano
- Outros



Estratégias para a superação dos constrangimentos relativamente à adoção por casais *gays* e *lésbicos*

Discussão pública

Avaliação subjetiva quanto aos contributos para a superação do problema:

- *Media*
- Assembleia da República
- Associações
- Igreja
- Debates
- Captação dos argumentos e justificação das diferentes posições

Referendo

Avaliação subjetiva quanto a referendar a adoção:

- Positiva (compreensão, aceitação)
- Negativa (contestação, indignação)
- Indiferença
- Captação dos argumentos e justificação das diferentes posições

Prática da adoção antes da sua regulamentação

Avaliação subjetiva quanto à legislação da adoção em Portugal, no que concerne ao facto de só poderem adotar duas pessoas se estas forem de sexo diferente, casadas ou em união de facto há mais de 4 anos:

- Positiva (compreensão, aceitação)
- Negativa (contestação, indignação)
- Indiferença
- Captação dos argumentos e justificação das diferentes posições
- Outros

Denúncia da dominante heterossexual no Estado e sociedade

Avaliação subjetiva da posição face à dominante heterossexual do Estado e sociedade:

- Omissa / acusação / denúncia / indiferença / aceitação
- Estado patriarcal: confusão entre cidadania, identidade de género e identidade sexual (heterossexual)
- Sociedade vivencia conflitos entre a diversidade: cidadania, identidade de género e identidade sexual
- Outros

APÊNDICE I: Recategorização dos itens da grelha analítica

Na categoria analítica da homossexualidade incluímos os conteúdos dos seguintes itens da grelha analítica: avaliação subjetiva da homossexualidade enquanto doença mental; avaliação subjetiva da homossexualidade enquanto anormalidade/contranatura; avaliação subjetiva da longevidade e qualidade das relações; avaliação subjetiva da alegada relação entre homossexualidade e comportamentos aditivos; avaliação subjetiva da alegada relação entre homossexualidade e hereditariedade; avaliação subjetiva da alegada relação entre homossexualidade e religião; avaliação subjetiva da homossexualidade enquanto expressão normal e saudável da sexualidade; e avaliação subjetiva da homossexualidade enquanto questão de identidade.

Já na categoria analítica da discriminação e homofobia incluímos os conteúdos dos seguintes itens da grelha analítica: avaliação subjetiva quanto à discriminação dos filhos de casais do mesmo sexo; e avaliação subjetiva da posição face à dominante heterossexual do Estado e sociedade.

No que respeita à categoria analítica da adoção por casais do mesmo sexo incluímos os conteúdos dos seguintes itens da grelha analítica: avaliação subjetiva da adoção por casais do mesmo sexo como meio para dar um lar a crianças institucionalizadas; avaliação subjetiva quanto às competências parentais das famílias homoparentais comparativamente às heterossexuais; avaliação subjetiva quanto ao desenvolvimento das crianças educadas por homossexuais comparativamente às educadas por heterossexuais; avaliação subjetiva quanto às condições necessárias para adoção; avaliação subjetiva quanto a referendar a adoção; e avaliação subjetiva quanto à legislação da adoção em Portugal.

Por fim, na categoria analítica dos contributos para a superação do problema incluímos, respetivamente, os conteúdos do item da grelha analítica relativo à avaliação subjetiva quanto aos contributos para a superação do problema.

É, ainda, de salientar que não houve qualquer menção por parte dos entrevistados aos seguintes itens da grelha analítica: avaliação subjetiva da homossexualidade enquanto distúrbio no desenvolvimento da personalidade; e avaliação subjetiva da importância de conquistas históricas. Posto isto, passamos à apresentação dos resultados.

APÊNDICE J: Transcrição da entrevista a Fabíola

Santarém, 25 de março de 2015

Fabíola Cruz Neto Cardoso

42 anos

Licenciada

Professora

Vanessa – Quanto à entrevista concretamente, a questão, tal como já lhe disse, centra-se na adoção por casais de pessoas do mesmo sexo. O que eu gostaria era, basicamente, de lançar o tema no ar e dar-lhe toda a liberdade para refletir sobre o tema, sobre o que pensa sobre o assunto, tendo sempre em conta o impedimento legal e todos os constrangimentos que este causa, também pelo modo como é vista a homossexualidade ainda atualmente e o casamento e a adoção, conseqüentemente.

Fabíola – Eu acho que esta questão tem muitas abordagens e análises e acho que neste momento é uma das grandes questões onde ainda é possível termos consciência do profundo grau de homofobia que existe quer na sociedade no geral, quer nos termos dos seus instrumentos de regulação, nomeadamente as leis, porque muitas vezes não é fácil encontrar evidências de homofobia na própria lei e aqui temos uma situação em que isso acontece, em que isso é explícito, as pessoas são proibidas por lei, neste momento, em Portugal; são proibidas de, se viverem com uma pessoa do mesmo sexo, portanto, se se assumirem como estando num casal de pessoas do mesmo sexo, são proibidas por lei de adotar. Acho que isto é uma manifestação explícita da homofobia da sociedade, mas também é uma manifestação da homofobia da sociedade em termos culturais, é tacitamente ainda aceite por muita gente, nós assistimos a estes debates na televisão, nas notícias que saem, comentários nas redes sociais, as conversas no café. Acho que ainda há, culturalmente, uma aceitação muito tácita, motivada por motivos de ordem religiosa, nalguns casos, motivada por motivos de preocupações com o desenvolvimento psicológico das crianças, motivada também com questões relacionadas com o seu desenvolvimento social, com a maneira como as outras crianças e a própria sociedade vai encarar essas crianças. Portanto, há uma aceitação, dizia eu, desta visão denotada das coisas. Portanto, há uma aceitação da homofobia, também em termos da sociedade. Até diria que há, também, uma manifestação da homofobia, ainda que já alterada, já

menor, da própria comunidade LGBT, das próprias pessoas que se identificam enquanto lésbicas, *gays*, bissexuais ou transexuais, porque eu conheço pessoas que continuam a dizer que, pronto, a sociedade ainda não está preparada para que eles possam adotar e que “*coitadinhas das crianças*” e que, de facto, é uma situação complicada em termos de como é que se processa o desenvolvimento psicológico; ou seja, os próprios LGBT são, de alguma maneira, também, ainda que menos, ainda que a evoluir mais rapidamente do que a sociedade no geral, mas são também eles muito homofóbicos. Portanto, acho que a questão da adoção por pessoas do mesmo sexo neste momento é um dos pilares, as questões da parentalidade são um dos pilares para o qual a homofobia recuou e onde ela ainda está instalada na sociedade portuguesa, porque, e sabendo que o estudo é precisamente sobre adoção, mas podíamos e podemos, penso eu, alargar esta reflexão não só às questões da adoção, mas a todas as questões relacionadas com procriação medicamente assistida, relacionadas com barrigas de aluguer, com procriação por sub-rogada pessoa, ou inclusivamente o reconhecimento de situações de parentalidade que existem na sociedade portuguesa e vão existir cada vez mais quando as pessoas conseguem, por exemplo, fazer uma inseminação artificial, seja ela caseira ou de banco, em Portugal ou no estrangeiro, não há também o reconhecimento dessas situações de parentalidade. Portanto, eu acho que as questões de parentalidade no seu todo são, neste momento, o grande reduto a que podemos associar, talvez, as questões das Forças Armadas, dos militares, mas são, de facto, um dos grandes redutos da homofobia; e quando falo em homofobia eu não quero cair em nenhuma situação complicada, quando falo em homofobia falo em discriminação; quando falo em homofobia falo na noção que muitas pessoas ainda não têm de que a homossexualidade é uma coisa natural, que a homossexualidade é um fenómeno normal, que a homossexualidade é uma prática transversal a todas as culturas, a todas as sociedades, ao longo de todo o tempo histórico que nós temos conhecimento. E não aceitar esta orientação sexual como uma coisa normal, natural e universal, não só na espécie humana, mas em muitas outras espécies, é, para mim, uma manifestação de homofobia. Portanto, é o entendimento de que há alguma coisa de errado, de que é indesejável, de que se deve limitar ou bloquear ou tentar impedir a manifestação dessas situações. Portanto, para mim, o grande problema, articulado à situação que temos atualmente na sociedade portuguesa, é uma questão de homofobia.

Vanessa – Posso só perguntar-lhe... essa questão da homofobia, tanto presente ao nível do próprio Estado, da sociedade e, como referiu, da própria população LGBT, como é que a faz sentir?

Fabiola – Eu sinto-me completamente injustiçada, sinto-me... sinto que é uma posição incorreta, sinto que a maneira como o Estado, a sociedade, os *media*, os estereótipos que existem é injusta, é incorreta, é humilhante para as pessoas. Foi extremamente... eu tenho alguma dificuldade em falar de como me sinto perante as coisas, mas talvez uma situação concreta seja mais fácil. Por exemplo, foi votada mais uma vez, há pouco tempo, uma proposta de lei, no Parlamento Português, relativamente à possibilidade de co-adoção. O dia da última votação coincidiu com o dia em que houve greve na função pública, portanto, nesse dia, eu e os meus filhos estávamos em casa, porque eu sou professora e a escola onde eles têm aulas e onde eu leciono esteve fechada, encerrou devido à greve. Nós tivemos o prazer ou desprazer de poder assistir em direto à votação no canal do Parlamento na televisão... e foi um momento horrível. É muito mau, não só como pessoa, mas como mãe, ter de explicar aos meus filhos porque é que eles são colocados pela sociedade, pelas leis, por aqueles senhores todos engravatados e bonitos que estão lá, numa situação que é, no meu ponto de vista e no ponto de vista deles também, de injustiça, de desigualdade, de discriminação. Eu penso que me sinto como outras pessoas já se devem ter sentido ao longo da história, e ainda se continuam a sentir, infelizmente, quando são discriminadas com base na raça, quando são discriminadas com base na religião, quando são discriminadas com base na sua própria identidade de género. Acho que há aqui uma igualdade de injustiças e tem havido um movimento de evolução social, cultural, política, no sentido do reconhecimento da igualdade dos direitos entre homens e mulheres, entre brancos e negros, entre pessoas de religiões diferentes. Penso que essa luta, este processo, ainda não está terminado em relação às pessoas de orientação sexual não-heterossexual, penso que temos um profundo heterossexismo ainda vigente na sociedade, que nos diz “*este é o caminho correto: um homem e uma mulher casam, têm filhos*” e esta pressão, que reconheço que é menor do que a que existia há quinhentos ou cem anos atrás, tenho plena consciência disso, aliás, digo muitas vezes quer em conversa com os meus filhos, quer aos meus alunos, que eu há quinhentos anos atrás já teria sido queimada numa fogueira; tenho perfeita consciência de que a situação está muito melhor, mas também tenho perfeita consciência de que a situação em Portugal, apesar de todos estes constrangimentos, é

uma situação provisória, comparada com outros países, por muitas razões, não só por causa da minha orientação sexual, mas até pelo facto de ser mulher, e por várias outras razões, mas, ainda assim, essa situação não é uma situação de reconhecimento dos direitos humanos, da igualdade de direitos entre todas as pessoas, não é uma situação de cidadania plena. É-me proibida, em função da minha orientação sexual, a possibilidade de ter uma família, nomeadamente através da adoção. Pior ainda, porque podemos dizer “*ok, há uma pessoa a ser discriminada*”, mas, na minha situação pessoal, uma coisa que me deixa profundamente magoada, ofendida, revoltada, é que, mais do que eu ser discriminada, eu ser considerada uma cidadã de segunda, esse efeito de discriminação estende-se, neste caso, aos meus filhos. São as crianças, no meu caso pessoal, as minhas crianças, que não veem a sua família reconhecida e, por analogia, numa situação de adoção, não só os homossexuais, *gays* ou lésbicas, são não admitidos à instituição da adoção, como, principalmente, são as crianças que estão nas instituições, que não lhes é dada a possibilidade de ter como família pessoas que as amariam, que as cuidariam, e que muito delas gostariam, de estar presente, de as ter na sua vida. Portanto, estas leis, estes constrangimentos, esta situação de homofobia prejudica não só aqueles que pretende silenciar e oprimir, que são *gays*, lésbicas, bissexuais e transexuais, mas principalmente, do meu ponto de vista, principalmente é prejudicial para as próprias crianças, nomeadamente, falando de adoção, aquelas crianças que estão institucionalizadas e que não veem o seu direito a uma família reconhecido. Eu penso que, muitas vezes, e ouvimos nos discursos, nos debates, a defesa do superior interesse da criança... eu acho que é uma hipocrisia profunda; eu acho que essas pessoas (eu já tive a possibilidade de confrontar algumas dessas pessoas cara a cara) muito dificilmente no final de uma conversa são capazes de manter a sua posição, porque o seu pré-conceito tem a ver com ideias estereotipadas do que é que são as coisas. Se elas conhecessem as pessoas, se elas conseguissem deixar o seu preconceito de lado e olhassem, de facto, para as pessoas, se viessem a minha casa, se conhecessem os meus filhos, se conhecessem a minha vida, se tivessem pessoas na família, no trabalho, no emprego, veriam que não há nada de substancialmente diferente entre uma mãe que por acaso é lésbica e uma mãe que por acaso é heterossexual. Eu não sou melhor ou pior mãe do que a minha irmã que é heterossexual, nem do que a minha vizinha que é heterossexual. A orientação sexual não é um critério, do meu ponto de vista, determinante para avaliar as capacidades parentais, seja de quem for. Portanto, estas pessoas que defendem este ponto de vista não estão seriamente preocupadas com o

bem-estar das crianças, porque se estivessem, efetivamente, preocupadas com o bem-estar das crianças não prefeririam que elas continuassem institucionalizadas, prefeririam, isso sim, que elas tivessem uma família onde pudessem crescer e ser tão felizes quanto qualquer criança neste planeta tem direito a ser. Essas pessoas defendem, essencialmente, a manutenção do seu próprio sistema de valores, de referências, de crenças e apegam-se a eles, no sentido de impedir uma mudança que é desejável, que é uma mais-valia para a sociedade; e não sou só eu que digo isto, neste momento há já um conjunto quer de práticas de pessoas, *gays* e *lésbicas*, que criaram pessoas, quer um conjunto de experiências e de realidades de outros países, europeus e mundiais, que permitiram a adoção por casais do mesmo sexo e não aconteceu nenhum cataclismo social, não houve nenhuma revolução relativamente à organização da sociedade nesses países! Portanto, acho que essas pessoas, de facto, em nome dos seus próprios pré-conceitos, em nome dos seus próprios medos, em nome da sua própria homofobia e da sua insegurança com a sua própria vida impedem estas crianças de ser mais felizes, de ter um dos direitos básicos da Declaração Universal dos Direitos Humanos e da Declaração dos Direitos da Criança, que é ter direito a uma família. Portanto, acho que há, de facto, aqui, um grande mal-entendido, e quando vêm dizer que defendem a família... eu tenho aí o meu nível de vontade de bater em alguém, sobe ainda mais. Eles não defendem a família... defendem um conceito arcaico, desfasado da realidade, do que é que é a família. Para mim, aquilo que faz uma família é a responsabilidade, é o amor, é o apoio que se estabelece, as redes que se estabelecem entre as pessoas, de respeito, de apoio, de ajuda; e essas redes não são exclusivas das pessoas heterossexuais, muito pelo contrário... eu venho de uma família heterossexual, profundamente destabilizada por *n* de questões (também não foi isso que causou a minha orientação sexual, senão as minhas duas irmãs também seriam homossexuais), mas não é por aí: há famílias heterossexuais que são perfeitamente funcionais e seguras e uma mais-valia para as pessoas que lá estão e outras que são um perigo para as pessoas que lá estão e que são uma causa de ameaça; e haverá também, certamente, famílias de pessoas do mesmo sexo que são melhores e outras que são menos boas, mas, penso eu, que não será por causa da orientação sexual das pessoas; até digo mais, todos os estudos, ou grande parte dos estudos que existem, apontam que o maior fenómeno de perturbação no desenvolvimento destas crianças que crescem em famílias do mesmo sexo não são as relações ou a falta de relações que se estabelece dentro da família, mas por vezes é a pressão social exterior, ou seja, se a sociedade não está preparada compete

à sociedade preparar-se. Eu não posso aceitar um episódio de racismo numa turma minha ou no café porque a sociedade não está preparada. Compete ao Estado Português tomar medidas antirracistas, educar nas escolas quando há discriminação, ter leis que proíbam e que penalizem a discriminação com base na raça; e também compete ao Estado Português atuar nas escolas, que há mecanismos de vigilância, de supervisão, de mudança social, relativamente à orientação sexual; compete ao Estado Português ter leis que penalizem não os homossexuais, mas que garantam a segurança, que garantam a proteção, que garantam a integridade física e psicológica das pessoas que têm uma orientação sexual não-heterossexual; é uma responsabilidade das escolas, é uma responsabilidade das instituições, e digo mais, é uma responsabilidade, até, das próprias religiões. No outro dia, eu sou professora, uma colega minha de Moral perguntou-me se eu ia com ela a uma visita de estudo com crianças do 7.º, 8.º e 9.º, eu disse que sim, peguei na agenda e disse *“olha, não sei, vou ver, vou tentar conciliar, ver se consigo aqui com os meus miúdos”*, *“ah, os teus miúdos também podem vir”*. Ela sabe da minha orientação sexual, sabe que eu sou lésbica. Estava uma outra colega nessa reunião que no fim da reunião me veio dizer *“pá, tu dás-te muito bem com aquela colega, estou espantada, então mas ela não sabe da tua orientação sexual?”*, *“sabe”*, *“então, mas ela é professora de religião moral”*, *“qual é o problema? Achas que ela está a fazer mal? ela está a fazer bem. O que ela está a fazer é um entendimento correto daquilo que é a mensagem de amor e de respeito pelo próximo, que a religião católica e todas as religiões pregam. Eu não tenho problema nenhum, ela foi a primeira pessoa nesta escola, há mais de 15 anos, a quem eu falei sobre a minha orientação sexual, exatamente numa outra visita de estudo que fizemos há 15 anos atrás, mas nunca foi isso que impediu o nosso relacionamento”*. É também uma função das próprias religiões e das pessoas que têm fé e que acreditam num Deus de amor, de diálogo, de responsabilidade, defender a possibilidade da existência de famílias de toda a espécie, do mesmo sexo, de sexo diferente, reconstruídas, monoparentais... todas as pessoas têm direito ao reconhecimento pleno, à felicidade, ao reconhecimento social das suas formas eleitas de organização social. Eu acho que a minha colega entende isso... infelizmente, ainda há muitas pessoas, em muitos sítios, na sociedade, na cultura, nas religiões, nas leis, que não entendem assim. Eu também acredito que o desenvolvimento, a evolução, a história acabará por dar razão às pessoas que têm uma perspetiva mais abrangente, mais alargada, mais moderna, digamos assim, mais respeitadora da liberdade individual. Acho que temos evoluído nesse sentido e espero que continuemos a evoluir, porque, de

facto, esta situação é profundamente insustentável. Imagine o que é qualquer pessoa, e voltando ao início daquele dia em que ficamos em casa e vimos na televisão, os meus filhos diziam “*eu devia ir lá*”.

Vanessa – Quantos anos têm os seus filhos?

Fabiola – Ele tem 12 e ela tem 10. A minha filha, em particular, tem 10 anos, é mais nova, mas é mais expressiva. Ela dizia “*eles não percebem nada, eles não sabem nada, eu devia ir lá falar com eles, eles não sabem do que é que estão a falar, eles não sabem que vocês são as melhores mães do mundo, eles deviam vir cá e falar connosco*”... É, de facto, uma situação revoltante, que magoa, que ofende. Eu considero-me uma cidadã que contribui muito positivamente para a sociedade em que se insere, quer profissionalmente, quer em termos de relacionamentos na comunidade, quer em termos de intervenção cidadã, eu considero-me uma pessoa que é uma mais-valia para a sociedade e é muito mau quando depois a sociedade nos diz “*tu não tens direito a isto, os teus filhos não têm direito a isto, tens de dizer aos teus filhos, eles têm de saber que não te é reconhecido esse direito*”. É perpetuar o preconceito, é perpetuar a discriminação, é perpetuar um Estado que não é um Estado de Direito, não é um Estado de Justiça, o Estado que nos é dito que as sociedades almejam e pretendem. Agora, também sei que as mudanças não fazem muito sentido vindas de cima para baixo; também sou capaz de entender que toda esta discussão que houve nos últimos anos, relativamente às questões da união de facto, primeiro, relativamente ao casamento, depois, agora relativamente às questões da co-adoção, também provocam profundas mudanças sociais. Hoje em dia diz-se *gay* ou *lésbica* ou diz-se *homossexual* num café e já não para tudo. Há 10 ou 20 anos atrás não era assim, há 10 ou 20 anos atrás ouvia, eu, muito mais opiniões boçais das pessoas, de um modo geral. Penso que houve, de facto, um conhecimento maior da realidade, uma reflexão, uma discussão, e apesar de haver muitas pessoas que mantêm posturas mais rígidas, também há, penso eu, um número cada vez maior de pessoas que já têm uma abordagem mais aberta em relação a estas questões. Portanto, não é que eu concorde com o argumento de que a sociedade ainda não está preparada, compete ao legislador, penso eu, abrir novos caminhos; ninguém perguntou, após os 25 de abril, se a sociedade estava preparada para o divórcio, ninguém perguntou no fim da escravatura se a sociedade estava preparada para o fim da escravatura, ninguém perguntou se a sociedade estava preparada para as mulheres

votarem... as mudanças também vão acontecendo por imposição legal e penso que, de facto, esse era o dever do legislador, aliás, penso que houve uma enorme falta de coragem política quando se aprovou o casamento em não se ter feito como em Espanha, onde as questões da parentalidade foram automaticamente associadas ao casamento. Mas eu não acho que... para ter filhos seja obrigatório casar ou que o objetivo principal do casamento seja a procriação, como parece que há quem ache, mas, apesar disso, acho que teria sido um bom momento, uma boa maneira de resolver dois assuntos de uma vez e de conseguir, de facto, sem causar grande polémica, resolver este assunto. Infelizmente, não foi assim. Penso que não foi assim por vontade política do governo da altura, nomeadamente o PS, no sentido de rentabilizar este assunto e ficar com um trunfo na manga para apresentar em próximas iniciativas, que penso que é isso que vai acontecer agora, nas próximas legislativas, o PS vai apresentar, de facto. Até os próprios partidos políticos, e isso era uma questão interessante, evoluíram muito positivamente na abordagem que fazem a este assunto. Acredito que no próximo programa eleitoral do PS estará explícita a questão da adoção por pessoas do mesmo sexo; é possível que isso aconteça, como já aconteceu, e outro partido que tem liderado e que tem sido uma alavanca de todos estes assuntos, nomeadamente das questões da parentalidade, mas é possível até porque o próprio PC, que votou favoravelmente já na última proposta da co-adoção, que o próprio PC assuma a defesa destas questões. Portanto, tem havido uma evolução muito positiva; podia ter sido resolvido logo e, penso eu, devia ter sido resolvido logo quando foi a questão do casamento, não foi... há aspetos negativos, certamente; se calhar os meus filhos nunca se esquecerão desses aspetos negativos e espero que não tenham de ser eles a resolver o assunto, porque acho que chegará a uma certa altura em que serão as próprias crianças a processar o Estado Português e a exigir o reconhecimento da sua família, que é uma coisa atroz, que as pessoas não conseguem colocar-se no lugar dos outros, imaginar o que é que é essa situação, mas... não tendo sido aprovada quando o casamento, penso que, apesar de estas derrotas serem extremamente dolorosas a nível pessoal e também social, penso que a sociedade portuguesa tem beneficiado deste atraso, desta dificuldade em fazer aprovar esta legislação, no sentido de haver mudanças. Acho que há um outro aspeto que também é muito importante, aliás, dois aspetos, que é um que diz respeito à própria hipocrisia desta situação: a maioria das pessoas não sabe, e eu sou muitas vezes confrontada com esta questão, que uma pessoa não é proibida de adotar por ser homossexual, ou seja, conhece certamente o enquadramento legal, e é possível a adoção singular por pessoas

que sejam homossexuais. Aliás, como a Constituição Portuguesa, no seu artigo 13.º, prevê e diz explicitamente que é impossível a discriminação das pessoas ou que é ilegal a discriminação das pessoas com base na sua orientação sexual, é inconstitucional que alguém seja discriminado no direito a adotar ou na possibilidade a adotar uma criança com base na sua orientação sexual. Se eu, que neste momento estou sozinha, quiser apresentar um processo de candidatura à adoção, a hipocrisia vigente e o enquadramento legal, que é o reflexo dessa hipocrisia, permite-me enquanto mulher, sendo ou não lésbica, de individualmente adotar uma criança. Isso não é considerado pernicioso nem para a criança nem para a sua integração social, nem para o seu desenvolvimento psicológico, nem para... portanto, é admitido, é considerado correto, é considerado legítimo, é validado pelo Estado Português. Se eu quiser fazê-lo enquanto casal, ou se eu daqui a 6 meses estiver com alguém e quisermos adotar uma criança, isso já não é possível. Há aqui uma hipocrisia profunda relativamente a esta situação, o que nos leva a sair da questão da orientação sexual e ir para uma questão que eu acho que está associada a esta, que é o profundo machismo, a profunda misoginia que ainda graça na sociedade portuguesa. O problema, nomeadamente no que diz respeito às mulheres, passa não só pela questão da orientação sexual, mas passa pelo facto de essas mulheres não serem tuteladas por um homem, não é reconhecido à mulher o direito, a possibilidade, enquanto ser autónomo; a mulher só pode constituir família se estiver validada essa família pela presença de um homem. Isto é uma perspectiva quase medieval da mulher sem direitos, sem possibilidade de escolha, que saía do poder do pai para o poder do marido e não tinha nenhum tipo de autonomia entre uma situação e a outra; não querendo dizer que é isto que acontece na sociedade portuguesa, em termos culturais, que as pessoas pensem assim, mas a prática dessas leis é isso que aponta, é nesse sentido que aponta, é uma falta de autonomia, é um medo profundo ainda do poder, da liberdade, da autoridade, da capacidade de autonomia das mulheres, que me assusta profundamente e acho que isto é uma das razões pelas quais temos de destruir, temos que fragilizar este pilar de heterossexismo e de machismo que ainda está presente no impedimento dos direitos, do exercício dos direitos de parentalidade a todas as pessoas, independentemente da sua orientação sexual. Muitas pessoas na conversa, no café, na família, no almoço não têm noção disto, de que é possível acontecer individual, não é possível enquanto casal. Penso também que isto é uma marca ainda quase do fascismo na nossa sociedade, que é *“tudo é permitido desde que não se diga; tudo é permitido desde que não se saiba; tudo é permitido desde que seja feito com muito*

juizinho, com muito respeitinho” e é óbvio que há pessoas que estão dispostas a fazer este jogo; eu conheço pessoalmente pessoas que adotaram crianças omitindo a sua vida em casal com outra pessoa, criando um outro quarto, criando uma outra casa, criando uma separação temporária. Eu, e se calhar uma nova geração de pessoas, não está, efetivamente, disposta a pactuar com a mentira, a pactuar com o jogo da vergonha, o jogo do medo e dizem “*eu sou cidadã de pleno direito e tenho direito a esta situação, não só por mim mas pelo reconhecimento dos direitos das próprias crianças*”. Acho que isso, aliás, também tem sido uma questão... nós, inicialmente, falávamos muito dos direitos das pessoas em adotar, acho que temos evoluído, eu, pelo menos, tenho evoluído pessoalmente nesse sentido e acho que é muito importante percebermos que não é só o nosso direito que nos é vedado, é essencialmente o direito das crianças; centrar a questão não no direito dos homossexuais em adotarem, mas, efetivamente, no direito das crianças a terem uma família, qualquer que seja essa família. Outra questão que é muito importante é que esta situação cria um conjunto de constrangimentos tão grande, não só às próprias pessoas, mas às crianças, que nós não nos apercebemos como isto é nocivo para a sociedade. Esta situação cria problemas psicológicos, cria problemas sociais, cria depressões, cria situações que são, de facto, muito nocivas para a sociedade no seu todo. Era muito mais fácil, éramos uma sociedade mais feliz, éramos uma sociedade mais equilibrada, éramos uma sociedade mais justa, éramos, talvez, uma sociedade com menos depressões, menos dias de baixa, menos antidepressivos, se, de facto, o reconhecimento destas situações fosse mais claro, se não vigorasse a homofobia, e isto tanto a nível das pessoas que pretendem adotar e constituir família e são *gays* ou *lésbicas*, mas também o contrário: muitos dos delinquentes, muitos dos processos complicados, muitas das situações de abuso sexual, muitas das situações de pequena criminalidade que estão associadas, muitas vezes, a situações de internamento institucional, e eu sou professora, lido com esses miúdos muito na prática desde há muitos anos. Não estou a dizer que todas as instituições façam um mau trabalho, mas às vezes há, de facto, situações muito complicadas de gerir nas instituições; se houvesse a alternativa de mais famílias dispostas a adotar, e pessoas conscientes dessas dificuldades, porque eu penso que *gays* e *lésbicas* quando decidem por um projeto de parentalidade, de um modo geral, são mais conscientes do que os heterossexuais, porque há uma vontade, uma premeditação, no sentido de responsabilidade maior em relação a essas situações. Eu penso que a sociedade no seu todo, de facto, ganhava. Estes constrangimentos todos, de que eu já tenho plena consciência e qualquer pessoa que

reflita um bocadinho sobre ele tem, que se exercem quer sobre os adultos quer sobre as crianças e, nomeadamente, no caso de crianças que têm como os meus filhos duas mães, que não são reconhecidas legalmente, todas as implicações que isto pode ter quer para eles quer para os colegas deles, que não veem esta situação esclarecida, tornam-se ainda muito mais claras quando há uma situação de fragilidade, quando há, por exemplo, e não vou falar de uma morte porque, felizmente, não aconteceu, mas imaginemos: no cenário de uma morte, os meus filhos estavam colocados numa situação frágil, agora talvez menos porque já são relativamente grandes, já podiam falar por si próprios, mas era um medo grande meu quando eles nasceram... se me acontece alguma coisa como é que vai ficar a situação deles? É óbvio que nós não avançamos para isto isoladas, temos famílias de um lado e de outro, e essas famílias têm conhecimento da situação e são suporte e são apoio e, em relação a estas situações, mas tudo está bem quando tudo está bem... imagine que eu ia com a minha companheira no carro e que houve um acidente e eu morria e era ela que ia a conduzir e, por acaso, tinha bebido um copo a mais... talvez a minha família, perante aquela situação já não estivesse tão disposta a entender perfeitamente a situação, e podia achar que o melhor para aquelas crianças era ficar com aquela família que é legalmente reconhecida. Isto era um medo meu, era um medo nosso, que foi ultrapassado criando um testamento, eu escrevi na altura uma carta que dei a várias pessoas, onde manifestava a minha intenção, mas ia ser complicado não havendo o reconhecimento legal.

Vanessa – Legalmente são seus filhos?

Fabíola – Legalmente são meus filhos porque fui eu que os pari. São meus biológicos, são meus filhos, nos documentos de identificação deles não consta o nome da outra mãe, ela legalmente não é absolutamente ninguém na vida deles, o que significa que não tem os deveres, o que é grave numa situação de separação, por exemplo, como aconteceu; por acaso, sempre fomos suficientemente inteligentes e capazes para nos conseguirmos entender, eles neste momento, por exemplo, não estão comigo, estão com ela, foram passar férias com ela; temos aquilo a que chamamos o modelo hétero, que é eles estão comigo durante a semana e ao fim-de-semana, dois fins-de-semana para ela e um para mim, mas tudo isto resulta da nossa boa-vontade e capacidade de entendimento. Não há nenhuma situação de reconhecimento legal da situação e, além disso, *gays* e *lésbicas* não são mais inteligentes ou mais capazes do que os *hétero*; se há

imensos problemas nas regulações de poder parental e nas separações dos hétero, também há aqui. Eu conheço situações de pessoas do mesmo sexo que tiveram uma criança e, havendo uma separação, uma das pessoas foi completamente impedida de ver a criança, completamente impedida e não tinha, legalmente, ponta por onde lhe pegar. Portanto, no meu caso, mesmo não tendo acontecido nenhum problema, tenho muita consciência de que tudo isto resulta de muita inteligência, muito diálogo, muita noção do que é que é, de facto, o interesse das crianças nesta situação, muito altruísmo, muita capacidade de colocar os interesses das crianças à frente dos nossos próprios interesses pessoais, por vezes. No meu caso, essa situação foi tornada ainda mais evidente por uma situação de doença que eu atravessei o ano passado: foi-me diagnosticado um cancro na mama e todo o processo que daí adveio... eu reagi muito mal à quimioterapia e, sendo uma pessoa completamente saudável, energética e capaz, de repente vejo-me numa situação de fragilidade e de incapacidade de satisfazer as necessidades dos meus filhos, coisas tão simples como fazer comida, levar à escola, trazer da escola, levar à piscina... e apercebi-me, nessa situação, que, além do perigo de uma amor, que poderia acontecer, existem alguns impedimentos muito práticos. Como é que alguém que não é ninguém àquelas duas crianças justifica uma falta perante uma entidade patronal? Eu tive que ser internada de emergência, estive uma semana no hospital; a outra mãe daquelas crianças não tem nenhuma justificação legal para faltar, no entanto peguei no telefone e disse *“olha, vem para cá que eu não vou sair do hospital”*. Os meus filhos fizeram-no, assim que se aperceberam ligaram-lhe, falaram com ela, e depois como é que isto se justifica? Como é que se justifica a falta dela no local de trabalho dela ou então, mesmo que ela pegasse nos miúdos e os levasse para Lisboa, onde mora, como é que se justifica as faltas deles aqui à escola? Aquela pessoa não existe na vida daquelas crianças... quem é que é principalmente prejudicado no meio de uma situação destas? Nem sequer sou eu, são essencialmente as crianças que são colocadas numa situação de fragilidade, de vulnerabilidade, de eventual desproteção, por não reconhecimento da sua família de coração, de amor, de responsabilidade das pessoas que eles sabem que cuidam deles e que toda a sociedade sabe. A minha ex-companheira faltou ao trabalho, porque a entidade patronal dela sabe que ela tem dois filhos, mas sabe também que tem dois filhos que não são reconhecidos pela legislação portuguesa. Agora, os interesses, os direitos, a qualidade de vida, não só minha e dela, mas das nossas crianças, destas crianças e de muitas outras espalhadas por este país, não podem estar dependentes do entendimento, da boa-vontade, da disponibilidade, do bom coração de quem quer que

seja. Os direitos dos meus filhos devem ser reconhecidos por lei neste país, porque eles são tão cidadãos como os filhos da minha irmã ou da minha vizinha, e a minha orientação sexual não pode ser um estigma sobre eles.

Vanessa – O facto que referiu há pouco de ninguém ter perguntado se a sociedade estava preparada para a abolição da escravatura e perguntarem se a sociedade, tentarem vá, através do referendo que o Tribunal Constitucional não aprovou, sobre a adoção e a co-adoção... como é que essa diferença de tratamento a faz sentir? Quais foram as suas reações sobre isso?

Fabíola – A minha reação é completamente de choque, de espanto e incredibilidade perante o nível de estupidez, o nível de falta de consciência e de falta de reflexão, que poderia até justificar e poderei entender em pessoas com uma formação e uma educação de um nível cultural mais baixo, até poderei entender e desculpar... mas que é completamente inadmissível, que é completamente indesculpável com pessoas que são pessoas com uma reflexão, pelo menos com a obrigação de terem uma perspetiva histórica, sociológica de reflexão sobre o mundo, que são as pessoas que têm poder de decisão a vários níveis. É completamente... eu não posso aceitar que essas pessoas não percebam o que é que estão a fazer. Podia dizer “*ok, eles pensam que estão a defender os interesses das crianças, coitadinhos, não pensaram bem no assunto*”, não! Essas pessoas pensaram, certamente; essas pessoas não têm uma perspetiva de democracia, de liberdade; essas pessoas têm uma perspetiva fascizante, uma perspetiva completamente destrutiva, preconceituosa, que pretende impor os seus valores limitados e restritos ao resto da sociedade. Pretender referendar direitos básicos, ainda por cima não é das pessoas, nem é dos adultos; direitos básicos das crianças! Quem são eles para decidir, em nome de uma criança, se essa criança pode ou não ter outro tipo de família? Quem são eles para achar que a orientação sexual é um critério suficientemente forte ou distintivo ou diferenciador das pessoas, para que a orientação sexual seja um critério considerado válido ou não? Onde é que se baseiam? Quais são as provas de análise social da realidade? Quais são as provas científicas, de que ciência, de que base é que há para fazer, para pretender fazer uma coisa dessas? E muitas vezes as pessoas não se apercebem que, de facto, se levarmos isto a um extremo, então deveríamos impedir a adoção de pessoas que não fossem brancas, com o tamanho tal e com a cor dos olhos tal, com um conjunto de características absolutamente estereotipadas. Isto é

completamente... já nem é fascismo, é nazismo, é uma ideologia completamente assustadora! *“Ah, mas as crianças...”*, não são as crianças, são as famílias que estão a ser discriminadas, e então vamos impedir o quê? Alguém aceitaria que passasse uma lei a dizer que as pessoas negras não podem adotar neste país? Vamos impedi-los de adotar, porque existe racismo, existe discriminação, vamos impedi-los de adotar... e isto seria considerado inadmissível em qualquer país do mundo. Portanto, discriminar alguém com base na sua cor de pele é completamente inadmissível, politicamente incorreto, mas discriminar alguém com base na sua orientação sexual é perfeitamente admissível, normal! Agora, explicar isto e fazer entender isto a um número cada vez maior de pessoas... é uma profunda mudança cultural, social, psicológica, que eu penso que se está a dar, mas que também não é fácil de acontecer. É, de facto, humilhante enquanto pessoa, por isso o meu percurso de vida tem sido muito no sentido de ser uma pequena ajuda, um pequeno contributo para esta mudança, que eu acho que será uma mais-valia, não só para mim, porque possivelmente a minha vida vai ser de luta, de luta, de luta, de luta, mas principalmente para as gerações que vêm a seguir e para um mundo mais justo, mais livre, em que as pessoas... Há aqui outra grande questão: homofobia também significa medo. E eu pergunto muitas vezes e às vezes pergunto mesmo diretamente às pessoas *“de que é que tens medo? Porque é que este assunto é tão ameaçador?”*. E quando vamos ao fundo da questão, muitas vezes percebemos que aquilo que as pessoas temem são os seus próprios medos, aquilo que as pessoas temem as suas próprias inseguranças, aquilo que as pessoas dizem *“então vamos todos ser homossexuais”*... mas isto revela o profundo, além de desconhecimento, um profundo medo. A orientação sexual, ainda hoje, apesar de todo o avanço técnico e científico, nós não conseguimos explicar qual é a causa da orientação sexual. Quando me perguntam *“porque é que és lésbica?”*, eu quase sempre devolvo a pergunta *“e tu, porque é que és hétero?”*. Quando alguém me conseguir explicar porque é que alguém é hétero, possivelmente conseguirei explicar porque é que alguém não é. Eu tenho duas irmãs, cresceram no mesmo lar, no mesmo enquadramento social e familiar, tiveram os mesmos problemas, as mesmas questões e as mesmas alegrias do que eu e, no entanto, são as duas hétero. Porquê? O porquê é tão relevante no meu caso como no caso delas, elas são pessoas que têm o direito a viver a sua vida. A homossexualidade não é contagiosa, não se passa nem pela água, nem pela pele, nem pela educação, e se alguém sabe isto são os próprios homossexuais, porque o vivem, porque o sentem na pele. Outro grande medo é que os homossexuais pretendam contagiar, seja através do

exemplo, seja através da educação, esta orientação sexual aos seus filhos. Isto é completamente absurdo e, mesmo que isso acontecesse, mesmo que os filhos de homossexuais fossem homossexuais, isso não tinha mal nenhum, porque a homossexualidade não é um problema, a homossexualidade não é uma doença, não é um problema social; a homofobia sim, a homofobia é um problema social que causa mortos e depressões e rejeição e discriminação e expulsões de casa e violência! A homofobia é um grave problema social, a homossexualidade não é um problema social. A homossexualidade cria pessoas... como as outras, que trabalham, que amam, que têm ilusões e desilusões, alegrias e tristezas, mas são pessoas, com uma característica que as diferencia, da mesma maneira como pessoas que têm cabelo encaracolado ou cabelo liso e seria completamente ridículo discriminar alguém com base nisso. Mas mesmo que os filhos de homossexuais fossem homossexuais não haveria aí nenhum problema... acontece que não é isso que se verifica. Eu conheço crianças que foram criadas, que hoje já são adultos, já são pais; tenho amigas que são lésbicas, que já são avós, e os filhos delas uns são hétero, outros são *gays*, como há lésbicas: uma percentagem que, diz-nos a ciência e os estudos feitos noutros países há muitos anos, que se aproxima da média daquilo que é das outras famílias. Portanto, não há nenhuma alteração significativa da orientação sexual dos filhos ou das crianças que são criadas por pessoas do mesmo sexo, continuam a ter uma diversidade de orientação sexual, que é o natural na espécie humana, existem *gays* e lésbicas! Eu fui criada numa família heterossexual, a maior parte dos *gays* e das lésbicas que eu conheço foram criados em famílias heterossexuais! Eu, quando descobri que era homossexual, não conhecia o conceito; eu tive que ir ler porque eu não sabia que existiam *gays* ou lésbicas; eu tenho 42 anos, e quando eu descobri, a primeira vez quando tive qualquer vislumbre, eu não conhecia o conceito, a palavra, a ideia; nunca ninguém me tinha falado disto. Portanto, não é escondendo as coisas, não é omitindo as coisas, nem é passando as coisas numa imagem estereotipada, preconceituosa, negativa, criando um ostracismo social, criando uma pressão de punição, criando uma opressão, que é isso que faz a homofobia.

Vanessa – Acredita que essa pressão social também afeta depois, não falando já dos filhos, mas a própria relação homossexual com a sua companheira, por exemplo? Se a pressão social, se o modo como as relações homossexuais são encaradas por algumas pessoas, como doença e por aí, se afetam mesmo as relações, devido também ao pré-

conceito de que as relações homossexuais têm uma durabilidade talvez diferente e a nível de qualidade também...

Fabíola – A homofobia afeta toda a gente, toda a gente, toda a gente, toda a gente... qualquer pessoa está permanentemente sob pressão, o olho escrutinador da homofobia. Dois rapazes que são muito amigos e dão por um abraçado ao outro param e “*ai ai, ai ai que alguém pode estar a interpretar isto mal*”. A homofobia está presente no dia-a-dia de todas as pessoas, da sociedade, e afeta negativamente todas as pessoas, sejam elas heterossexuais, homossexuais ou *wherever*. É um peso permanente e constante sobre todas as pessoas, que se exerce ainda mais eficazmente e que exerce ainda mais pressão sobre as pessoas que são *gays* ou lésbicas, porque eles sabem que correm o risco de ostracismo social, correm o risco de despedimento, correm o risco de violência física. Os dados estão aí, em Portugal e nos outros países, a homofobia, a discriminação é um fator silenciador, opressor, limitador, causador de doença mental, de doença física, em todas as pessoas, e principalmente em *gays* e lésbicas. Traduzindo isto depois em termos de relação, a homofobia afeta todas as relações, um casal heterossexual é afetado pela homofobia: se ele desata a chorar porque a mãe morreu, ela vai-lhe dizer “*não sejas maricas, reage, és um homem ou quê?*”; no dia da noite de núpcias, se o bar do hotel estiver fechado, ou se não houver hotel, ele vai dizer “*então não preparas aí uns ovos mexidos?*”, se ela disser “*eu não sei cozinhar*”, ele vai olhar para ela com um ar muito estranho. A homofobia afeta todas as relações... e também afeta, principalmente, as relações entre *gays* e lésbicas, a muitos níveis. Não é à toa que há pessoas, *gays* e lésbicas, que acham que eles próprios não são capazes de educar uma criança e que não têm... beberam essa homofobia. Todos nós crescemos nesta sociedade homofóbica; as pessoas às vezes dizem “*eu não sou homofóbica*”, eu sou! Eu, Fabíola Cardoso, 42 anos, ativista desde os 17, eu dei por mim mais do que uma vez a dizer “*vá lá, não sejas maricas*”, eu! Apetecia-me chicotear a seguir, mas está cá, bebemos deste caldo, é a cultura que temos. Uma vez encontrei uma amiga com quem me tinha cruzado numa marcha e vi-a num hipermercado, e pensei “*eu conheço esta de algum lado... ela é lésbica? Deve ser lésbica, acho que a vi no outro dia na marcha*”, depois veio uma menina pequenina ter com ela “*mamã, mamã*” e eu pensei “*olha, enganei-me, não deve ser ela*”; depois pensei “*Fabíola, como é que tu achas que por alguém ter uma criança já não é lésbica? Mas que raio de nível de homofobia estúpido é este?*”, está dentro de mim! Se eu que ando nesta luta há 20 anos, que já li montanhas de coisas, que já fui a

montanhas de congressos, que já falei para milhares de pessoas, que já dei a cara... ainda está dentro de mim, profundamente arreigada, a homofobia? Como é que não está nas outras pessoas? Está, está sempre! E isso também levamos para a cama... também o levamos com a pessoa que está connosco, e muitas vezes as pessoas não têm confiança suficiente em si, porque lhes foi dito, desde sempre, que ser homossexual era incompatível com ser pai ou ser mãe, que essa pessoa é uma pessoa leviana, promíscua, inconstante... essa pessoa não tem autoconfiança suficiente e, mesmo quando tem confiança em si, por vezes não tem confiança na outra pessoa, não tem confiança na relação, também não tem apoio legal nenhum, não tem enquadramento legal, não tem enquadramento social. Quando a minha irmã chegou a casa a dizer *“eu estou grávida”*, a minha mãe abriu os braços e disse *“ó filha, vai ser tão bom! Agora como é que vai ser? Como é que vais combinar tudo com ele? Vocês nem são casados...”*, mas disse *“vai ser tão bom”*; quando eu cheguei a casa a dizer que queria ter filhos, a minha mãe perguntou *“porquê?”*; não perguntou à minha irmã, que é hétero, porquê; ela estava a estudar, eu estava a trabalhar; ela estava com uma pessoa com quem não vivia, só namoravam, eu vivia com a minha companheira... mas foi a mim que a minha mãe perguntou porquê! Porque, na cabeça dela, eu ser lésbica era incompatível com ser mãe. Isto são profundas mudanças sociais que vão demorar décadas a acontecer, e nós também levamos isto para os nossos quartos, também levamos esta falta de confiança, esta noção da nossa vulnerabilidade, da vulnerabilidade das nossas relações... quando alguém está numa relação hétero e tem problemas, toda a gente se junta à volta dessa pessoa, para a apoiar, para dar conselhos, *“ó filha, não te preocupes, isso passa, ele é homem”*; quando numa relação de pessoas do mesmo sexo têm problemas, talvez não seja bem a mesma coisa, talvez algures lá aja uma coisinha que diga *“se elas se separarem pode ser que ela arranje um homem”*... é um constrangimento, é uma pressão, é uma situação que nos vulnerabiliza, por isso, muitas vezes, gays e lésbicas nem sequer pensam como hipótese em ter filhos, está excluído do universo de potencialidades, do universo de possibilidades da sua cabeça. Mas isso também está a mudar... isso também está a mudar, e cada vez mais pessoas acreditam em si, nas suas relações e nos seus companheiros o suficiente para dizer, independentemente de tudo isto, e não é num ato de irresponsabilidade, ou de egoísmo ou, como eu também já ouvi dizer, *“ah, eles querem ter filhos por capricho”*. Capricho? Alguém diz que quer ter um filho por capricho, sabendo o que é que vai enfrentar, sabendo que tem de preparar uma criança, que tem de educar uma criança para uma sociedade, ela sim, errada em muitas

coisas; sabendo que ela pode enfrentar na escola, nos escoteiros, comentários? Ter um filho e expô-lo dessa maneira... é preciso ter muita força, é preciso ter muita consciência, o facto de sentir-se capaz. E, no meio desta conversa toda, falta, respondendo à sua pergunta, isto afeta, sim, as relações, afeta sim. E é preciso muita coragem. Felizmente, há cada vez mais pessoas, homens, para quem a situação da parentalidade é ainda mais complicada, mas também muitas mulheres que estão a dizer “*nós somos capazes, nós vamos fazer isto e vamo-nos divertir a fazê-lo e é uma aventura maravilhosa e vai correr tudo bem e o mundo mudou*”. Há uma cena num filme que é um clássico, que se chama *Amor no Feminino*, são três histórias curtas: uma começa nos anos 50, a outra nos anos 70 e a outra já 2000; e a história de 2000 é com a Ellen DeGeneres, e é um casal de mulheres que está a tentar ter uma criança por inseminação artificial caseira, com esperma de banco, e o filme termina com elas sentadas em cima do carro, depois de terem feito mais uma inseminação, a perguntar “*achas que não é muito egoísmo trazer uma criança para este mundo, este mundo terrível onde acontecem tantas coisas más?*” e ela diz “*o mundo está a mudar*”. E então e se não mudar? O mundo sempre mudar e tem mudado para melhor, devido ao trabalho, à luta, ao envolvimento de muitas pessoas, hoje acredito que ser *gay* ou *lésbica* é muito mais fácil que era há 50 anos atrás, é muito mais fácil do que era há 200 anos atrás, e é sem dúvida muitíssimo mais fácil do que era há 500 anos atrás. Portanto, a sociedade tem mudado e há aqui também um efeito que eu acho que é essencial: em toda esta conversa, eu ainda não disse a primeira palavra que escrevi nesta folha, a palavra, para mim, é central em toda esta questão, que é a palavra *visibilidade*. No meu ponto de vista, a principal arma, é claro que as mudanças legislativas, o trabalho da academia, a existência de estudos, tudo isso são aspetos inestimáveis e essenciais para esta mudança, mas nada disso faz sentido sem *visibilidade*. A principal arma contra a *homofobia* é a *visibilidade*, porque há aqui um efeito de *pescadinha de rabo na boca*; a *homofobia*, a pressão social existente obriga as pessoas a serem *invisíveis*, as pessoas a terem medo de serem gozadas na rua, de serem despedidas, de serem tratadas mal pela família, de serem desprezadas no sítio onde vão à missa, de serem maltratadas, postas de parte, esse medo faz com que as pessoas se escondam. Eu sou professora numa escola secundária com mais de mil alunos, eu nunca vi um casal de pessoas do mesmo sexo, um casal de miúdos do mesmo sexo a dar um beijo no pátio, eles estão lá, neste momento até já se sabe quem são, já há um conjunto de pessoas na escola, rapazes e raparigas, que até são assumidos em termos de orientação sexual, o que é uma grande

mudança em relação àquilo que acontecia há 20 anos atrás, mas ainda assim eu nunca vi dois rapazes ou duas raparigas a namorarem à porta da escola ou encostados a uma coluna a dar um beijo. Eles sabem que correm riscos... sendo miúdos, sabem que podem ser humilhados, que podem ser ofendidos, que podem ser colocados de parte, que podem ser ostracizados ou que podem mesmo ser agredidos ou até mortos. Eles sabem que esse risco existe, não é preciso que ninguém lhes explique, eles sentem o peso da homofobia na cabeça deles. Por outro lado, essa invisibilidade reforça positivamente a homofobia; portanto, a homofobia gera invisibilidade e a invisibilidade gera homofobia, porque as pessoas não sabem, só sabem daquelas situações dramáticas, só sabem do assassinato, só sabem da prostituição, só sabem daquele que muda de parceiro todos os dias, só sabem das desgraças e alimenta-se uma imagem completamente negativa, viciosa, promiscuidade, o abuso sexual... só os problemas *à faca na liga* é que vêm; é preciso quebrar este ciclo, este ciclo vicioso em que a homofobia cria invisibilidade e a invisibilidade cria homofobia.

Vanessa – Como?

Fabíola – De muitas maneiras... fazendo trabalho na universidade, fazendo educação nas escolas, fazendo discussão na televisão, mudando leis, mas também, e do meu ponto de vista é, de facto, o coração de todo este sistema, mas também sendo visível. É preciso que as pessoas que são *gays*, lésbicas, bissexuais e transexuais façam disso não uma bandeira que levem para todo o lado, mas uma parte que assumem, que aceitam e que estão dispostas a partilhar com os outros. É preciso que se saiba que a senhora da mercearia é lésbica, que o dentista é *gay*, que a vizinha já teve um companheiro e agora tem uma companheira, é preciso que se saiba que aquela professora que o meu filho gosta tanto ou que aquele professor que o meu filho gosta tanto é *gay* ou lésbica. É preciso que se saiba no dia-a-dia, no quotidiano, é preciso que se diga que aquele artista que morreu ontem e que ganhou não sei quantos prémios era *gay*, que aquela escritora que escreveu aquele livro que o menino está a estudar na escola agora era lésbica. A visibilidade, o assumir, quer individualmente quer socialmente, é uma pedra de toque, porque a visibilidade destrói, é uma arma poderosa contra esta discriminação, contra esta homofobia, por muitos níveis: depois de eu dizer que sou lésbica, o que é que vão dizer de mim? “*Olha a professora é lésbica*”, “*pois sou, e então, qual é o teu problema?*”. O medo de que se alimenta a homofobia tem como cúmplice a

invisibilidade, a ameaça da exposição. Se a pessoa se virar para trás e disser “*eu sou e depois?*”, já não há uma pedra, aquela ameaça é um bocadinho de areia que escorre entre os dedos das pessoas, da pessoa que a ia atirar, já não é uma pedra, já não é uma ameaça, já não é um instrumento de agressão, se eu assumir a minha orientação sexual, neste momento, em Portugal, essa é a minha principal defesa. Não estou a dizer que isto seja válido para outro país, outros tempos, outros enquadramentos, mas neste momento, com a legislação que temos, com a situação que temos, a minha principal defesa e a principal defesa dos meus filhos é eu ser visível, é toda a gente saber que eu sou lésbica, porque quando toda a gente souber que eu sou lésbica, vão-me fazer o quê? Vão-me acusar de quê? Vão-me prender como? Vão-me ameaçar como? Eu deixo de estar numa posição de vítima e passo a estar numa posição de poder; eu deixo de estar numa posição de vulnerabilidade e passo a estar numa posição de autoridade. A visibilidade, aquilo a que se diz na gíria *sair do armário*, o *coming-out*, é um elemento essencial, não só no geral (*gays*, lésbicas, bissexuais e transexuais), mas também na situação específica da parentalidade. Eu acho que ninguém devia pensar em ter filhos sem estar disposto a assumir a sua orientação sexual perante si próprio, perante a sua família e perante a sociedade, porque as crianças, ou nós lhes ensinamos o medo e a vergonha, ou eles não vão ter medo nem vergonha: uma criança de 2 anos vai dizer “*mamããããããããã*” e quando a mamã chega lá e agarra na criança ela diz “*não és tu, é a outra mamã*” e diz isto aos gritos no café, porque acabou de cair e esfolou o joelho, ou no parque infantil, ou no infantário; e quando lhe perguntarem quem é a sua família, ela vai desenhar duas mulheres ou dois homens de mão dada, porque aquelas são as pessoas que ela ama, que ela sabe do coração que são a sua família; essa criança não tem noção se é legal ou se não é legal, se a sociedade reconhece ou se não reconhece, se a religião acha bem ou se acha mal; essa criança sabe quais são as pessoas que estão consigo, e com quem pode cuidar. É claro que se ensinarem a chamar a uma *tia* e a outra *mamã*, ela vai chamar *tia* e vai chamar *mamã*; há pessoas e há razões para manterem este ciclo de invisibilidade, mas cada vez há também mais pessoas a quebrar este ciclo, e também por isso as questões da parentalidade são tão ameaçadoras e são, de facto, um dos últimos redutos da homofobia, porque, aí sim, temos uma vivência completamente natural, livre, destas situações, ou o mais natural possível, tendo em conta a sociedade que temos. Porque mesmo quando eles são criados assim, sem medo, sem vergonha, eles aprendem muito lá fora e depois chegam a casa a dizer “*tu sabes que os rapazes só podem namorar com raparigas?*”, “*não, não sabia... quem é que te disse?*”, “*ai, na escola é que disseram*”,

“ai, não sabia... então e tu, achas que sim?”, “ah, não sei, se disseram na escola, se calhar é verdade”, “então e não sei quem e não sei quem?”, “esses não namoram, vivem juntos”, “e o não sei quem e o não sei quem?”, “ah, mas essas...”. E nós temos de ir também desmontando a homofobia que vem lá de fora, a homofobia que vem da televisão, a homofobia que vem do comentário, a homofobia que vem da anedota, mas, de facto, a existência destas situações, e que sejam visíveis, porque é a visibilidade que incomoda também. Sempre houve famílias homossexuais, sempre houve pessoas do mesmo sexo que educaram crianças, sempre houve, ao longo da história... e mesmo quando não eram relações, eram pessoas do mesmo sexo, quantas e quantas vezes, na história do nosso país, os homens não foram embora para a guerra, para a emigração, por abandono, e as crianças não foram educadas por uma tia, por uma mãe, por uma avó? Montanhas de vezes... e isso nunca foi nenhum problema. O problema não é a prática em si, o problema é atribuir-se-lhe um nome, o problema é atrevermo-nos a dizer que existe vida para além daquele paradigma absoluto de masculino e feminino, de uma suposta complementaridade, que mantém e reforça a subalternização das mulheres, permanentemente, em que uns trabalham para o benefício dos outros, mas é dito aos dois que não há outra hipótese. É este o grande pilar, este heterossexismo obrigatório, que a vivência de famílias de pessoas do mesmo sexo põe em causa. É quando nos perguntam assim “quem é o pai? Quem é o homem? Quem é a mulher?” e quando nós dizemos “não há homem, não há mulher, há pessoas”, isto é ameaçador, porque isto vai fazer todas as pessoas que estão em famílias de homem e mulher e que acham que é obrigatório estar assim, e porque é obrigatório porque eu sou mulher, eu é que tenho de cozinhar, eu é que tenho de limpar, eu é que tenho de fazer; e porque eu sou homem eu é que tenho de tratar dos impostos e do carro, eu é que tenho de fazer. Isto é um sistema obsessivo, que afeta igualmente os heterossexuais. Este sistema profundamente heterossexista, esta visão binária do género como um desígnio obrigatório que tem uma componente biológica e uma componente social de obrigatoriedade de cumprimento de papéis, é seriamente ameaçada por estas famílias, por estas pessoas que se atrevem a dizer “não, cá em casa não há nenhum homem, e somos felizes, e estamos bem” ou “cá em casa não há nenhuma mulher, e cozinhar não faz de mim nenhuma mulher, sou um homem que sabe cozinhar”. Isto é profundamente ameaçador para este edifício social ainda muito conservador, ainda muito rígido e baseado num sistema de perpetuação de desigualdades. Eu não estou a dizer que este sistema só beneficia os homens, este sistema é um sistema mantido com a cumplicidade de homens e mulheres, mas que os

homens são beneficiados neste sistema são. Agora, que este sistema é igualmente opressivo para homens e mulheres é, e a homofobia é uma parte dessa opressão, a homofobia faz com que os meninos não possam fazer isto, aquilo ou aqueloutro, os meninos não são livres neste sistema da mesma maneira como as mulheres não são livres. Este sistema é um sistema que aprisiona as pessoas em papéis de gênero, em papéis sociais, em papéis familiares que são obrigatórios, castrando as pessoas, impedindo a sua expressão mais global, mais livre e, do meu ponto de vista, permitindo uma vivência mais plena e mais feliz de todas as potencialidades do ser humano, que acho que é isso que, de alguma maneira, nós devemos todos almejar para nós e para as nossas crianças. Por isso, a questão da adoção por pessoas do mesmo sexo, a questão da parentalidade é, de facto, uma questão central, uma questão muito importante, que nos leva a refletir e a questionar muitos dos pilares de toda a estrutura, de todo o tecido social; também é por isso que cria tantos anticorpos e tantas reações exageradas, exaltadas, inflamadas, de pessoas que, muitas delas têm as melhores intenções, eu não digo que estas pessoas não tenham, muitas delas; algumas, sinceramente, acho que há aqui uma maldade muito profunda e uma noção da sua própria estupidez, mas, na maioria das pessoas, a maioria das pessoas quer que as crianças estejam bem, quer que a sociedade continue a funcionar bem, quer que não haja grande alteração e tem boas intenções. Mas essas pessoas que, de facto, têm boas intenções, quando confrontadas com este tipo de conversa e quando confrontadas com situações concretas, normalmente acabam por entender. Agora, não podemos é deixar isto na base do entender; tem de se criar uma estrutura legal, institucional, que permita uma igualdade de tratamento e de direitos, não só para *gays*, *lésbicas*, *bissexuais* e *transexuais*, mas principalmente para todas as crianças. Mais...

Vanessa – Tenho mesmo a agradecer-lhe imenso por esta entrevista, que foi a primeira, mas que, sem ter eu de fazer quase nada, foi ali aos pontos que eram realmente importantes para mim e o seu contributo, principalmente até pelo facto de ter filhos e mostrar que é possível, que é mãe, que eles têm outra mãe, que são crianças felizes... o seu contributo é mesmo muito, muito, muito importante.

Fabíola – Obrigada. Eu acho que... eu tenho uma situação também muito privilegiada, eu comecei esta luta com 17 anos, e tenho refletido muito sobre isto. Portanto, não sou só uma *lésbica*, não sou só uma mãe, sou uma ativista, e acho que isso me transforma e

me torna uma pessoa um bocadinho mais consciente, mais refletiva, mais reflexiva, sobre todas estas questões. Depois, também tenho tido oportunidade de falar com pessoas e de acompanhar estudos e ler e refletir e participar destas questões e, felizmente ou infelizmente, a minha vida também me tem colocado perante algumas situações um bocadinho extremas, em que, de facto, se eu já tinha consciência das coisas, então quando colocada perante a realidade e as implicações disso, sente-se na pele. É tramado quando as coisas nos acontecem diretamente e pronto, já são 40 anos e 20 e tal anos de ativismo, portanto já dá muito tempo para refletir. Não quer dizer que todas as pessoas tenham este nível de consciência e reflexão, muitas das pessoas não têm, tenho pessoas amigas que têm filhos, muitos deles de relações heterossexuais, e que foram educados e criados, cresceram sabendo que as mães eram lésbicas e que têm uma referência paterna, mais ou menos presente. Neste momento assiste-se, cada vez mais, a casais de mulheres que estão, de facto, a ter filhos delas e que esbarram com estas questões de legalidade, não é? E que depois são chamadas, e este também é um aspeto importante, são chamadas ao tribunal para registar, para declarar quem é o pai da criança. Aliás, neste momento a situação... eu recebo contactos de mulheres a dizer “*o meu filho não se vai poder registar, pois não? Como é que ele vai à escola? Como é que ele vai ao infantário? Como é que ele vai ter vacinas?*”; a primeira coisa que eu digo sempre é “*todas as crianças têm direito a ser registadas, ele vai ser registado ou ela vai ser registada*”; porque até nisto há um medo, há uma falta de esclarecimento que faz com que as pessoas sintam que estão a cometer uma ilegalidade, não há nenhuma ilegalidade. Mesmo que eu decida ir a Espanha fazer uma inseminação numa clínica, isso não é ilegal; não é reconhecido esse direito, em Portugal, mas não é nada ilegal ir fazer isso a Espanha, não há problema nenhum, assim como depois não há problema nenhum no registo da criança, que é uma coisa muito importante para saber: a criança é registada, nenhum registo pode dizer “*esta criança não é registada*”, é registada com o nome da mãe, acabou. Depois, é obrigação do registo enviar para o Ministério Público uma informação de que “*atenção, foi registada uma criança sem informação de pai ou sem informação de mãe*”, consoante a situação que for, e aí inicia-se um processo, que é uma investigação oficiosa de parentalidade, em que o Ministério Público assume a defesa do suposto interesse da criança, que é encontrar o pai. Portanto, inicia-se uma investigação. Neste momento há situações muito variadas: desde pessoas que omitem, a pessoas que chegam lá e simplesmente põem a fatura em cima da mesa “*e está aqui, olhe, foi assim*”, a pessoas que falam em título individual, a pessoas que falam como

casal; portanto, há uma grande variedade de situações. Daquilo que eu sei, da realidade portuguesa, o que acaba por acontecer é que o processo é arquivado por falta de provas e a pessoa recebe uma cartinha em casa a dizer que o processo foi arquivado. Nos documentos de identificação das crianças aparece um nome e no outro nome, pode ser do pai ou da mãe, consoante a situação, aparece um traço; antigamente aparecia *pai incógnito*, agora isso, legalmente, não é possível, portanto aparece um traço. Isto é uma situação que eu penso que um dia destes terá de ser ou deverá ser alterada, quer seja pela via da co-adoção, quer seja pela via da adoção, quer seja, espero eu, a breve prazo, a médio curto prazo, pelo reconhecimento pleno da possibilidade de parentalidade entre duas pessoas do mesmo sexo, simplesmente ter dois nomes, dois pais ou duas mães no registo da criança, porque acho que é isso que não só corresponde à realidade, mas essencialmente porque melhor protege os direitos daquela criança, o reconhecimento da sua família. Não é uma situação que aconteça, atualmente ainda não acontece. Também já conheci situações de pessoas que foram aconselhadas e que apresentaram um nome de um homem que se dispôs para isso, que em algumas situações não era sequer o dador, a registar a criança, simplesmente para evitar *zunzuns*, para evitar barulhos, para evitar situações socialmente mais complicadas, e também para evitar que as crianças passem pela situação de chegar a uma escola e não terem lá um segundo nome para pôr. Como em todas as situações, isso, que é uma desvantagem, também pode ser utilizado como uma vantagem: eu, por exemplo, com os meus filhos, sempre era por aí que começava a conversa. Ficha de inscrição no infantário, nome do pai e nome da mãe, *“olhe, esta criança não tem pai, tem duas mães. Vou riscar aqui onde está pai, vou pôr aqui mãe por cima e vou pôr o nome da outra mãe, está bem?”* e era por aí que começava sempre a conversa.

Vanessa – Era mais ou menos isso que eu lhe ia dizer, porque há pouco tempo foi o dia do pai e vê-se imensas notícias sobre o assunto, e como é que será, é o estado da sociedade heterossexual... tem-se a ideia basilar de que há um pai e uma mãe, mas pode não haver, não é? E a discriminação parte daí... como é que os seus filhos, e falo dos seus filhos porque tem essa experiência, como é que os seus filhos fazem no Dia do Pai?

Fabiola – Primeiro de tudo, já há muitas escolas, já há muitas instituições que não celebram o dia do pai, porque há muitas crianças que, efetivamente, não têm pai, mesmo sendo filhas de duas pessoas de sexo diferente, ou o pai morreu, ou está emigrado, ou

abandonou a família, ou não tem um contacto próximo com ele e há muitas situações em que as próprias instituições optam por não celebrar esse dia, no sentido de não causar algum desconforto a essas crianças, mas mesmo assim não é a prática habitual. A maior parte das instituições faz isso, celebra o dia do pai, também fazem trabalhinhos e levam para o pai. Há muitas maneiras diferentes de lidar com a coisa... eu conheço várias situações e os meus filhos já lidaram com a coisa de maneira completamente diferente: já houve situações em que traziam a prenda e davam a uma das mães, já houve situações em que não faziam prenda no dia do pai, já houve situações em que faziam prenda e davam, por exemplo, ao avô, já houve situações em que faziam duas prendas para dar uma a cada uma das mães. Portanto, depende também da educadora ou da professora, depende também da instituição e depende até das próprias crianças, da maneira como eles lidam com a coisa. A minha filha, por exemplo, agora neste último dia do pai, ela tem 10 anos, e disse *“eu estive aqui a pensar, durante tanto tempo eu fazia duas prendas no dia do pai e duas prendas no dia da mãe, tu não achas que isto era injusto? Não volto a fazer prendas no dia do pai, agora só faço duas no dia da mãe”*. A criança decidiu! Claro que se tiver na escola um professor ou uma professora a obriga-la porque faz parte da avaliação, ela vai ter de fazer, mas ela estava a refletir com ela mesma sobre este assunto. Portanto, eu acho que qualquer que seja a solução, os meus já passaram por várias estratégias, desde dar aos avós, dar a amigos cá de casa, até dar-me a mim ou dar à outra mãe, dar às duas... portanto, eles já passaram por uma variedade de situações, que eu acredito que, na maior parte das vezes, não tenham só a ver com a vontade deles, mas também com o entendimento das outras pessoas. Eu acho que o essencial não é, em termos práticos, como é que eles lidam com a situação, o essencial são duas coisas: primeiro, eles saberem da situação, eles próprios terem consciência que não têm pai e que isso não é uma coisa negativa, mas que é uma realidade, da mesma maneira como a seguir à Primavera vem o Verão, e não vem a seguir à Primavera o Inverno, porque é assim, porque a realidade da vida deles, da família deles é essa. Eu acho que, em relação aos meus filhos, eles sempre lidaram bastante bem com isso, aliás, eu lembro-me, por exemplo, quando mudei para esta casa estava grávida e uma vizinha perguntou ao meu filho, que na altura tinha 2 anos, ainda não tinha 2 anos, mas sempre falou muito bem, *“ah, tão bonito, mas não és parecido com a mamã, és parecido com o papá... onde está o papá?”*, a criança tinha 2 anos e disse assim *“eu não tenho papá”, “não tens papá?”*, a senhora ficou a olhar para mim assim com um ar de *“o que é que aconteceu? Morreu?”* e diz a criança com 2 anos,

com o ar mais calmo do mundo, “*não, eu tenho duas mães*”, a senhora ficou com um ar de “*ele está mesmo tolo*”, e eu disse-lhe “*sabe, é que eu sou lésbica e ele não tem pai, tem duas mães*”; a vizinha ficou tão vermelha, tão atrapalhada, tão aflita, que saiu do elevador no andar errado, e durante muitos dias não conseguiu falar comigo. Depois, obviamente, já deve ter percebido a história e, pronto, falamos normalmente, como qualquer outra vizinha, mas para ela foi um choque, o choque foi para ela, porque ela não estava à espera daquela situação, para o meu filho aquela era a família dele, pronto, e ele nem sequer se tinha apercebido que não era a mais normal. É claro que depois eles vão percebendo que há outras famílias, eu lembro-me que quando o meu filho foi para a sala dos 3 anos no infantário, a educadora pediu, fez uma casinha para cada menino, e disse “*ah, falam muito das pessoas lá de casa e para eu também conhecer, para saber, para eles não terem tantas saudades, podiam trazer fotografias e púnhamos aqui nas casinhas e assim quando eles tivessem vontade ou quando quisessem explicar quem é que são as pessoas, eu vinha cá e via*”; e havia famílias de todo o tipo: o pai e a mãe e os filhos; a madrasta, o pai, o padrasto, a mãe, os filhos e os irmãos de um lado e do outro; havia meninos que estavam institucionalizados; havia meninos que viviam com os avós, que os pais tinham emigrado; portanto, havia um conjunto de situações familiares completamente diferentes e acho que só aí é que o meu filho percebeu que a maior parte das pessoas não tinha duas mães, porque para ele, agora isto foi perturbador do desenvolvimento psicológico? Ele vai ter uma visão errado do que é que é a família? Não! Eu acho que ele tem a visão certa! A família é qualquer grupo de pessoas que estejam juntas, que se apoiem, que se amem, que partilhem... isto é que é uma família! Ele foi alargando o seu conceito do que é que é a família à medida que ia conhecendo mais situações. Outro aspeto que eu acho que é muito importante é também que as pessoas que estão à volta das crianças tenham conhecimento da situação, e daí a questão da visibilidade, porque muitas vezes o problema não é a criança em si, nós não nascemos a odiar ninguém, nós não nascemos a discriminar ninguém, a sociedade é que nos ensina a odiar, a sociedade é que nos ensina a discriminar. A criança brinca com um menino amarelo, branco, preto ou cor-de-rosa, como brinca com outro qualquer; a criança não quer saber se aquele menino tem duas mães ou dois pais ou *wherever* ou se vive com os avós, desde que ele seja simpático e não lhe bata, ele brinca com aquela criança. Portanto, é muito importante que as pessoas que estão à volta tentem não passar imagens negativas, estereotipadas, violentas, desagradáveis, daquilo que está à volta, porque se isso não acontecer, eu acho que eles vão ter um desenvolvimento natural, e

lidar com as coisas com alguma naturalidade. E, claro, isto é um fator de risco, em termos de desenvolvimento psicológico e social das crianças, é, mas não é por causa do que se passa dentro de casa, é por causa da pressão social, é por causa da sociedade que ainda temos. Então, o que vamos fazer é proibir, não, o que temos de fazer é mudar a sociedade, de modo a que esta sociedade seja segura e agradável para estas crianças, assim como deve ser segura e agradável para todas as crianças e é um favor que fazemos à sociedade. Não é um favor que fazemos a estas crianças, é um favor que fazemos à sociedade, contribuindo para a sua evolução, para o seu progresso, para o seu desenvolvimento, para a sua abertura a situações cada vez mais... em que as pessoas, de facto, têm direito a ser felizes e têm direito a que os seus direitos básicos, sejam da Carta Universal dos Direitos Humanos, sejam efetivamente aplicados. Se as instituições souberem, e voltamos à questão da visibilidade, normalmente, da experiência que eu tenho, as reações são positivas, a sociedade e as instituições estão muito mais preparadas e são muito melhor capazes de lidar com estas situações do que às vezes as pessoas podem pensar. Os meus filhos estiveram em vários infantários, tiveram numa escola primária, neste momento já estão numa escola preparatória, numa escola de 2.º ciclo e secundária, e é claro que houve algumas situações, pontuais, da parte de encarregados de educação, da parte de funcionários, de outras pessoas... mas a maior parte das situações eram de simples curiosidade, de desconhecimento, de vontade de entender, *“mas qual das duas senhoras é que é a mãe? É que na semana passada veio cá outra”*, perguntava a funcionária que não sabia de nada, *“olhe, esta criança tem duas mães, sabe? Veio uma vez uma e outra vez veio outra”*, *“ah, desculpe lá, eu não sabia... pois, eu já tinha ouvido falar qualquer coisa, mas não tinha percebido”*; e muitas vezes, é muito mais o desconhecimento da situação, a vontade de conhecer e a insegurança das próprias pessoas, *“então mas como é que eu digo? A senhora é a mãe, a outra senhora é o quê?”*; isto é um desconhecimento, não há um conjunto de normas tão estritas, tão definidas, é um processo experimental, também é para nós. Por exemplo, os meus filhos chamam-me *mãe* e chamam *mãe* à outra mãe, mas por exemplo, quando era pequeninos, chamavam-me a mim *mambia* e a ela *miana*, porque ela é mãe Ana, o *miana* ainda hoje ficou, porque eu referia-me a ela como *miana* e ficou, portanto, para eles, ela é a *miana*. Tudo isto está também a ser experimentado, mas não só nas famílias homossexuais, em todas as famílias, em todas as famílias há um conjunto de linhas, de *guide lines*, se quisermos, e depois vamos adaptando às situações concretas e atrevemo-nos a viver de uma maneira que corresponde às nossas reais

necessidades e não aos padrões, aos estereótipos, a um modelo. Quer dizer, eu tenho amigas que são heterossexuais e que elas lá em casa é que pegam na caixa de ferramentas e não deixam de ser heterossexuais por causa disso, mas o marido “*ah, já anda a mês atrás de mês a dizer que vai apertar isto e nunca mais aperta*”, eles já se borrifaram, querem lá saber; assim como tenho amigos que são heterossexuais e que chegam a casa e eles é que aspiram a casa e que dão banho aos filhos e elas não fazem isso, ou porque têm um trabalho mais exigente, ou porque não gostam, ou porque estão a cozinhar... nós não temos que estar espartilhados, sendo héteros ou lésbicas ou *wherever*, não temos de estar espartilhados em modelos rígidos, temos de nos atrever a viver, e acho que isto é uma experiência enriquecedora para nós e para os nossos filhos, independentemente da orientação sexual. Porque, também em termos de educação, o que é que nós vamos dizer a um filho que só gosta de brincar com bonecas? O que é que vamos fazer? Vamos-lhe bater? Vamos obriga-lo? Claro, já se fez, durante anos e anos fez-se, dava imenso resultado! Era um ótimo contributo para o desenvolvimento, éramos todos iguaizinhos! Mas éramos infelizes... mas pronto, éramos mais iguais. Pronto, e eu até tenho pena que os meus, em termos de género, sejam um bocadinho estereotipados, eu gostava de ter um filho que fosse menos rapaz e uma rapariga que fosse menos rapariga; eu acho que têm uma mãe assim um bocado *fora da caixa*, eles podiam, de facto, atrever-se a ser um bocado... se calhar um dia vão-se atrever, não sei, mas neste momento, por exemplo, até me chateia, são um bocado estereotipados em termos de género, os meus filhos, ela toda *girlish* e ele é todo rapazolas... e tinham um enquadramento familiar para se atrever, se calhar é deles, não é? Se calhar outro dia, se calhar outros miúdos, mas acho que eles pelo menos têm liberdade de se atrever a ser aquilo que eles quiserem ser, quer em termos de género quer em termos de orientação sexual. E é bom isso! É bom poder perguntar ao meu filho “*então, na tua turma já há lá meninos com namorada ou com namorado?*”, é bom ele saber que isto faz parte da vida, e não é só ele, acabam por ser todos os meninos da turma dele que também sabem que ele tem duas mães, e todas as professoras e todos os professores que já passaram pela vida dele. Portanto, acho que é assim... também que se vai mudando a coisa. Voltando à pergunta do Dia do Pai, se os meninos souberem e estiverem bem com o assunto, se as instituições, as escolas, os professores souberem e também estiverem bem com o assunto, qualquer que seja a maneira prática de lidar com ele, eu acho que não vai haver grande problema. É claro que isto implica muita reflexão, muita análise, muita coragem, uma atitude muito pedagógica, muito didática, em relação à vida, que eu

penso que nós também temos de procurar ter e que eu tenho procurado ter e que é muito importante. Eu lembro-me de comprar livros na *Amazon*, nos Estados Unidos, para que os meus filhos tivessem livros com outro tipo de famílias; lembro-me de, por exemplo, sei lá, o *Livro das Famílias*, do Todd Parr, que já é um clássico, que já existe, inclusivamente, em português, mas que na altura quando eu comprei só existia em inglês, lembro-me de eu querer que o meu filho levasse esse livro para o infantário, por exemplo, não só para que ele tivesse esse tipo de referência, mas para que os outros meninos também pudessem perceber que também existiam outros tipos de referências. Lembro-me do dia em que o meu filho chegou a casa com o primeiro livro editado em português, em Portugal, feito por uma autora portuguesa, sobre famílias homoparentais, chama-se *O Livro do Pedro* e é da Manuela Bacelar, eu já tinha lido sobre o livro, já tinha lido o que tinha saído, e um dia o meu filho chega a casa com o livro debaixo do braço, tinha 3 ou 4 anos, “*mas onde é que tu foste buscar isso?*”, “*foi a Lena que me deu*”; a educadora dele, sabendo da situação, tinha ido no fim-de-semana a Lisboa, viu lá o livro, comprou o livro, levou o livro para a escola, leu o livro aos meninos todos da turma dele, e depois ofereceu-lhe o livro... numa instituição católica, no Centro Social Interparoquial de Santarém, uma instituição onde toda a gente sabia da família do meu filho, dos meus dois, porque entretanto ela também foi para lá! Portanto, é possível. Agora, exige coragem, exige frontalidade, exige um bocadinho de sorte, exige. Mas era mais fácil se houvesse um enquadramento legal mais vantajoso, era mais fácil se estas questões não continuassem a ser apresentadas como um *bicho papão* e as pessoas como monstros, *gays* e lésbicas não são monstros, são pessoas normais, iguais às outras, não têm antenas, não são verdes, e alguns, só alguns, não são todos, mas alguns gostariam muito de ser pais e mães, e dariam, de certeza, excelentes pais e mães para crianças que estão em situações que não têm pais e mães. Portanto, acho que é muito mau para as crianças e também é mau para os *gays* e para as lésbicas e é mau para todos, enquanto sociedade, desperdiçarmos este amor, esta vontade de criar família, acho que a sociedade toda perde... Txiiii, gatoooo... e os meus filhos não disseram primeiro nem mamã nem papá, a primeira palavra que qualquer um deles disse foi *gato*, porque quando se tem gatos em casa eles criam... as piquenas ficam doidas com os gatos e então chegamos e fazem-lhes festas e então nem um nem o outro disseram primeiro mamã, disseram os dois *gato*... Estamos entendidas por agora?

Vanessa – Estamos, sim!

Fabíola – Qualquer questão que entretanto surja, se achares por bem repetir a entrevista ou surgirem outras questões mais específicas, mais concretas... isto assim é muito vasto, não é? Podemos combinar outro dia, outra hora...

Vanessa – Agradeço-lhe!

Fabíola – Muito obrigada também por estes momentos! Eu acho que o trabalho nas universidades, o trabalho de recolha de informação, o envolver... porque não és só tu que estás envolvida nisto, tu quando estás envolvida estás a envolver os teus colegas todos da tua turma, estás a envolver a tua família toda, estás a envolver a família do teu namorado toda, estás a envolver uma data de pessoas.

APÊNDICE K: Transcrição da entrevista a Cláudia e “Sónia”

Queluz, 26 de março de 2015

Cláudia Almeida

27 anos

12.º ano

Desempregada

Sónia [nome fictício)

36 anos

9.º ano

Desempregada

Vanessa – Como te disse, a minha dissertação é sobre a adoção por casais de pessoas do mesmo sexo. Basicamente, quero saber o que é que tu achas sobre o assunto, tendo em conta o impedimento a nível legal e depois também todos os preconceitos que existem por aí sobre a homossexualidade.

Cláudia – A minha opinião, como é óbvio, gostava que isso andasse para a frente e que fosse aceite a adoção, mas, sinceramente, acho que tão cedo não vai para a frente, porque a sociedade em que vivemos ainda é muito, digamos, antiquada. É assim, nalguns aspetos sou a favor e noutros sou contra, porque, a favor, é como eu costumo dizer, porque cada criança que um casal homossexual adota, foi precisamente um casal hétero que abandonou, portanto, acho que uma criança merece receber todo o apoio, amor e acho que é possível receber tanto de um casal homo como de um hétero, acho que é igual; mas depois também tem os seus contras, precisamente porque a sociedade em que vivemos ainda não aceita isso, uma criança, imagina, na escola, “*ah, sou filha de duas mães*” ou “*sou filha de dois pais*”, tem sempre algo de críticas, de gozo; mas, como eu digo, acho que daqui a uns anos essas coisas possam melhorar. Mas, não sei, como eu costumo dizer, gostava mesmo que isso fosse para a frente, que fosse possível dar uma oportunidade a nós, porque acho que, ao fim e ao cabo, somos pessoas da sociedade como as outras, não somos nenhuns monstros como às vezes passamos por ser, mas pronto, vamos ver... eu espero, eu gostava muito de adotar uma criança, porque acho que tenho muito amor. Claro que também é preciso ter condições, não é só adotar por adotar, é preciso que haja condições, mas acima de tudo que haja amor, carinho para lhes dar, acho que temos todas as condições como os outros, é só isso que eu penso.

Vanessa – E a homossexualidade, para ti, como é que a encaras? Se a foste encarando de formas diferentes e se passaste por situações de homofobia.

Cláudia – Eu, pessoalmente, ainda não passei. Graças a Deus, ainda não tive assim nenhuma situação, mas eu também não dou muito ouvidos a isso, digamos. Sou o que sou, não tenho nada a esconder, quem gosta gosta, quem não gosta temos pena. Mas sei que há muitas situações de preconceito, tenho colegas meus que já passaram por situações, infelizmente, humilhantes e difíceis. Eu, por acaso, não, mas não estou a dizer que não vá passar, porque sei a sociedade em que vivo.

Vanessa – Achas que isso tem alguma coisa a ver com a forma como é encarada a mulher e o homem: a mulher dona de casa, que faz as tarefas, e o homem que trabalha?

Cláudia – Eu acho que não tem nada a ver, porque, nos dias de hoje, se formos a ver, eu acho que já não há o típico homem que trabalha e a dona de casa, porque elas trabalham quase tanto como eles ou mais, mas o problema é que elas não recebem como eles, que é diferente... mas acho que isso não tem nada a ver.

Vanessa – E que estratégias é que achas que se podia fazer, tanto da vossa parte como ao nível legal, da educação, seja do que for, até da comunicação social, para que a questão da adoção pudesse andar para a frente?

Cláudia – Pois, isso... não sei. É como eu digo, a sociedade ainda está muito antiquada, não sei se está preparada para, digamos, lidar com isso. Sinceramente, assim estratégias, não estou a ver o que é que se possa fazer, não sei. Talvez publicidade, digamos, como já se vê muito, agora também nas novelas há cada vez mais a falar do tema, talvez isso possa abrir um bocado os olhos, digamos, às pessoas, mas, tirando isso, não sei o que é que se possa fazer...

Vanessa – Estavas a falar de a sociedade estar preparada... o que achas de se ter tentado perguntar à sociedade se estava pronta, através da tentativa do referendo sobre a adoção e a co-adoção?

Cláudia – Não, não está...

Vanessa – Mas achas que o referendo tinha fundamento?

Cláudia – Sinceramente, não.

Vanessa – Porquê?

Cláudia – Como eu digo, a sociedade parece que não quer aceitar, não quer, simplesmente não quer aceitar. Não sei porquê, às vezes também gostava de perceber, mas a sociedade simplesmente não quer. Parece que isto é uma doença...

Vanessa – E para ti é o quê?

Cláudia – Para mim é o quê? Para mim é uma coisa normalíssima! Para mim, estar com uma mulher ou estar com um homem... o que interessa é o sentimento que sentimos pela pessoa que está ao nosso lado. De resto... é como eu digo, não tem explicação. Não tenho nada contra os hétero, também gostava que eles não tivessem nada contra nós. Só isso... cada um tem as suas coisas, cada um sabe daquilo que gosta.

Vanessa – Por exemplo, vocês não são casadas. Sabes que há formas de contornares a situação e adotares uma criança...

Cláudia – Sim, eu sei... como solteira eu posso adotar, eu sei.

Sónia – Tinha de ser mais uma farsa nossa...

Cláudia – Exatamente, ter de criar uma mentira para fazermos aquilo que gostávamos de fazer.

Sónia – Acho mau, muito mau ter de viver numa farsa. Nós já vivemos numa farsa derivado ao preconceito, não é? E vamos continuar a viver farsas? Não temos de agradar os outros, nem eles têm de nos agradar a nós, certo? Cada um vive no seu canto, há é que ter respeito, certo? Se tu respeitares os *gays*, os *gays* de certeza respeitam-te a ti. Acho que, tipo, lá está, há muito preconceito, infelizmente; há quem sofra muito na pele; derivado a isso, se calhar há muitas pessoas que se escondem, derivado a, se for

preciso, perderem o emprego, porque o patrão depois descobre e, pronto, despede, derivado a colegas não aceitarem. Eu duvido mesmo muito que, tipo, um dia, que aceitem, porque acho que nunca vão aceitar. Só se jogar muito com uma boa publicidade, como eu costumo dizer. Quanto mais publicidade fazes a um produto, mais ele poderá ser vendido. Então, se fizerem uma boa publicidade aos *gays*, talvez aceitem um pouco melhor. Não sei se estás a compreender o que é que eu quero dizer... Em relação a adoção, isso, tipo, quase tenho a mesma opinião que ela. Acho que o que interessa é mesmo o amor que quem adota possa dar, não interessa se são homossexuais ou se são hétéros, certo? O que interessa é que a criança viva com harmonia, com amor e tudo mais.

Vanessa – Acham que o facto de a sociedade não estar preparada, como dizem, tem alguma coisa a ver com o facto de as crianças, se isso acontecesse, não se desenvolverem de forma igual ou de vocês não conseguirem educar uma criança como um casal hétero, porque não têm, no vosso casal, um papel masculino?

Sónia – Então e as mães solteiras não conseguem criar na mesma as crianças sem um papel masculino? Acho que não tem nada a ver. O que interessa mesmo é a educação que a pessoa tem e a educação que a pessoa possa transmitir; agora se é duas mães ou dois pais...

Cláudia – Isso é o mesmo que estar a dizer que *“tu és lésbica, porque tiveste uma educação diferente das outras”*. Não, sou filha de um pai e de uma mãe, na minha família não há nenhuma lésbica e, no entanto, eu sou lésbica.

Sónia – Mas, retrocedendo um bocado, é triste nós sermos tratadas como se nós tivéssemos uma doença. As pessoas chegam a ter um pouco de nojo de nos tocar, até mesmo de falar connosco, e isso é muito triste, porque nós somos seres humanos como tu és. Não é por aí que, tipo, eu vou deixar de ser a pessoa que eu sou, só por causa da minha opção sexual, não tem nada a ver.

Vanessa – E acham alguma coisa acerca do desenvolvimento das crianças? Seria completamente igual?

Sónia – É igual. Eu, na minha opinião, não vejo qualquer diferença. Lá está, olha o exemplo que eu te dei, de mãe solteira, é igual, qual é a diferença? Não falta ali uma mãe, não falta ali um pai? Ah, então, espera lá... o divórcio, acontece qualquer coisa, o pai não pode ver mais a criança, a criança só vive com a mãe, estragou-se tudo. A criança até pode viver com uma irmã, certo? E então? Já não vai ter a mesma educação, já vai mudar tudo. É a mesma coisa...

Vanessa – Isso também pode ter muito a ver com a forma como a homossexualidade é vista... A nível da religião, acham que tem alguma coisa a ver com o facto de a sociedade não estar preparada?

Sónia – Eu, no meu ver, a religião não tem nada a ver, porque há católicos *gays*, há jihadistas *gays*, islâmicos *gays*... seja lá de que religião ou daquilo que acreditam, há *gays* em todo o lado, só que, lá está, há tantos *gays* que estão escondidos, certo? Como a maior parte, se for preciso, é casado e passa, aparentemente, uma imagem de que são casais normais héteros e depois, no entanto, andam aí pequenas traições do tipo que a mulher trai com outra mulher e vice-versa. A religião, eu acho que não tem nada a ver, não é por ser católica que vou aceitar a adoção, ou é por ser seja lá de que religião for que vou aceitar. A meu ver, tem mesmo a ver com a mente das pessoas, só isso, e com aquilo em que as pessoas acreditam e creem...

Cláudia – Exatamente. As pessoas acreditam no que querem e, infelizmente, é como eu digo, os religiosos, os católicos e isso não aceitam um homossexual, nunca vão aceitar a adoção por um homossexual, o que é uma estupidez. Agora, a religião não tem nada a ver, porque eu recebi uma educação católica até aos meus 18 anos, que era todos os domingos ir à missa, ir à catequese e não sei quê, não sei que mais... e, no entanto, sou lésbica e não o escondo. Mas, como é óbvio, as pessoas vão interferir sempre, se não aceitam um homossexual, nunca vão aceitar a adoção.

Sónia – Eu acho que o pessoal novo, o pessoal mais novo, não é assim tão religioso, não sei se estou errada, mas é a minha maneira de...

Cláudia – Mas são mais preconceituosos...

Sônia – Lá está. E, no entanto, são aqueles que, se calhar, aceitam menos do que o meu pai ou a minha mãe.

Vanessa – Mas vocês acreditam em Deus?

Sônia – Eu tenho a minha fé, claro que sim.

Vanessa – E não sentem que estão a cometer um pecado?

Cláudia – Não, e eu vou-te dizer porquê.

Sônia – Aliás, Deus não diz “*entre as mulheres*”? Então?

Cláudia – Não, não... eu, desde que andei na catequese, desde que me lembro, há uma parte na Bíblia que diz “*amai-vos uns aos outros*”, não diz “*homens amem mulheres*” nem “*mulheres amem homens*”, diz “*amai-vos uns aos outros*”, por isso pode ser homem com homem e mulher com mulher, é igual.

Sônia – Pecado sim, são todos os casais que se casam e andam a fazer traições.

Cláudia – Isso sim, é pecado. Juram amá-la “*até que a morte nos separe*”, não é?

Sônia – Pecado sim é, digamos, roubar e acusar o do lado, entre muitos exemplos que eu te podia dar e não vale a pena se não nunca mais saíamos daqui. Agora pecado... eu vou para o inferno, digamos, por estar com uma mulher e trata-la como deve ser, por respeitá-la, por preocupar-me? Tipo, o que é que eu estou a fazer de errado? Nada... só porque é uma mulher?

Cláudia – Se isto é pecado, vamos pecar até ao fim das nossas vidas.

Sônia – Se Deus me tiver de castigar por isso, que me castigue. Mas acredito que há pessoas que vão ser mais castigadas do que eu. Mas, em relação ao referendo, eu acho que era uma boa ajuda.

Vanessa – Porquê?

Sónia – Porque eu acho que ajudava, a nível de publicidade.

Cláudia – Não sei.

Sónia – Eu acho que sim, eu acho que ajudava.

Cláudia – É como tu dizes, digamos, é publicidade. Disseste bem... fazes publicidade a um produto, é capaz de valer a pena, compram...

Sónia – Mas, cada vez mais, tipo nas novelas, aparece. E isso aí, parece que não, temos ajudado um pouco.

Cláudia – Sim, é verdade.

Sónia – Tem, lá está, publicidade, digamos. Quanto mais é visto, como uma coisa natural, que acontece no dia-a-dia, mais as pessoas aceitam. Eu falo por mim: eu aqui, em Portugal, infelizmente, e na zona onde eu moro, eu sou incapaz de andar de mão dada com a minha parceira ou beijá-la na rua. Mas, no entanto, eu já fui emigrante, já estive no Luxemburgo e lá é tudo... lá está, as mentes das pessoas são muito mais abertas. Eu lá, se fosse preciso, beijava a minha parceira na rua, andava de mão dada na rua, não tem nada a ver... porque eu lá não sofria tanto na pele como sofro aqui.

Vanessa – E não achas que as pessoas precisam desse choque?

Sónia – Não, lá está... as coisas não funcionam assim, porque isso, à volta, está muita coisa. Tipo, no trabalho onde eu estou agora, a Cláudia vai-me buscar e vai-me levar, e pronto, e tipo, já há lá rumores que eu sou... que eu gosto de mulheres, que sou lésbica. Sabes quais são as reações nas minhas colegas, no balneário? Eu entro no balneário, elas estão-se a despir, voltam-se para o outro lado para não se despirem à minha frente.

Cláudia – Mas agora, tens de ver que são as pessoas mais novas que fazem isso, que as mais velhas não fazem...

Sônia – Lá está... achas isso bem? Eu não acho. Agora imagina eu aparecer no meu trabalho com a minha mulher e com a minha filha. Achas que ia ser aceite? Não, não ia. Achas bem? Eu não acho. Porque, se calhar, eu e a Cláudia íamos dar-lhe uma educação correta, íamos levar a criança ao parque, íamos tentar que não faltasse nada.

Cláudia – E se calhar está lá um casal hétero que dá porrada na criança...

Sônia – Oferece-lhe um joguinho da *Playstation*, que é “enquanto está na *Playstation* não chateia” e por aí fora...

Vanessa – Mas achas, tal como a Cláudia, que devemos esperar que a sociedade esteja preparada?

Cláudia – Eu acho que nós temos de esperar porque nós não temos grandes meios para lutar contra a sociedade.

Sônia – Eu entendo a lógica de esperar, mas se eu esperasse tanta coisa para a sociedade aceitar nunca estava com a Cláudia.

Vanessa – Mas imagina que vais a Espanha e fazes uma inseminação artificial, é óbvio que biologicamente não pode ser filha das duas, mas...

Sônia – Para quê? Para chegar cá e depois ela pode pôr como filha, mas eu não posso pôr como filha? O que é que isso interessa?

Vanessa – Mas a criança é criada contigo... e vai-te chamar *mãe*...

Sônia – Mas não tem o meu nome!

Cláudia – Mas para quê, é a minha opinião, estar a gastar rios de dinheiro, que é mesmo assim, para fazer isso, claro que está dentro de nós e é uma sensação diferente, mas porque não adotar uma criança que, lá está, precisa de alguém que lhe dê carinho.

Vanessa – Se o quisesse fazer neste momento teria de ser uma de vocês a tratar do assunto sozinha...

Cláudia – Sim, já me passou isso muitas vezes pela cabeça e só não o faço porque, lá está, não quero estar a fazer isso sem ter as mínimas condições para a criança.

Sónia – Na minha opinião, é assim, já que as pessoas são falsas connosco, é ser falsas também com o Estado, com o Governo e com todo o mundo. É a forma mais fácil de poupar tempo e dinheiro, é mesmo termos um relacionamento com um homem, tens um filho, é teu, e está feito. Não precisas de ir com papéis para a adoção.

Vanessa – Mas precisas do nome de um pai...

Sónia – E?

Vanessa – E esse homem daria o nome?

Sónia – Se não desse o problema era dele.

Cláudia – Mas é óbvio que nós a fazermos isso também não queríamos que ele desse o nome...

Vanessa – Mas já não pode haver filhos de pais incógnitos...

Sónia – E? Ó amigo, é assim: foi uma noite, eu fui para a discoteca, sei lá quem é que é o pai...

Vanessa – E se tu morres?

Sónia – Se eu morro? Fica com a outra mãe. Qual é a diferença?

Vanessa – A diferença é que ela não é ninguém para a criança.

Sónia – Ai não é? Mãe não é aquela que tem, é aquela que cria.

Vanessa – Eu percebo isso, mas aquele homem, que foi só de uma noite, para os efeitos que tu querias, e que nunca mais viu a criança, ficaria ele com a responsabilidade parental da criança, e não a Cláudia.

Cláudia – Exatamente. Pela lei é isso que acontece.

Sónia – Então e se eu não souber quem é que é o pai? Ficam os meus pais com a guarda da criança, e ao ficarem os meus pais, tenho a certeza que os meus pais a iam entregar à Cláudia.

Vanessa – Mas imagina que morrias num acidente de carro, no qual ia a Cláudia a conduzir e até tinha bebido um copo a mais. Achas que se ia desenrolar tudo da mesma forma?

Sónia – Acho que não, acho que não... acho que não tem nada a ver. Lá está, porque se fosse um casal *normal*, como é que isso ia ser?

Vanessa – Mas num casal *normal*, a lei já poria a criança com o pai, percebes? E neste caso é só se os teus pais quiserem...

Sónia – É igual... é igual... é igual...

Cláudia – Não, não é igual. Se for um casal hétero, morre um e o outro fica com a guarda da criança, seja a mãe, seja o pai; no nosso caso não: pela lei, eram os teus pais que ficavam com a criança. Eles só me deixavam ficar se concordassem com isso, se eles gostassem de mim... agora, se eles ficassem magoados por acharem que eu era a responsável por teres morrido...

Sónia – Mas eu estou a dizer isso “é igual”, porque eu conheço os meus pais, eles iam deixar-te ficar na mesma com a criança.

Cláudia – Tu não sabes como é que é a dor de perder uma filha...

Sónia – Então e se isso fosse para a frente e nós pudéssemos mesmo adotar uma criança, logo aí tu não ias adotar uma criança sem seres casada, pela lógica, certo? Logo aí, nós éramos casadas...

Vanessa – Mas neste momento estávamos a falar de adotar enquanto singular...

Sónia – Pronto.

Cláudia – Lá está, isso vai dar sempre polémica, vai dar sempre... nunca vamos conseguir fazer como um casal hétero faz, infelizmente. Nós nunca vamos conseguir...

Sónia – Ainda hei de eu morrer e isso ainda continua na mesma.

Cláudia – Nem mais.

Sónia – As mentalidades ainda estão muito fechadas... e vão continuar. O que eu sofria há 10 anos atrás continuo a sofrer hoje, derivado ao preconceito.

Vanessa – E como é que te sentes com isso?

Sónia – Como é que eu me sinto? Revoltada... e triste. Triste porque, lá está, a minha vida só me diz respeito a mim, acho que ninguém tem nada a ver com ela, e se eu não faço mal nem prejudico ninguém; ao fim e ao cabo, não estou a prejudicar ninguém, porque é a minha vida, uma opção minha, né? Por que é que as pessoas hão de, sei lá, como é que eu hei de dizer... pôr o dedo ou, né?

Vanessa – E como é que reages?

Sónia – Como é que eu reajo? Com desprezo... e com um sorriso, é a arma melhor que nós podemos ter.

Cláudia – Queres que eu diga como é que eu reajo também? É a mesma coisa, é a mesma coisa!

Sónia – E, claro, desminto, não é? Tipo, eu, eu...

Vanessa – Tu não assumes?

Sónia – Não.

Vanessa – Porquê?

Sónia – Derivado ao preconceito, derivado a tudo o que eu já passei, não assumo. Atenção! Não assumo... eu costumo dizer que sou semi-assumida, porquê? As pessoas mais próximas (os meus pais, os meus amigos) sabem que eu sou e eu não escondo, atenção! A quem me conhece, a quem vive comigo, não escondo. Mas agora a pessoas que eu não conheço, a pessoas que não fazem parte da minha vida, que não me dizem nada, escondo.

Vanessa – Tu também?

Cláudia – Não, não. Digamos, desde que vim mais para aqui para Lisboa que se calhar, não é esconder, mas se calhar omito um bocado. É verdade... se me perguntarem diretamente eu digo que sim, que sou lésbica, sim; mas antes eu era capaz de ser a primeira a dizer “*ah, eu sou lésbica, aquela é a minha namorada*” ou qualquer coisa, agora sou mais... porque lá está, aqui em Lisboa, eu tenho notado que as mentes são mais fechadas.

Sónia – E são más!

Cláudia – Sim, também é verdade.

Sónia – E se te puderem lixar derivado àquilo que tu és, sem te conhecerem de lado nenhum, lixam e pisam-te.

Cláudia – É verdade. Tu sabes melhor que ninguém...

Vanessa – Vocês participam em movimentos ativistas?

Sónia – Não.

Cláudia – Somos o que somos, mas também não sou a favor de andar aí a fazer publicidade, dizer o que sou e o que não sou. Vivo a minha vida, mas nunca fui a nenhum desses movimentos, nem faço tenções de ir.

Sónia – Eu já fui a festas, sim, mas a movimentos não.

Vanessa – Mas acham que são importantes?

Sónia – É assim, importante é, sem dúvida; é importante lutarmos por aquilo que nós queremos, né? E por aquilo que acreditamos, sim, é importante. Se calhar, se houvesse mais vezes e mais gente, se calhar, como o ditado diz, *o povo unido jamais será vencido*. Se lutássemos mais e pelo mesmo, se calhar conseguíamos.

Cláudia – É, eu tenho a mesma opinião. Não vale a pena repetir, não é?

Vanessa – Então porque não?

Sónia – Porque não, porque lá está... olha, nunca me ocorreu porque isso é expor, digamos, um bocado a minha imagem e, como te disse, eu não sou assumida. Logo aí estava-me a contradizer, né? Eu ir para uma manifestação ia dar a minha cara e não faço. Imagina o que é, estava a dar no telejornal e eu, com a sorte que eu tenho, ia ser filmada. Tipo, olha o meu patrão, em casa, *“aquela é a minha empregada”*.

Vanessa – Mas participares numa marcha *gay* não tem de querer dizer que o és...

Sónia – Essa história não pega. A primeira vez que eu fui a uma discoteca *gay*, fui e nem sabia para o que é que ia, mas depois, em todas as vezes que eu fui à discoteca *gay*, eu servia-me dessa desculpa, do *“não, eu só vim cá por curiosidade”*, no entanto eu sabia o que é que era, mas quando aparecia alguém daqui do meu bairro ou qualquer coisa *“e então, estás por aqui?”*, era *“não, só vim ver como é que era, convidaram-me, olha, nem sabia”*, porque a maior parte que vai é porque é, sim, porque senão não ia, certo?

Cláudia – É, também podem ir enganados...

Sónia – Na manifestação? Isto é tudo uma farsa e é uma farsa porque nos obrigam a ser assim, porque se eu pudesse, eu não escondia, eu gritava para todo o mundo aquilo que eu sou, mas pensando em mim, porque eu gosto demais de mim, tenho de ser uma farsa.

Vanessa – Como é que escondes dos teus vizinhos?

Sónia – Os meus vizinhos?

Cláudia – É como eu digo, as pessoas não são parvas, como é óbvio, mas lá está, nós somos capazes de sair daqui e ouvir uma boquinha ou ouvir uma piadinha.

Sónia – É assim, é a palavra das pessoas contra a minha.

Cláudia – Eu sou capaz, se calhar, de responder, se me mandarem uma boca “*qual é que é o stress?*”.

Sónia – Se tu fosses minha vizinha, vias-me a sair todos os dias com a Cláudia, até podias associar “*ali, num T0, está na cara, não é?*”, mas é assim, é a tua palavra contra a minha; era tu a dizeres “*olha, gay*” e eu “*não, desculpa, eu gosto é de homens, olha aquele ali bué da giro a passar, por uma noite até que lá ia!*”. Enquanto não ouvirem pela minha boca, podem dizer aquilo que quiserem de mim, falem bem ou falem mal, ao menos falam, vão falando.

Vanessa – E não receias que o facto de tu própria o negares seja potenciador de mais preconceito?

Sónia – Isto é uma doença mas é na cabeça deles. Agora, se eu nego, é porque me obrigam a não falar a verdade. Olha, eu e a Cláudia íamos no elevador, e nós damos sempre um beijinho no elevador, porque vamos sozinhas e quando saímos de casa para ir para o trabalho, no elevador damos sempre um beijinho de bom dia de trabalho e não sei quê; houve um dia, nós estávamos a despedir-nos com um beijinho e uma vizinha abre a porta e a vizinha ficou montes de vermelha e não sei quê a olhar para nós e eu

“ah, pode entrar” e ela “ai não não não não não”. Estás a ver? Se calhar, se fosse um casal normal, essa vizinha tinha entrado e se calhar até achava super graça, mas como fomos nós, “aiiiiiii, que nojo, desinfetem o elevador”, porque, às vezes, não é preciso as palavras, basta os olhares e os olhares dizem muito mais do que as palavras e eu, pelo menos, reparo muito pela maneira como as pessoas olham para mim ou para nós quando nos abraçamos mais ou damos um beijinho, não tem nada a ver, nada...

Vanessa – E tu tens alguma estratégia a apontar para contornar isso tudo, para além da publicidade de que falaste?

Sónia – Estratégia... sei lá... fazer uma lavagem cerebral a toda a gente.

Cláudia – Transformar os héteros.

Sónia – Não, lá está... a publicidade sim, ia ajudar, mas eu acho que é difícil, porque eu acho que cada pessoa tem a sua maneira de pensar, certo? E se tu já tens aquela maneira de pensar, venha quem vier, não ta vai fazer mudar. E acho que vem tudo da educação de quando tu és pequena, e se tu habituares os pequenos a encararem como *é normal*, eles aceitam e vão aceitar; agora, tipo, as pessoas já são adultas, acho que já não há muito a fazer para mudarem de ideias, porque já têm a sua ideia ali toda feita. Quanto ao casamento, deixa lá, cada um leva onde quer, como há aí muitas a dizerem, né? Agora a adoção... nem que inventem mentiras para a pessoa não adotar, é complicado...

Vanessa – E isso afeta a vossa relação?

Sónia – É assim, qualquer relação tem a ver com o sentimento que a pessoa sente, certo? Isso é como namorar é uma coisa e o juntar ou casar é outra. E, desde que o sentimento seja verdadeiro e sincero e as pessoas se compreendam e respeitem, o relacionamento pode durar. Agora, se o relacionamento não for verdadeiro, se houver mentiras e sei lá mais o quê, claro que não vai durar. Ao princípio andamos ali todos bonitos e não sei quê, só que não vai durar, chega a um ponto que acaba. E isso tanto faz, seja hétero, seja homossexual, tanto faz. Acho que não tem nada a ver de durar... aliás, o máximo de duração de um relacionamento com um homem que eu tive foi 1 ano, não passou daí, e na altura eu até pensava que era feliz, pensava eu... e o máximo

que eu estive com uma mulher já foi 7 anos. Portanto, para mim não dá, porque lá está, tudo tem a ver como as pessoas se dão, não tem a ver com o que é que são.

Cláudia – É verdade... acho que o que interessa é a pessoa que está ao lado, o que ela nos dá e nos faz, ser homem ou ser mulher não tem nada a ver, é a mesma coisa... não tenho culpa; que culpa é que eu tenho de me apaixonar por uma mulher e não por um homem? Não tenho!

Sónia – E é mais fácil... porque, como eu costumo dizer, nós, mulheres, compreendemo-nos melhor a nós mesmas, nós mulheres sabemos o que é que gostamos, o que é que não gostamos, nós compreendemo-nos mais; logo aí facilita muito mais qualquer relação do que um homem e uma mulher. O homem, por muito mais que te diga "*sim amor, eu compreendo*", não compreende tanto como uma mulher.

Cláudia – Porque não sofre o que, às vezes, a mulher sofre...

Sónia – E dou um exemplo: tipo, quando nós estamos menstruadas (não é desculpa, não), nós compreendemo-nos, porque nós sofremos o mesmo, os homens não conseguem compreender o que é que é uma dor de menstruação, certo? Isto é um exemplo que eu te estou a dar para... não tem nada a ver, é tudo mais... o toque é mais sentido, é tudo tudo tudo, o falar, é tudo! Portanto, logo aí faz com que a duração, no meu ver, do relacionamento, também dure mais do que com um homem.

Vanessa – O facto de tu não te assumires e a Cláudia assumir-se, nunca fez com que entrassem em confronto?

Cláudia – Nunca entramos em conflito.

Sónia – Não.

Cláudia – Ela é assim, eu tenho de respeitar a maneira de ela pensar, e ela respeita a minha.

Sónia – E eu respeito a dela.

Cláudia – Eu digo que namoro, claro, sim. Mas se perguntarem “*namoras com quem?*”, é a minha vida pessoal, acho que ninguém tem nada a ver com isso. É como ela disse: os mais próximos de nós sabem, portanto, se alguém perguntar “*sim, namoro com ela*”, não temos problemas nenhuns em admitir isso; para pessoas de fora não, sim namoro, sou lésbica, namoro com uma rapariga, mas não tenho de dizer quem é que ela é, respeito a opinião dela e ela respeita a minha. Lá está, mais uma vez, se calhar as mulheres conseguem entender-se, no meu ponto de vista, de uma melhor forma. Mas não tenho nada contra os héteros, calma!

Sónia – Eu nem tenho nada contra nem a favor, lá está, é o mundo deles.

Cláudia – É, sejam felizes.

Sónia – Nem mais! Mas deixem-me também ser feliz!

Cláudia – Exatamente.

Sónia – Eu acho que, se respeitássemos o próximo, ganhava toda a gente mais com isso.

Cláudia – Pois, mas sabes como é que é... há sempre a ovelhinha negra.

Sónia – Mas olha, espero que um dia mais tarde consigamos mesmo adotar e que não seja assim tão complicado.

Cláudia – E que esse *dia mais tarde* seja muito em breve... que eu já estou a caminhar para velha.

Vanessa – Pronto, só tenho a agradecer-vos por esta conversa e partilha de opiniões. Obrigada pela vossa colaboração no meu estudo! Em breve terão notícias minhas.

APÊNDICE L: Transcrição da entrevista a Mário

Coimbra, 09 de abril de 2015

Mário Dinis

62 anos

12.º ano

Desempregado

Vanessa – Bem, o que preciso é que me diga o que é que acha da adoção por casais de pessoas do mesmo sexo, tendo em conta a forma como é encarada a homossexualidade ao longo dos tempos, os constrangimentos que existem a nível legal e, depois, por exemplo, comentar a questão do referendo e também a própria legislação da adoção.

Mário – Na adoção por casais homossexuais, o que acontece é que as pessoas, os casais homossexuais, são pessoas com posses, já com vida estruturada e têm todas as condições para adotar. Eu sou da opinião que sejam dadas condições para a adoção por casais homossexuais. Sou contrário ao acumular, ao armazenar de crianças em instituições como Casa Pia e etc., porque parece que só querem ter as crianças lá e não dá-las para adoção, mas não acontece só nessa instituição, acontece noutras que eu sei, eu conheço. Por exemplo, em relação à minha própria pessoa, se eu pudesse adotar, eu adotava, mas não tenho condições. O que é que queria saber mais?

Vanessa – Por exemplo, se já passou por situações de homofobia, se já foi discriminado alguma vez, se acha que este impedimento tem a ver com o facto de a homossexualidade ser encarada por alguns, ainda, como uma doença ou um distúrbio da personalidade?

Mário – Parece que estamos a regredir, porque é exatamente isso. Cada vez sinto mais na pele a discriminação e o põem-me à parte, confundir a homossexualidade com pedofilia e considerarem a homossexualidade como uma doença. Na verdade, se eu sou doente, deveria estar internado num hospital psiquiátrico, não é?

Vanessa – Como é que o faz sentir essa forma como, tanto a homossexualidade como a adoção, são vistas ainda?

Mário – A mim faz-me sentir mal, porque é completamente inconcebível que não se aceite a oportunidade, nem sequer dão oportunidade aos casais homossexuais para adotar. É uma perda de oportunidade de uma criança ter um lar.

Vanessa – E de que forma acha que podemos conseguir que isso vá acontecendo?

Mário – Esta conversa é muito estranha... É que eu, se tivesse dinheiro para adotar, dava a volta à questão, adotava como se fosse singular.

Vanessa – Está neste momento num casal?

Mário – Pois... mas se houvesse essa possibilidade, não há... mas se houvesse, facilmente adotaria a questão da singularidade. É fugir à legalidade, é fugir, é dar a volta à questão.

Vanessa – Acredita que a situação atual se pode dever à definição de papéis dentro de uma família e à preocupação com o desenvolvimento das crianças?

Mário – Isso não se adequa, porque o desenvolvimento da criança não é influenciado assim de um momento para o outro e por uma questão de haver tarefas definidas, porque, hoje em dia, até os casais hétero têm tarefas definidas e o homem muito provavelmente o faz, limpa a casa, cozinha e lava a roupa e não sei quê, até porque às vezes as pessoas estão tão ocupadas que eles têm que fazer, têm de se ajudar mutuamente. Isso é um argumento que não tem validade hoje em dia.

Vanessa – E o facto de não haver uma figura feminina, neste caso, acha que pode afetar o desenvolvimento da criança?

Mário – Depende muito da atitude do casal que adotou ou queira adotar, porque a figura feminina pode ser criada por uma amiga da família, não tem de ser exatamente a mãe biológica.

Vanessa – E quanto às competências parentais, acha que haveria aí alguma diferença?

Mário – As pessoas têm de ter cuidado quando lidam com uma criança, não é? Mas esses cuidados têm de existir tanto num casal hétero como num casal homossexual. Tem que se falar com a criança quando ela começa a ter idade para compreender e pôr-lhe essas questões, como eu costumo dizer, como eu costumo dizer, com muita diplomacia.

Vanessa – Em relação à adoção, disse que se pudesse contornava a situação, o que já há casais a fazer. O que é que acha de, mesmo assim, continuar a ser impedido?

Mário – São pessoas com preconceitos... quem vê as notícias, quem lê os jornais, quem vê a comunicação social vê, por exemplo, lá aquele deputado do CDS veio com um bláblá contra isso, mas agora como é que é em relação ao filho ou filha (não sei se é filho ou filha)? Ele já está a ter problemas com a mulher e não sei quê e como é que ele agora atuou em relação a isso? Esta gente tem dois pesos e duas medidas: quando é para os outros é contra, mas quando é para eles é a favor. Vive-se num mundo de contradições, porque eles supostamente são contra a adoção, mas depois já são a favor de outras bizarras, não é?

Vanessa – Acha que a legalização iria acabar com a homofobia e o preconceito que existe na sociedade portuguesa?

Mário – Nem aqui nem em lado nenhum! Eu diria quase que vive-se de aparências, porque de uma forma a lei até podia ser aprovada, como os casamentos homossexuais, isso é tudo muito lindo mas é no papel, porque quando se vai ao Conservatório do Registo Civil para fazer o casamento está lá tudo como se fosse, lá está, uma bizarras.

Vanessa – É casado?

Mário – Não, não sou.

Vanessa – E acha que...

Mário – Por um lado, a lei ia ajudar, mas, por outro lado, as pessoas olham sempre com desconfiança e com discriminação e põem montes de obstáculos para que isso acontecesse e, no caso da adoção por casais homossexuais, isso é sempre mais intenso,

porque as ideias pré-concebidas em relação à formação de uma criança por casais homossexuais é pior, eu acho que é ainda pior, do que a história do casamento homossexual.

Vanessa – Acha que teria sido mais simples se a questão da parentalidade tivesse sido, desde logo, discutida juntamente com a questão do casamento homossexual?

Mário – Mas nós somos muito cobardes e não queremos avançar demasiado depressa... andamos sempre com pezinhos de lã para fazer seja o que for, principalmente nestes casos. Isto é uma contradição... vive-se de aparências, isto é um país de aparências, porque nós somos contra legalizar a adoção por casais homossexuais, mas muitos dos que são contra, são contra na visibilidade, mas depois lá em casa já adotaram, porque são homossexuais e são contra. A maior discriminação são os próprios homossexuais! O maior entrave, a maior parte das vezes, são os próprios homossexuais.

Vanessa – Porque é que diz isso?

Mário – Baseado na minha experiência, não é?

Vanessa – E qual considera ser o papel dos *media* e das associações LGBT?

Mário – Acho que as atitudes, o ativismo ajuda de alguma forma a que se procure arranjar uma solução, chegar à legalidade da adoção por casais homossexuais. Os *media*, a maior parte, não é que a maior parte dos jornais e das televisões e tudo, são jornalistas, não é? Têm muitos preconceitos ainda em relação a estas questões e há muita discriminação até nesse aspeto. Dá-me a impressão que os jornalistas não sabem escrever. Eles, até transcrições de outras notícias, eles dão erros fatuais, portanto não são eles que ajudam, antes pelo contrário.

Vanessa – Acha, então, que os *media* só têm um papel negativo?

Mário – Têm tido até agora um papel negativo, essa é a minha opinião.

Vanessa – Queria falar-lhe também do facto de existirem alguns olhares relativamente aos homossexuais, nomeadamente o facto de ser uma doença ou uma questão hereditária.

Mário – Isso é um bocado estranho. Que eu saiba, não há mais nenhum homossexual na minha família, que eu saiba, não é?... Portanto, não é uma doença contagiosa, não é hereditária. Portanto, há aí qualquer coisa estranha, essa designação não é muito válida.

Vanessa – E qual é o papel da religião?

Mário – Os homossexuais só podem viver a sua religião se não disserem a ninguém que são homossexuais. Podem ir à igreja, fazer tudo na igreja, só que não podem dizer que são homossexuais, porque se eles disserem que são homossexuais são postos de parte. Nem mesmo com esta atitude deste Papa, continuamos na mesma... as opiniões do Papa não chegam às atitudes do clero e do povo cristão, em relação aos homossexuais.

Vanessa – Acha, então, que a igreja podia contribuir mais?

Mário – Acho. Principalmente até com esta atitude deste Papa, porque está sempre a pedir para ir à igreja, aproximar, não só os homossexuais, mas as prostitutas, os mendigos, os pobres...

Vanessa – E o que é que tem a dizer dos olhares que associam a homossexualidade a comportamentos aditivos?

Mário – Como na heterossexualidade, também há muitos consumos na homossexualidade. Eu, na minha vida, não tenho nada disso, mas acho que isso não é argumento para impedir a adoção por casais homossexuais, não é impeditivo. E cada vez acho que os casais homossexuais, que são casais mesmo a sério, cada vez são mais bem formados, estão mais bem na vida do que muitos casais héteros, e quando querem partir para a adoção não andam a consumir coisas e a dar maus exemplos aos filhos.

Vanessa – De uma forma geral, como é que a forma como são vistas as relações sexuais o faz sentir, pensar e fazer?

Mário – Eu acho que já falei sobre isso... Faz-me sentir muito mal que se olhe para a homossexualidade como uma doença, não me sinto doente, nem psiquiatricamente. E em relação à adoção, é um erro não se aproveitar as boas condições dos casais homossexuais para a adoção. É um desperdício de vida e de oportunidades...

Vanessa – E o que é que faz ou o que é que gostava de fazer em relação a tudo isso?

Mário – É óbvio que eu não faço nada, eu estou um bocado afastado das lides das associações. Digamos que me zanguei com as associações.

Vanessa – Posso saber porquê?

Mário – Porque há determinadas pessoas que utilizam as associações para se autopromoverem e para passarem por cima de tudo e de todos. E normalmente no seio dessas associações são pessoas com pseudoformações, licenciaturas, doutoramentos, mestrados, coisas do género, pelo menos com quem eu tenho lidado... Senti-me muito discriminado por pessoas estudantes universitárias, como se já tivessem o rei na barriga, e eu não ter nenhuma licenciatura, nada, digamos assim. Creio que as pessoas esquecem-se que tenho uma vida inteira de experiência. Já agora, fui eu que tive a iniciativa de criar a Marcha contra a Homofobia e Transfobia de 17 de maio, no entanto afastei-me logo. Ando a par das notícias, já agora...

Vanessa – E sente falta de lutar?

Mário – Eu gosto de andar a par do que se passa e faz-me bem algumas atitudes. Ouviu falar naquela história da Paula Antunes? A Paula Antunes é uma rapariga que anda sempre metida no movimento LGBT. É lá do Norte, do Porto. E de um momento para o outro também já estava aqui em Coimbra na organização da Marcha e nessa altura eu andava aí. Depois ela teve uma atitude em relação, por exemplo, à minha pessoa que eu achei um bocado estranha: pôr-me de parte, não me deixar falar; e agora vem-se a descobrir que ela, porque foi apresentada queixa na polícia, de agressões, de violência doméstica a duas das ex-namoradas dela. Isso andou na comunicação social, mas é preciso andar, estar mais ou menos atento a alguns detalhes, ligados já ao mundo LGBT. De facto, não gostei da atitude dela, e depois veio-se a confirmar que ela tinha

duas vidas completamente diferentes, fazia uma coisa na rua e depois em casa fazia outra coisa completamente diferente. Elas passaram mal, segundo parece, e foi apresentada queixa por agressões, pressões psicológicas, agora vamos ver no que é que isto vai dar.

Vanessa – E então achou melhor afastar-se...

Mário – Achei melhor afastar-me.

Vanessa – E então, estando afastado e vendo de fora, o que é que acha que se pode fazer mais?

Mário – Não é fácil lidar com estas coisas, não sei o que é que se poderia fazer para provocar os políticos para que criassem uma lei para a adoção por casais homossexuais. Não é fácil, os próprios políticos teriam de tomar a iniciativa. Cá fora, as organizações, não estou a ver que os possam pressionar.

Vanessa – Porquê?

Mário – Fiquei com a sensação que quem está nessas organizações só procura a cadeira do poder e não procura promover, por exemplo, esta questão da adoção. Vejo muito isso.

Vanessa – E acha que a sociedade e o próprio Estado têm características heterossexuais, pelo facto de as questões homossexuais serem questionadas e as héteros não terem essa necessidade?

Mário – Isso também tem a ver com a política de direita que nós temos. Se temos um governo de direita, estas atitudes são completamente de governos de direita, não vão dar de mão beijada. O que se conseguiu até agora foi com governos mais, ok... não sei onde é que estão os governos de esquerda, mas pelo menos conseguiu fazer-se qualquer coisa com um governo que não era tão à direita.

Vanessa – Em relação à questão do referendo, em concreto, que o Tribunal Constitucional não aprovou, o que é que esta tentativa o faz pensar?

Mário – Eu acho que a pergunta que foi para o Tribunal Constitucional estava de tal maneira mal feita, que foi isso que levou a que o Tribunal Constitucional reprovasse essa proposta.

Vanessa – Mas acha que deveria ter-se feito um referendo?

Mário – Eu acho que sim.

Vanessa – Porquê?

Mário – É fácil, como tudo neste país: só vai votar quem está interessado em que as coisas passem. Quando há, neste país, um nível de abstenção de quase 50%, era muito fácil poder passar essa lei.

Vanessa – Não acha que os homofóbicos também iriam votar?

Mário – Acho que não. São tão preguiçosos que não vão votar. “*Ah, isso de votar, isso não vale de nada e não sei quê*”. Isso agora viu-se na Madeira, a abstenção foi quase de 50% também, portanto, se isso fosse a referendo, nós ganhávamos. Sou muito otimista, não é? Mas tenho quase a certeza disso. Há tanta abstenção, há tanta gente a não participar nas votações que facilmente, se os que lutam por esta causa fossem votar, ganhávamos.

Vanessa – E o que é que acha da questão de se perguntar? De não simplesmente se efetivar, colocar uma lei, mas perguntar.

Mário – Eu agora já não me lembro como é que a pergunta estava quando foi lá para o Tribunal Constitucional...

Vanessa – A questão do Tribunal Constitucional era ligarem na mesma questão a co-adoção e a adoção, que são questões diferentes, mas que estavam a ser discutidas em conjunto.

Mário – Eu acho que os políticos, às vezes, quando não querem uma coisa arranjam palavras para essas coisas não acontecerem. Na altura eu li-a, não me lembro exatamente da pergunta, mas eu pensei logo assim “isto está de tal maneira confusa a pergunta que eles vão dizer que não” e foi o que o Tribunal Constitucional disse. A pergunta estava demasiado confusa e eles disseram logo que não, essa é a minha opinião. Se fosse uma pergunta mais lúcida, mais apelativa, mas eles fazem perguntas com preconceitos.

Vanessa – Porque é que diz isso?

Mário – Não querem que a pergunta chegue aos mais desfavorecidos, àquelas pessoas que não são capazes de perceber determinadas palavras, então põem lá palavras muito complicadas que é para eles não perceberem o que é que está lá.

Vanessa – Mas e o facto de se fazer esta pergunta quando em relação aos heterossexuais nada foi questionado?

Mário – É muito mais fácil pôr a questão para o outro lado. Por exemplo, o Parlamento tem capacidade, tem tudo a seu favor para aprovar a lei. Porque é que propôs isso para referendo? É a mesma coisa que no caso do aborto, é exatamente a mesma coisa. Para que é que era preciso o referendo se eles tinham capacidade para definir isso como lei? É só andar a desperdiçar dinheiro ao país, não é preciso referendo nenhum; o Parlamento pode legislar, o que pode acontecer é aquela múmia paralítica que está em Belém mandar isto para o Tribunal Constitucional, arranjar lá uns argumentos e aquilo voltar para trás e andamos nisto toda a vida.

Vanessa – Então acha que foi simplesmente um ato de cobardia?

Mário – Eu acho. Os políticos são cobardes ao ponto de não assumirem aquilo para que foram mandatados. Eles estão lá, comprometeram-se a fazer determinadas coisas que estavam lá nos programas deles e depois quando chega a altura nunca fizeram.

Vanessa – Agora, como última questão, eu queria saber, já que vimos as diferentes formas como é encarada a homossexualidade, como é que no seu caso em particular a vê e como é que foi no seu meio aceitar a homossexualidade.

Mário – Ninguém aceita a homossexualidade. Eu vivo a minha homossexualidade escondido.

Vanessa – Da sua família?

Mário – Da minha família, grande parte dos meus amigos, exceto algumas pessoas.

Vanessa – E como é que isso o faz sentir?

Mário – Mal. Não posso assumir os compromissos que tenho, por exemplo, com a outra pessoa, faz-me sentir mal.

Vanessa – Assumir-se perante pessoas que o conhecem desde sempre não iria fazê-las entender que a homossexualidade não é, efetivamente, um problema? Ou acha que iriam mudar de opinião relativamente a si?

Mário – Eu vejo a atitude das pessoas em relação aos homossexuais ou até a pessoas que passam na rua que vão vestidas um bocadinho, só um bocadinho, de maneira diferente, e é muito mau, é extremamente discriminatório, atitudes homofóbicas. Eu só me vejo numa situação dessas, quer dizer, estou à parte a ouvir essas conversas. Já houve casos em que eu me indispus com essas pessoas pelo facto de estarem a discriminar outras pessoas. Falar é muito fácil e eu quando vejo determinadas atitudes das pessoas e depois esquecem-se que lá em casa têm telhados de vidro, julgarem as pessoas só pelo aspeto e não verem que lá em casa têm problemas sociais muito graves, estou-me a referir a um caso concreto: eu, aqui há uns tempos atrás, assisti a um facto verídico, alguém estava a dizer a outra pessoa, só porque ele tinha uns brincos e não sei

quê, “*ei, que mau aspeto*” e não sei quê e eu sei que o caso dele lá em casa é muito mais grave, que há consumos grandes de drogas, há dependência de drogas, e a pessoa a quem ele estava a discriminar não consome drogas, é estudante, só usa aquelas coisas porque faz parte da sua identidade, faz parte de si, faz parte da vida dele. Pronto, as pessoas quando discriminam deviam olhar para si próprias, para a sua família, para si próprios...

Vanessa – Muito bem. Olhe, acho que é só. Agradeço-lhe imenso pela sua colaboração!

APÊNDICE M: Transcrição da entrevista a Mara

Porto, 14 de abril de 2015

Mara Leite

26 anos

12.º ano

Desempregada

Vanessa – Bem, como te disse, quero que fales sobre a adoção por pessoas do mesmo sexo, tendo em conta o impedimento legal.

Mara – Eu não tenho muito para dizer, sinceramente... A adoção por hétéros e homossexuais, eu acho que é tudo idêntico, só que, devido à lei, nós não temos tantas possibilidades como os hétéros. Fora isso, não tenho muito mais para te dizer. Eu simplesmente acho que há muitas formas e formas de ter uma criança no meio de duas pessoas do mesmo sexo: primeiro, a condição de vida, o estatuto também conta muito, a carteira, hoje em dia, também, acho que é mesmo parente da sociedade, porque, hoje em dia, um hétéro e um *gay* conseguem-se meter no meio da sociedade sem dar por ela; por exemplo, eu lido com várias pessoas, seja aqui no Porto, seja em Santa Maria da Feira, porque eu sou de Santa Maria da Feira, e eles nunca souberam aquilo que eu era. Eu sou adotada por um casal hétéro, no qual era completamente... discriminação, porque essa família é da alta sociedade – é como eu digo, alta sociedade é muito dinheiro investido e se eu quisesse adotar uma criança era de um dia para o outro. Mas eu, ao fim e ao cabo, não fui adotada: assumi-me aos 16 anos e puseram-me da porta para fora, tiraram-me tudo e mais alguma coisa, por isso é que eu digo que não tenho muito que dizer sobre isso, acho que as pessoas são tratadas um bocado com o pé atrás, seja hétéro ou não seja, depende da sua maneira de estar e de ser.

Vanessa – E o que é que sentiste quando te puseram fora de casa?

Mara – Olha, foi quando eu tive o apoio de uma amiga minha que está no Luxemburgo e foi para lá que eu fui, porque senão não sei o que ia ser da minha vida, sinceramente. Tive um apoio, tive um pilar, porque eu já estava cansada daquilo... porque, quando eu me assumi, ainda me deram um *abre olhos* e disseram-me “*vais escolher a felicidade ou vais escolher a carteira? Porque tu sem dinheiro não és nada*” e eu pensei assim

“eu não tenho trabalho, não tenho casa, não tenho nada, se me tirarem tudo opto pela felicidade”. Falei com uma amiga minha, a tal que está no Luxemburgo e ela disse *“olha, se vieres para cá, eu ajudo-te”*, mesmo assim ela pagou-me o bilhete, porque ao fim e ao cabo foi mesmo decidido à última da hora, porque eu ou me assumia ou não me assumia. Foi quando eu me assumi, além de ter levado uma coça, terem-me tirado tudo, pronto, foi uma dor que ainda dói, parece que não mas foi recente, foi há 10 anos, mas ainda sinto, porque chega às datas de aniversário, algumas pessoas com que eu tinha ligação ainda lhes dou os parabéns só que não é a mesma coisa e depois há sempre um olhar de lado, tipo *“tu já foste rica e agora és pobre, não vales nada agora, por isso vou apenas fingir que não te conheço”*.

Vanessa – Achas que a forma como te tratam agora tem a ver com a tua homossexualidade?

Mara – Sim, porque eles disseram mesmo *“antes prefiro que saias daqui e assumir como nunca tenhas sido minha filha do que propriamente ter uma pessoa assim, uma aberração”*. Uma aberração... eu era uma aberração, sempre fui.

Vanessa – E como é que vês a homossexualidade?

Mara – Para mim, é uma pessoa normal. Eu não vejo restrição em lado nenhum, lá está, há aquelas pessoas que abusam, abusam como, por exemplo, há uma maneira de estar num lugar público e uma maneira de estar num lugar reservado. Há lugares próprios para nós e lugares próprios para pessoas que não são como nós. Eu acho que as pessoas, em si, dão-se todas bem, só agora é que a homofobia está a ser ligada aos miúdos, para que nós, pessoas, não consigamos adotar por causa disso, porque nós não temos o direito tal e qual como as pessoas ditas *normais*, para mim é assim. Porque é assim, tendo condições, sendo mulher ou homem acho que vão dar amor igual, claro que há homem mais feminino e homem mais masculino, tal e qual como há mulher mais feminina e mulher mais masculina. No entanto, eu preferia mil vezes ter sido adotada por um casal *gay*, do que propriamente um casal hétero.

Vanessa – Achas que a nível de competências têm as mesmas que um casal hétero?

Mara – Não, porque os héteros, ao reagirem assim, estão a demonstrar que são ignorantes, estão a ser estúpidos, porque nós não temos doença nenhuma, não fazemos mal a ninguém. Nós, simplesmente, fazemos a nossa vida normal, não andamos a tratar mal ninguém, se nós respeitarmos a pessoa em questão e não estivermos a fazer escândalos no meio da rua, tanto seja hétero como não, eu acho que devemos ter respeito pelas pessoas mais velhas. É assim, eu sempre fui assim, os meus namorados eram escolhidos e por isso na rua eu não andava de mão dada e aos beijos.

Vanessa – Eram escolhidos por quem?

Mara – Eram escolhidos pelas pessoas em questão, os meus pais. Era tipo rei, rainha e rei, era mesmo assim, porque era uma família com um estatuto muito grande mesmo, não tens noção do que é ganhares 500€ por minuto e eu tive essa noção e, de repente, de uma hora para a outra, ser-te cortado isso tudo, para onde é que tu vais? Começar a trabalhar, coisa que nunca tinhas feito na vida? É muito complicado... Depois aos 18 voltei para Portugal e eles iam aceitar-me de volta, mas lá está, não podia ser o que era, tinha que ser menina hétero, vestidinho, tacão alto, maquilhagem todos os dias, cabelo esticado... não podia sair à noite e beber demais com as amigas, não podia fumar um cigarro porque já parecia mal, praticamente isso... agora não, agora é completamente diferente. Eu tive noção, a partir dos meus 16 anos, que eu perdi tudo. Eu tive, praticamente, de me reconstruir sozinha, eu fui um bebé crescido, entre aspas. Apesar de estar internada num hospital durante 9 anos, foi muita dose, muita... porque a minha vida não foi tão fácil como se parece, porque é assim, eu vim de uma família na qual fui separada do meu irmão gémeo, no hospital, estive lá no hospital camuflada durante 9 anos, coisa que era impossível acontecer mas é, porque eu ainda tenho os papéis que me comprovam isso, o meu irmão gémeo não o conheço, sei que os meus pais vivem para cá, nesta freguesia aqui, e só o medo de pensar que um podia posso cruzar-me com eles e não saber que são eles... depois fui para uma família de estatuto grande e de repente perder tudo... foi tudo por água abaixo, foi mesmo. Depois fui aos bocadinhos, aos bocadinhos, aos bocadinhos até agora. Não tenho ainda um trabalho fixo, mas quem sabe... o dia de amanhã é a lutar pelo futuro. Tenho uma relação mas que não está lá muito estável, porque eu não aceito traições, quem é traída uma vez pode ser traída várias vezes. Estamos instáveis, mas já pensamos em ter filhos, mas foi por doador privado, fazer tudo em casa em vez de pagar, porque sem experimentar ou sem tentar

nós não sabemos. Praticamente era isso, porque senão a opção era mesmo adotar, mas como mãe solteira, por causa mesmo da sociedade e, aos bocadinhos, a criança ir sabendo mas só perante os de casa, porque perante o resto do mundo não pode ser. Ou então emigrar...

Vanessa – E como é que achas que seria o desenvolvimento das crianças?

Mara – O desenvolvimento é normal. Se a pessoa for consciente daquilo que está a fazer, acho que uma criança pode ser feliz, porque não é preciso ter grandes coisas, é preciso é ter afeto e atenção, porque, tendo isso, a própria criança pode sentir a discriminação como nós, mas se for habituada como família, como amigos, a criança acaba por se adaptar após um dia ou dois, porque, lá está, os amigos chegam e não dizem “*ah, tu tens duas mães*” ou “*ah, tu tens dois pais*”. A opção dele depois vai daí... o desenvolvimento da criança depois vai daí e nós, realmente, teremos de ver o que é que está a fazer mal à criança ou não, porque ou é os amigos, ou é a discriminação, ou é a própria escola, porque tudo depende daí, depende também do desenvolvimento que a criança tenha dentro de casa, praticamente é isso que eu penso.

Vanessa – Há pouco estavas a falar que já pensaram em ter filhos. Relativamente à lei da adoção, lá está, o que é que tu pensas de como solteira poderes adotar, mas se quiseres adotar juntamente com a tua namorada já não o poderem fazer? Porque mesmo que chegues lá sozinha e te assumas como lésbica podes adotar...

Mara – Mas eu não preciso propriamente... eu, querendo adotar uma criança, não vou dizer isso, sabendo que me pode afetar.

Vanessa – Mas e o facto de haver esta contradição, que permite que adotem na mesma...

Mara – Eu acho que, sendo lésbica ou não, estando numa relação ou não, isso não tem nada a ver. Porque, lá está, tu ao dizeres que és lésbica nos papéis para a adoção, jamais tens hipótese, por causa da lei. Agora, se apenas disseres que és uma pessoa sozinha e que não tens um relacionamento com ninguém, apenas não falares na tua vida amorosa, acho que aí já não olham tanto para isso, porque já não vão pensar se és hétero ou se és

gay, percebes? Porque se eu chegar a um estabelecimento para trabalho e disser que sou lésbica, se as pessoas forem homofóbicas ou racistas não me irão aceitar e eu digo assim *“a minha vida amorosa não tem nada a ver com o meu trabalho, o que se passa dentro de minha casa é dentro de minha casa, o que se passa dentro de casa nada se sabe, a não ser os meus”*. Por exemplo, quase toda esta freguesia pensa que a minha ex-namorada é minha irmã, no entanto é muito mais masculina, é capaz de cortar o cabelo curto, andar de sapatilhas à homem, calças à cagão, t-shirts largas, praticamente mulher-macho, na maneira de se vestir, porque na maneira de pensar é feminina, lá está, é rapariga-macho, na maneira de vestir, na maneira de estar, na maneira de falar, mas na maneira de pensar já é mais feminina. Aqui toda a gente pensa que somos irmãs, porque, lá está, dentro de nossa casa passa-se o que se passa, fora de casa somos irmãs, e é assim... os patrões sabem, porque eles já sabiam, ela própria disse, eles conhecem-me, porque eu já trabalhei com eles um mês, mas acabei por vir embora porque não gostei do serviço; ela continuou, ainda continua, e até hoje acho que eles nunca souberam por mim, souberam por ela; também nunca me acusaram de nada, e também nunca me perguntaram pela vida amorosa e se perguntassem eu apenas respondia *“acho que isso não tem nada a ver para o estabelecimento, não tem nada a ver uma coisa com a outra e ou querem ou não querem, porque da minha vida pessoal eu não falo”*. Eu, por mim, já sou uma pessoa um bocado reservada, já não falo muito, sou um bocado calada, para os outros ainda muito mais, por isso é que eu te disse que fazer um estudo é um bocado complicado.

Vanessa – Mas o facto de, como eu estava a dizer, tu teres de viver numa farsa para poderes adotar, e no dia-a-dia também o fazes...

Mara – Porque, lá está, ou é assim por momentos ou então tu não tens nada na vida, porque eu gosto das pessoas assumidas, no entanto eu tenho medo, tenho mesmo muito medo. Estou sem trabalho... os amigos ajudam, mas não podem ajudar sempre, e não chegam para te fazer feliz. Tu se realmente queres uma namorada para a vida toda, queres um relacionamento para a vida toda ou queres ter uma vida em condições, tu tens de abdicar de certas coisas, porque eu acho que para tu seres feliz não é preciso mostrares ao mundo que és feliz, basta um sorriso e sinceridade perante aquilo que estás a fazer. Agora é assim, perante os meus amigos ou os familiares da minha ex-namorada somos sinceras, dizemos o que sentimos, já não é uma farsa; apenas é uma farsa com

quem nós queremos, porque, por exemplo, essa farsa é mais para o trabalho, os rapazes que vêm ter connosco quando nós estamos a trabalhar e pedem o nosso número de telefone; no entanto, eles sempre souberam e, até hoje, todos os patrões com quem trabalhei acabaram por saber e nunca fui embora por ser aquilo que sou, mas, lá está, não é ao princípio, é aos bocadinhos, porque, lá está, este foi o meu erro, porque se eu fosse admitindo aos bocadinhos com os meus pais, eu se calhar ainda era a pessoa que era hoje e se calhar já com algumas coisas na vida que não tenho hoje. Mas, se calhar, isto também foi um *abre olhos* para ver se realmente... era um novo desafio para mim, e parece que estou a cumprir aos bocadinhos, por isso é que eu digo que, para adotar, de momento, é muito complicado, fico triste por um lado porque eu sei que eles têm a razão deles, mas nós também temos a nossa.

Vanessa – Qual é a razão deles e qual é que é a vossa?

Mara – A deles é, praticamente, ainda não aceitem ser pai e pai, porque mãe e mãe já vão lidando, pai e pai é que eles não aceitam muito. No entanto, nós vamos ainda aos bocadinhos, nós estamos a reconquistar aos bocadinhos, aos bocadinhos se vai ao longe, não é? Mas, lá está, enquanto eles não aceitem que é pai e pai e mãe e mãe, nós nunca iremos conseguir. A nossa, é mesmo porque eles não pensam em mais nada, porque nós conseguimos pensar tudo, nós lá por sermos assim, nós já temos mais sentido de orientação, mais sentido de responsabilidade. Eu sei o que passei e preferia mil vezes mais ter sido adotada por um casal *gay* do que propriamente por um hétero, passando pelo que passei, porque o casal hétero, realmente, não vê o que a criança tem, apenas não tem orgulho porque tudo o que faz está mal, se vai escolher um namorado que tem um corte de cabelo radical já é más companhias ou porque se tiver uma tatuagem a mais já é ganzado... praticamente é assim, hoje em dia, com as famílias muito requintadas. Mas aos bocadinhos já estamos a conseguir; por exemplo, as pessoas com um bom estatuto agora já se conseguem ver com mais tatuagens, com mais *piercings*, já se consegue ver com um novo *look*, por isso é que eu digo que as coisas vão mudando aos bocadinhos, e isso é um impulso que a criança hoje tem do próprio pai também, porque o pai consegue segurar firme a criança, já um hétero não consegue porque pensa logo que nós não vamos dar carinho, atenção, praticamente isso. É por isso que eu fico assim, nem sei... fico mesmo sem reação.

Vanessa – Em relação ao que estavas a dizer de compreenderes a parte deles por ainda não estarem preparados...

Mara – É mesmo a questão de serem homofóbicos. Quando o governo deixar de ser homofóbico e vir que nós estamos capacitados para fazer o mesmo que um hétero... porque eu ainda não sei por que é que eles ainda não aceitaram, por que é que nós ainda não temos a lei do nosso lado, porque eu não vejo razão nenhuma para isso, não vejo, até porque a maioria das crianças são abandonadas por eles, até por uma mãe que é prostituta ou por um pai que é toxicodependente. Acho que elas merecem, pelo menos, um bocado de conforto, de conviver com pessoas, sejam elas do mesmo sexo ou não, porque sendo do mesmo sexo ou não, não deixamos de ser inteligentes, de ter duas pernas, de fazer as mesmas coisas que uma pessoa *normal*. Se eu tivesse agora um filho, se porventura a minha namorada se envolvesse com um rapaz e tivesse uma criança, e propriamente o pai não quisesse assumir, eu acho que não ia abandoná-la, porque a criança não tem culpa, a criança merece amor e atenção, merece educação principalmente e acho que devíamos ter a lei um bocado do nosso lado para também demonstrarmos aquilo de que somos capazes.

Vanessa – E o que é que achas da tentativa de referendar a adoção?

Mara – Acho que se devia ir para a frente, porque desistir é a última coisa que se pode fazer, nós devemos lutar pelo nosso futuro, porque, é assim, eles não sabem o que é que os filhos deles mais tarde poderão ser.

Vanessa – E achas que se devia perguntar se a sociedade concorda ou está preparada?

Mara – É assim, a sociedade preparada, preparada não está, mas, lá está, ao ser aceite, aos bocados eles acabam por aceitar.

Vanessa – Achas que se o referendo tivesse ido para a frente ia ser aceite?

Mara – Ainda, ainda com muitas contradições, com muito esforço e saber como abordar o assunto, eu acho que sim, porque a palavra *não* é a última a ser usada, mas

agora tem sido muito usada por causa da nossa sociedade, por causa de nós próprios, por causa de nós querermos mostrarmo-nos ao mundo.

Vanessa – E vocês quererem mostrar-se ao mundo é positivo?

Mara – É positivo, porque nós também temos direito à vida, tal como uma pessoa hétero.

Vanessa – E então o que é que achas que podiam fazer vocês ou qualquer outra pessoa para que isso andasse para a frente?

Mara – Mostrar, lutar, continuar a tentar a adoção, mesmo que seja ilegal vamos acabar por conseguir, porque se não for de uma maneira é de outra, porque, lá está, acabamos por pedir empréstimos até para irmos fazer tratamentos fora. Se não conseguimos de um lado acabamos por ir por outro, pelo dito mais fácil, em termos de pensar, mas em termos económicos já não.

Vanessa – E achas que a permanência de alguns mitos contribui para que nada mude?

Mara – Mas como é que pode ser hereditário, como é que pode ser uma doença, se os *gays* vêm de pessoas héteros? Mas pensar isso ajuda, tudo ajuda um bocado, porque é como se costuma dizer, *é tudo ao molho e fé em Deus*, as pessoas, tendo uma mente feia, vão passar para outra pessoa e vice-versa, e acaba-se sempre por ir para a frente com isso, sejam mitos ou não. Mas o nosso assunto ainda não consegue ser mais abordado, porque, lá está, algumas pessoas dão mais importância ao mundo famoso e não a pessoas como nós, porque, no entanto, pessoas famosas que são *gays* conseguem adotar. E por que é que uma pessoa como nós não consegue? Lá está, eu acho que isso também não deixa de ser um bocado mito, mas também não deixa de ser um bocado de preconceito.

Vanessa – E o que é que achas que se pode fazer para travar esse preconceito?

Mara – Nem eu sei... acho que isso é uma pergunta muito difícil de responder, porque nós tentamos, tentamos, tentamos e levamos sempre não, não, não, não, mas há de haver

um dia que estamos tão cansados que vamos dizer “*ou é desta vez ou não é*” e até conseguirmos nós vamos sempre teimar, teimar, teimar, teimar, teimar, teimar, teimar.

Vanessa – És ativista?

Mara – Sim.

Vanessa – E qual é que achas que é o papel da religião no meio disto tudo?

Mara – Eu não acredito muito em religião. Mas posso dizer-te que me dou com duas irmãs freiras muito bem, no entanto elas sabem que eu não acredito em Deus.

Vanessa – E sabem da tua orientação sexual?

Mara – Não, lá está, não sabem, mas imaginam... imaginam, porque elas dizem “*nunca mais arranjas um rapaz, tu deves é gostar de raparigas e não queres assumir*”, e eu “*é, ó irmã, é mesmo isso, não quero assumir*”. E, às vezes, na brincadeira, elas até dizem “*tu és, não queres assumir*” e eu acabo sempre por dizer que sim, que é verdade. Eu acho que elas já sabem, mas fazem de conta que não sabem. No entanto, eu estou com elas quase diariamente, elas sabem que eu não vou à missa, elas sabem que eu não sou muito a favor de dizerem “*ai, anda à missa comigo ou anda rezar*”, não sou muito disso. Eu tenho a minha fé, acredito naquilo que vejo, naquilo que penso e naquilo que também vou passando, porque já foi tantas marcas, tantas marcas que eu tenho, que acreditar em Deus é uma palavra muito forte, apenas tenho a minha fé.

Vanessa – Há pouco estavas também a dizer que as pessoas aceitavam melhor as mulheres do que os homens. Achas que isso pode ter a ver com o facto de o homem ser, supostamente, o dominador, e estar a negar o seu papel de superioridade?

Mara – Também, mas, lá está, eu acho que são mais racistas perante aqueles rapazes mais femininos, porque, lá está, eu tenho grandes amigos *gays* que durante o dia dão-se com pessoas hétero, e durante a noite essas pessoas hétero já não os conhecem, não conhecem mesmo, porque ele de manhã é um homem-macho, musculado, fatinho e gravata ou calças normais e à noite, se quiser, veste-se de mulher e gosta de andar com

o namorado assim. Por isso é que eu acho que é um bocado mais aceitável ver duas mulheres do que, propriamente, ver dois homens, por causa de eles exagerarem, se calhar, um pouco ainda na via pública. Porque, lá está, se fosse nos lugares próprios...

Vanessa – Achas que tem de haver lugares próprios para ele?

Mara – No meu lugar não, mas lá está, as pessoas homofóbicas dizem logo que sim, porque é um travesti e por ser um travesti não merece estar neste mundo, e eu acho isso ridículo, porque acho que eles são pessoas como nós. Lá por ele se vestir de homem ao meio da tarde e vestir-se de mulher à noite, ninguém tem nada a ver com isso. Acho que ele tem o direito de viver como todos nós. Por isso é que eu digo que a sociedade não aceita tanto o dito homem, do que propriamente a mulher, porque eles já estão tão habituados a ver a própria mulher vestida de homem e cabelo cortado; o homem não, o homem é feito para exercício físico, para coisas de homem praticamente e há homens que gostam de coisas femininas e eles não aceitam isso, seja o homem ou a mulher hétero.

Vanessa – E em relação às relações em si, achas que no que respeita à duração das relações e à qualidade que há alguma diferença das relações hétero para as homossexuais?

Mara – Não. Eu tenho um casal amigo meu que está junto há 8 anos e meio, e tenho outro casal amigo meu hétero que estava junto há 7 anos e acabou, e o *gay* continuou e, no entanto, são dois homens, que ele à noite se veste de mulher, atua num bar. No entanto, eles já passaram por tanto que eu digo assim “isto sim é que é uma relação”, além de termos muito racismo cá fora, muito preconceito perante nós, eles conseguem estabilizar-se na vida deles, porque, lá está, eles, ao fim e ao cabo, não ligam para o mundo, mas, ao fim e ao cabo, também querem a sua independência e ainda não conseguiram, por isso é que estamos um bocado de pés atados, por causa da sociedade, mais por causa da sociedade. As pessoas acham que não somos normais. A sociedade que não nos aceita pensa que nós somos umas pessoas doentes, a nossa doença é transmissível, e eles pensam que têm de matar todos os *gays* e as lésbicas para ser um mundo melhor, mas não, porque no dia de amanhã pode ser o próprio filho deles e eles não olham a isso, eles só olham àquilo que já há, não olham àquilo que pode vir. E o

Estado, se ele vai estar preparado ou não, ele nunca vai estar, porque os problemas a sério eles não conseguem resolver, quanto mais este. O problema é ser tudo à mistura, é a crise... eu acho que é mesmo uma abordagem de assuntos desnecessários que eles metem o nosso no meio, porque é um assunto desnecessário para eles, desinteressante, fica para quando tiverem tempo.

Vanessa – Muito obrigada por esta conversa, Mara, e pela tua colaboração neste estudo! Se entretanto for necessário, contacto-te para voltarmos a falar.

APÊNDICE N: Transcrição da entrevista a João Paulo

Porto, 21 de abril de 2015

João Paulo

47 anos

Proprietário, Diretor, Relações Públicas e Editor do *PortugalGay.pt*

Vanessa – Então, como te disse, esta entrevista insere-se no âmbito da minha dissertação de mestrado, relativa à adoção por casais homossexuais. O que eu pretendo saber é o que é que achas da adoção por casais de pessoas do mesmo sexo, tendo em conta o impedimento legal, a forma como é vista a homossexualidade e depois também aquilo que é o direito à família.

João Paulo – Tu queres saber sobre a possibilidade de os casais poderem adotar, certo? Atualmente, a adoção por pessoas do mesmo sexo já é possível, de forma individual, o que faz com que a proposta de lei que estava a ser pensada e que já foi, entretanto, recusada pelo Parlamento numa primeira fase seja... como é que eu hei de dizer isto? Seja hipócrita quanto baste. Eu quando vou às escolas fazer palestras sobre várias perguntas e me perguntam o que tu me estás a perguntar sobre a adoção, eu antes de começar a responder a qualquer questão costumo fazer uma brincadeira com os putos que é *“ora bem, quando eu era solteiro era um gajo bom vivant, saía todos os dias à noite, apanhava umas bebedeiras, mas a minha vizinhança nunca apanhou nem sinais de violência nem má educação, sempre fui um bêbado simpático, quando eles iam para a missa de manhã estava eu a chegar a casa da noite e ia para casa dormir”*. Nessa altura, a lei permitia que eu me pudesse candidatar à adoção, a lei permitia que eu fizesse aquilo que (e agora vou ser um bocadinho grosso) muitos casais (não estou a dizer que são todos, atenção) fazem que é arranjar uma companhia. Aliás, a lei é tão parva, é tão hipócrita, que há uns anos atrás, se bem te recordas, houve uma alteração à lei que permitia que as pessoas com mais de 65 anos se candidatassem à adoção, o que até então era proibido. Isto porquê? Alegavam eles na proposta de lei, que foi aprovada, que as pessoas com essa idade se sentiam, a partir de uma determinada época da sua vida, sozinhas. E então, em vez de arranjarem um cão no canil, sempre podiam candidatar-se à adoção de uma criança, as crianças falam, deve ser mais simpático do que os cães, não sei... Eu gosto muito dos meus cães e também gosto muito de crianças.

A proposta de lei, quando foi mandada para trás na legislatura anterior e nesta também, eu fiquei a achar que era um bocadinho mais do mesmo. O pessoal que está sentado naquela Assembleia é tudo mais do mesmo, seja da esquerda à direita ou da direita à esquerda, radical ou não, são todos iguais, o problema é sentarem o cu lá em cima. E vou, outra vez, ser indelicado... eu, há uns tempos, escrevi umas coisas que a certa altura dizia que os senhores que se sentavam lá, a certa altura entrava-lhes um vírus pelo cu acima que lhes afetava o cérebro e tudo aquilo que disseram antes passou a ser mentira, porque até então era verdade, não é? E estou a referir-me, nomeadamente, a uma facção política que não é das mais faladas, é das mais faladas mas não é daquelas que mais visibilidade tem, que antes de ser partido, Deus me livre, ia mudar o mundo, mas quando lá chegou de repente era igual aos outros, já queria ser Primeiro-Ministro ou Presidente da República, aliás, agora parece que se vai candidatar a Presidente da República, que eu acho fabuloso... Adiante... dizia eu que era mais do mesmo, continua-se a tapar o sol com a peneira, se tu reparares fala-se de direitos humanos quando se quer incluir outras coisas que não são nem mais nem menos importantes, mas têm igual importância, dependendo daquilo que estamos a falar, quando se quis esconder uma crise, quando se quis esconder os impostos, para se esconder uma carrada de coisas vamos falar de direitos humanos, vamos falar dos *gays* que agora querem adotar. Não é agora, já é há muito, já adotam e já há crianças adotadas por casais do mesmo sexo, não legalmente, porque só uma das partes é que adotou, mas essa criança vive com dois homens ou com duas mulheres, assim como já há crianças que vieram ao mundo por inseminação artificial, muitas delas caseiras, tanto quanto eu sei, e outras feitas fora de Portugal e a vida dessas mães é completamente devassada porque atualmente não há a figura do pai incógnito, e como tal, se tu, Vanessa, fizeres uma inseminação artificial e se calhar até falaste com um amigo teu e ele fez lá no copinho e tu trataste do resto, toda a tua família, todos os teus amigos, todo o teu círculo de amigos, de trabalho ou o que seja vai ser visitado pela Segurança Social porque têm de descobrir quem é que é o pai, que é uma coisa que diminui a mulher, faz dela um bicho-de-sete-cabeças, um bicho papão que agora decidiu ter uma criança, Deus me livre e guarde, como é que uma mulher pode ter um filho sozinha, não é? Mas pronto, eu tenho pena que os homens também não possam ter, senão já tinha o meu há muito tempo. A outra situação é relativamente às crianças que já são adotadas por um membro do casal, aliás, eu tenho conhecimento de muitos que antes de fazerem a celebração do casamento legal, primeiro fizeram o processo da adoção, e só quando ele esteve completo é que

casaram, daí haver tanta força naquela coisa da co-adoção, porque a quantidade de crianças que já tens adotadas por uma das partes do casal ou até muitas crianças que vieram de relacionamentos heterossexuais anteriores neste momento são já filhas de um pai ou de uma mãe mas não são do outro, mas no entanto vivem com os dois. E voltamos à hipocrisia, não é? Nós estivemos num debate organizado pela JS de Penafiel que era precisamente sobre a adoção; foi organizado pela JS que convidou a JSD: duas facções, uma quer e a outra não quer, uma quer agora porque lhe dá jeito também, mas pronto, não vou entrar por aí. Voltamos à questão... há que ser populista, fazer uma coisa fantástica, “*uau, vamos trabalhar com os direitos humanos*”, mas não aconteceu nada, quando se tratou do casamento podia-se ter resolvido logo tudo e adiante... e uma das coisas que eu disse-lhes a eles, que sugeri aos dois, quer à JS quer à JSD, era que os seus partidos convidassem, fizessem assim uma reunião com as crianças que já estão adotadas, que já não são crianças muitas delas, já são mães algumas, outros já são pais, têm uma vida, já são adultos, e também os outros menos adultos, que os convidassem e a toda a Assembleia, que fizessem uma reunião com eles e lhes perguntassem como é que é viver com dois homens e com duas mulheres, ou só com um homem ou só com uma mulher. Era giro, que eles assim faziam uma ação de formação e deixavam-se de palermices, porque o que eles estão a fazer é sustentar um sistema que já se provou várias vezes, embora seja necessário, não devia ser tão permanente quanto é (estou a falar de casos como a Casa Pia, a Casa do Gaiato, e não sei quê), é necessário, infelizmente, mas não devia ser permanente, as pessoas nunca deviam atingir a maioria lá dentro, digo eu. Concordo com os processos de adoção que são muito criteriosos, concordo com todo o processo, não concordo que ele seja tão longo, acho que não há grande necessidade disso e acho que tem muito a ver com a máquina burocrática do papel, que pede papel e papel e papel, e ao mesmo tempo tu tens uma quantidade de pessoas que acabaram até por desistir do processo de adoção, por causa desse tal demorar do papel e do papel e do papel, que temos de verificar até a que horas é que as pessoas se deitam. Uma outra coisa que eu gosto de dizer quando vou às escolas é que eu acredito que há bons funcionários, em todo o lado há bons e maus funcionários, mas funcionários de uma Casa Pia estão lá das 8 às 6 e depois fica o guarda noturno, não é? As pessoas vão para casa, têm a sua vida, não é? E a criancinha só teve a mãe, aquela senhora a quem ela pode chamar mãe ou aquele senhor a quem pode chamar de pai, que por acaso até é o educador ou o professor ou o que quer que seja, e depois cada um vai para sua casa e depois ela fica sozinha numa camarata com

vinte ou trinta crianças lá todos metidos a dormir. Eu acho que não é assim que se formam pessoas, mas isso é a minha maneira de pensar. Acho que o facto de tu deixares os preconceitos de lado, os macaquinhos no sótão, e recentemente houve outra notícia que eu achei piada, nós estamos muito preocupados com o facto de os casais do mesmo sexo adotarem, e no outro dia, notícia: pessoas que adotaram crianças devolveram-nas ao fim de algum tempo. Mas isto é o quê? É tipo uma roupinha que tu compras ali na loja, chegas a casa e “*ah, afinal não serve*”, levas o talão e a roupa e devolves? E estamos preocupados com a adoção por casais do mesmo sexo? Estão a gozar comigo? Então e toda aquela avaliação exaustiva para saber se são bons pais ou boas mães? E as pessoas que fizeram essa avaliação, o que é que lhes aconteceu agora que foram as crianças devolvidas? Nada, zero, e continuam a ganhar o seu ordenado e continuam a fazer avaliações. É delicioso, é delicioso, eu gosto disso! O problema é que estás a brincar com vidas, não é? Eu não sei que idade é que tinham as crianças que foram devolvidas ou quando é que elas foram adotadas, isso não vinha na notícia, mas eu começo a imaginar.. eu tenho relatos, por exemplo, de um amigo meu que adotou uma criança que estava na Associação Sol, homossexual, adotou uma criança que estava na Sol, se estava na Sol é porque tem um problema de saúde. Um grande número das adoções prender-se-á, digo eu, com questões de saúde de uma das partes do casal ou das duas, estou a falar maioritariamente das questões de infertilidade, e uma das preocupações dos paizinhos é que querem uma criança que seja branca, que, já agora, tenha os olhos do pai, o cabelo da mãe, e que seja bebé. Eu não tenho nada contra isso, que eu percebo o que é que elas estão a fazer, estão, de alguma forma, a ajudar alguém a crescer, é verdade, mas também a colmatar uma falha da natureza que lhes foi atribuída e que, de alguma forma, psicologicamente aquilo deve afetar e muito. Eu não sei o que é que é uma mulher não conseguir... não faço ideia! Ou, ao mesmo tempo, um casal, no caso de a mulher ser infértil, em que posição é que fica o homem e a mulher? Eu não quero imaginar os casamentos que já acabaram por causa disso. Voltemos à adoção... Como nós temos estes critérios para escolher crianças que estão numa determinada situação depois eu fico muito chocado como é que as pessoas não se chocam com isso mas chocam-se “*ah, mas e depois a criança vai ser discriminada*”, isso era outra coisa que se dizia no debate, “*vai ser discriminada na escola, na sociedade porque é filha de dois pais ou de duas mães*”. Ora bem, eu sou filho de um pai e de uma mãe, por acaso, que ainda são vivos, graças a Deus, e também fui discriminado, porque alguém achou que eu tinha nariz de cafeteira e é a minha alcunha da primária, que eu sempre achei um

piadão tremendo, e conforme eu fui crescendo perguntava-me como é que seria o nariz de uma cafeteira, porque nem sabia que as cafeteiras têm nariz. Era essa a minha alcunha e podia ter-me prejudicado imenso, na altura não havia psicólogos nas escolas como agora, ou como se diz que há agora, porque nem sempre é assim. E eu lembro-me que tinha um colega que era gordinho e toda a gente gozava com ele, era o coitado que era sempre chutado no meio das escadas, para dentro da sala de aula; lembro-me da sardenta também e outra que era cabelo de cenoura. Discriminados os putos vão ser sempre! Mas a culpa não está nos putos, aliás, a culpa não está no facto de um putito ser adotado por duas mães ou por dois pais, a culpa está nos outros que não têm formação em casa e que não sabem respeitar o que é diferente, porque imagina que era exatamente ao contrário, que eram os filhos dos *gays* e das lésbicas que começavam a apontar as diferenças do outro, “*tu és burro, caixa d’óculos, cenourinha, sardento, caganita de mosca*”, não é? Eu nunca apanhei esse vídeo, gostava muito de o apanhar, que apareceu num programa, acho que foi na SIC, há muito tempo atrás, com o Joaquim de Almeida, em que ele fazia um monólogo em que uns pais viviam num mundo homossexual e o filho deles afinal gosta de mulheres. Isto foi muito lindo, porque o texto estava exatamente como os textos que se usam para fazer a coisa ao contrário, mas feita aqui do nosso lado para a questão heterossexual. Estava delicioso! Ver o Joaquim de Almeida a fazer aquilo... depois ele estava no quarto do filho que estava cheio de cartazes de mulheres semidespidas e não sei quê, “*e meu Deus, e agora? O meu filho vai ser discriminado*”, foi muito muito giro, adorei esse *sketch* e nunca encontrei esse vídeo, com muita pena minha. Eu dei os parabéns recentemente à *Coca-Cola* por causa do *spot* deles que é extraordinariamente formativo e mandei-lhes os parabéns porque o *spot* está muito educativo e muito formativo de uma determinada sociedade, que é giro, porque é a sociedade que bebe *Coca-Cola*, e aquela sequência, e voltamos à questão, a tal adoção das pessoas mais velhas, “*tu não tens idade para ser minha mãe*”, depois “*eu não sou vossa filha legítima*”, é tudo adoção... aliás, o *spot* todo é sobre adoção, e depois tem a questão dos dois pais, achei aquilo delicioso! E a resposta final, embora seja um *spot* e as pessoas podem dizer “*está enviesado porque é um spot*”. Aquilo foi engraçado porque o debate foi numa sexta-feira e no sábado a seguir toda a tarde a bater no *spot*, e eu mandei para eles e disse assim “*nem de propósito, aprendam que o que eu disse ontem afinal é verdade*”. Obviamente, volto a dizer, aquilo é uma questão comercial e vale o que vale, mas é um pouco da realidade. Uma das coisas que foi discutida nesse debate, e é uma coisa que é discutida quando eu vou às escolas

novamente, que as pessoas voltam à questão da discriminação e normalmente é sempre o que está em causa, as pessoas acharem que as crianças vão sofrer, e essa desculpa serve para tudo. Eu disse no debate que o superior interesse da criança é como “*em nome de Deus*”; em nome de Deus matou-se, fez-se trinta por uma linha, no fim púnhamo-nos de joelhos, pedíamos perdão e éramos absolvidos e voltávamos a matar. O superior interesse da criança é a mesma coisa, serve para tudo: serve para deixar crianças fechadas numa instituição e negar-lhes a felicidade de terem o seu quarto, pessoas que a amem, que a levam à escola, que a vão buscar à escola, que acompanham o seu estudo, que a fazem crescer, é delicioso! Outra das coisas que se falou no dito debate foi a questão dos estudos, e a JS estava indignada porque a plateia estava maioritariamente favorável à adoção, o que eu achei estranho, porque grande parte da plateia era JSD, acho que quem estava contra eram os da mesa... aquilo foi muito curioso, eu tinha à minha frente quatro ou cinco miúdas, que eram da JSD, e que se estavam a manifestar contra os colegas, o que eu achei delicioso, “*não estou a perceber nada disto, mas também se calhar não é para perceber*”. Quando a JS referenciou alguns estudos que são conhecidos, maioritariamente dos Estados Unidos que já se fazem há muito tempo, que depois a JSD contestou dizendo que a realidade americana é diferente da realidade europeia. E então eu disse-lhe a eles que quando os Estados Unidos começaram a estudar, a Inglaterra já estudava há muito tempo, e há um estudo em Inglaterra, que foi o que eu fixei, em que a conclusão é aquilo que me parece a pura das verdades, pelo menos do que eu vou observando, a conclusão dizia que crianças educadas por casais homossexuais vão ser elas mesmas homossexuais, o estudo concluía que a prevalência de pessoas homossexuais criadas por esses era exatamente a mesma que o inverso, ou seja, o mesmo número de criadas por heterossexuais; a única diferença que eles encontraram e, mesmo assim, muito residual, era de que as mulheres são muito mais práticas, são muito mais capazes de pegar num camião ou de fazer um furo na parede, de serem eletricistas, de terem aquilo que por norma é atribuído aos homens, as tais profissões masculinas... *bullshit*; e a outra era em relação aos rapazes, que eram muito mais sensíveis, muito mais pacientes, mais capazes de escutar o outro, muito mais atentos à diferença entre homens e mulheres e muito mais aptos também a fazerem lides domésticas. Foi a única diferença, e mesmo eu que não sou estudioso, eu tenho uma explicação para isso: se tu és rapaz e vives com dois homens ou com duas mulheres – com duas mulheres será mais difícil, mas com dois homens – obviamente que há um homem que limpa a casa ou os dois, e se um limpa ou se limpam os dois, é

natural que te chamem a ti para limpares, porque se o pai está a limpar o pó, tu podes ir aspirando o quarto ou enquanto o pai está a arrumar a cozinha, percebes? Um pai está na cozinha e o outro pai está no quarto e há ali uma partilha de tarefas, que é a mesma coisa que eu costumo dizer ao meu sobrinho, que é *“é bom que tu saibas fazer de tudo um pouco, não só porque um dia vais ter um companheiro ou uma companheira, mas também podes viver sozinho e tens de ser autossuficiente e tens duas hipóteses: ou vives num aido, ou vives numa casa e uma casa tem ordem, tem regra, porque senão andas aí a tropeçar na roupa, tropeçar nos sapatos, tropeçar na louça e acho que isso não é simpático para ninguém, digo eu”*; a organização, por mais desorganizada que seja, fica muito bem a toda a gente, digo eu, mas isso sou eu que sou maluco. Por isso, sim, a adoção sim. O que é que tu queres mais que eu diga?

Vanessa – E o desenvolvimento das crianças? E as competências parentais dos casais homossexuais serão as mesmas, por exemplo, quando num casal *gay* não há a figura da mãe?

João Paulo – Mas tem. Vamos partir do princípio: não será igual para toda a gente, mas uma das coisas que foi referenciada no debate – e voltamos outra vez ao debate – foi *“então e como é que é quando um homem fica viúvo? Tem de ter apoio? Tem de arranjar uma gaja logo?”*. As crianças de casais heterossexuais muitas vezes não são sequer educadas por eles, passam a maior parte do tempo em casa da avó que se calhar até é viúva, ou em casa do avô que se calhar até é viúvo, se não é em casa da avó é na creche, se não é na creche é na tia, se não é na tia é com a amiga não sei de quem. E eu vou dizer uma coisa muito má: qual é a porra da importância da criança ter as duas figuras? Não percebi... quer dizer, ela está fechada numa caixinha de fósforos, é? Não vai ver, não vai conviver, não há as amigas dos pais ou os amigos das mães, não há a família agregada, não há? *Hello!* Então esta malta toda é o quê? São os bichos que se fecham em casa e não dão trela a ninguém? *Dah!* Daquilo que me é dado a conhecer, eu acho que existe uma maior convivência, a nível de variação, quero eu dizer, com diferentes tipos de pessoas nos casais homossexuais do que nos casais hétero. Normalmente, os casais hétero, e estou a dizer isto da minha experiência pessoal, são um bocadinho padronizados – posso estar a ser preconceituoso, atenção –, mas são todos a mesma coisa, vestem-se todos da mesma maneira, os pais são engenheiros então os amigos são todos engenheiros; enquanto a experiência que eu tenho é que eu já estive

em casa de vegetarianos que eram ligados às artes, já estive em muitas casas de muitos engenheiros heterossexuais, mas também já estive em casa de músicos, já estive em casa de fulanos de bastidores, já estive em casa de pessoal com rádio, e eu já tive em minha casa formadores e formadoras, já tive professores, assistentes sociais... eu acho que a diversidade cultural – e volto a dizer que posso estar a ser preconceituoso e admito que o seja – que eu abranjo dentro do meu ciclo de amigos se calhar é mais diversa do que aquela de muitos heterossexuais que eu conheço. Estou a ser preconceituoso, não estou? Porque foi essa a sensação... eu dou-te um exemplo: eu acho que no meio de uma manifestação homossexual eu não tinha o outro lado da medalha; é um fulano muito focado no trabalho que faz, e eu já fui a *n* jantares em que a única variação são as esposas dos outros, em que são enfermeiras ou doutoras ou médicas ou isto, porque de resto, eles todos, são todos engenheiros; o ciclo de amigos deles forte é a engenharia e, curiosamente, nem sequer é engenharia mecânica, são todos informáticos. Eu também estudei, mas depois quando comecei a crescer a minha variação é maior, eu já estou a dizer, tenho amigos que são políticos e médicos, tenho amigos que são trolhas e mecânicos e eu acho que é diferente, eu acho, e volto a dizer que posso estar a ser preconceituoso, se calhar sou. Também pode ser uma questão de geração e o meu sobrinho nisso é muito cobaia e eu vejo muito por ele, embora ele tenha uma variação que é ele já tem o tio que é maluco todos os dias, que lhe põe muita informação naquela tola e também não lhe ponho a informação, que eu acho que é outra coisa que tem a ver com a formação que eu dou, ser *gay* ou hétero acho que não é muito por aí, eu nunca fiz nada ao meu sobrinho sem lhe perguntar a opinião daquilo que eu lhe estava a fazer, do género, quando eu o castigava, perguntava se o castigo era merecido e se ele percebia por que é que estava a ser castigado. Ainda recentemente tive uma conversa com ele, que ele está quase a fazer 20 anos, embora não esteja a estudar, é verdade, mas como não lhe vejo horizontes daquilo que quer ser, nunca o ouvi dizer “*ai, eu quando for grande quero ser isto*”, nunca o ouvi a dizer isso, ou melhor, ouvi quando era muito pequenino, que tinha como referência o meu marido, e queria ser como ele, inteligente, engenheiro e tal; entretanto, isso tudo desvaneceu-se e deixei de o ouvir dizer *o que é que eu quero ser* e tivemos uma conversa com ele, eu e a minha cara-metade, precisamente a perguntar o que é que ele queria ser. E num dia em que está a tirar *design* gráfico diz-me que não quer seguir, que está a tirar aquilo para acabar o 12.º e que não quer mais nada, quer ser soldador. Não há ninguém na família que seja soldador, nada, não tem nada a ver, zero, não sei onde é que ele foi buscar a ideia do

soldador, mas mesmo assim eu perguntei-lhe o porquê, se ele não achava que a nossa ideia estava mais certa, porque eu acho que ele devia seguir uma formação académica mais elevada, mesmo que até não gostasse; é isso que eu digo a toda a gente, mesmo quando vou às escolas, *“mesmo que vocês não gostem, façam uma formação académica que vocês achem que, de alguma forma, vos pode servir”*. Quando tu vais às escolas e perguntas aos putos *“o que é que tu queres ser?”*, eles dizem todos que querem ser jogadores como o Cristiano Ronaldo, nada contra, maravilhoso, o Cristiano Ronaldo tem um corpo maravilhoso, ganha montes de dinheiro, bora lá, concordo contigo; há um pequenininho senão: o Cristiano Ronaldo parte as pernas e vai fazer o quê? As publicidades já não faz mais, se ficar numa cadeira de rodas acabou a publicidade; se não tiver quem goste dele numa cadeira de rodas, também ninguém o vai patrocinar; a vida do Cristiano Ronaldo resume-se aos investimentos que ele fez, se é que os fez, e ao dinheiro que vai tendo; e é isso que vocês querem para vocês? Isto é aquilo que eu pergunto aos putos... *“é isto que vocês querem para vocês? Não, pois não? Então convém que vocês tenham um canudo na mão, porque um dia, se ficarem numa cadeira de rodas, se ficarem agarrados a umas muletas, se ficarem numa situação qualquer que vos impossibilite de fazer aquilo que vocês gostavam muito de fazer, tenham outra hipótese que, se não tiverem um canudo, não têm, porque um engenheiro informático pode trabalhar numa cadeira de rodas, agora um trolha não pode trabalhar de cadeira de rodas”*. Uma outra das coisas que se falou no dito debate, mais uma vez, aquilo que a parte mais conservadora da conversa quis transmitir foi a questão da discriminação, como se os putos adotados fossem os culpados da discriminação que sofriam, foi muito essa ideia do género *“ai, mas as crianças vão ser discriminadas; ai, mas as crianças não podem sofrer; logo, não podem ser adotadas”*; em vez de se pensar precisamente ao contrário, do género *“então nós temos que mudar os currículos das escolas, e ensinar”*. Um dos trabalhos dele, um dos currículos que querem instituir na formação, é o regresso da Formação Cívica, que eu contestei, dizendo que era uma coisa caricata, porque querem pôr a Formação Cívica, quando eles próprios tiraram a Área de Projeto; a Área de Projeto foi das melhores coisas que eu já vi até hoje nas escolas, era uma área super livre, os putos eram obrigados a pensar, a convidarem pessoas para irem às escolas, a falarem de temas que normalmente não se falam. Eu trabalho com uma professora há 10 anos, que para onde ela vai, eu vou atrás, e ela já levou, quando havia Área de Projeto, freiras para falarem de Cristianismo, muçulmanos para falarem do Islamismo, convidou-me a mim montes de vezes para falar de Direitos Humanos e dos

Direitos dos Homossexuais também, já me levou para incentivar as pessoas a estudar. Quando ele diz que queria instituir a Formação Cívica, no intuito de instigar nas crianças o sentido político da vida, eu achei caricato, porque é assim, para mim, civismo não é política; civismo seria educar as crianças, por exemplo, falando nos grandes centros, em que os putos saem da escola às 6 da tarde, à mesma hora saem a maioria dos trabalhadores, vão todos no mesmo autocarro ou no mesmo metro, mas os putos não tiram a mochila das costas e como estão com as hormonas aos saltos, é natural que estejam mais eufóricos e andem de um lado para o outro, batem com a mochila na senhora que esteve a limpar escadas o dia todo e está cansada e que não tem que levar com a mochila do puto e nunca ninguém disse aos putos que quando eles entram num transporte público devem tirar a mochila e segurá-la com a mão, estorva muito menos e quase todas as mochilas têm uma pega, que é outra coisa extraordinária que nunca ensinaram aos putos; como nunca ensinaram aos putos que é indiferente se o lugar está reservado ou não para pessoas idosas ou outras com algum tipo de privilégio, o lugar deve ser cedido, porque ele esteve a estudar, esteve todo o dia sentado, e uma pessoa mais velha precisa de descansar mais do que ele, que ele tem muito tempo para descansar, e então depois de morto tem muito tempo para descansar, e isso nunca foi educado aos putos. Tu, neste momento, uma das coisas que me irrita profundamente, não é que eu concorde com a educação que eu levei, mas assusta-me o facto de tu não poderes dar uma tapa no teu filho; assusta-me que putos, e isto eu sei de fonte limpa, que levam uma tapa ou um estalo no cu, pegam no telemóvel e chamam o 112 a dizer que o seu pai lhe bateu; e as pessoas vão achar “*ah, isso não se faz*”, mas faz-se! Que a polícia, a partir do momento que a chamada é feita pelo menor, tem que instituir um processo e os pais ficam na lista negra, como pessoas que violentam os filhos, quando apenas lhes deram uma chapada corretiva; e assusta-me que este processo está a virar um bocadinho o processo americano, na América, um pai dar um beijo a um filho pode ser assédio, mas agora não posso dar um beijo ao meu filho? Está tudo parvo ou quê? Então a minha mãe anda-me a violar... porque eu desde pequenino dou um beijo no bico, que é assim que a gente chama, um beijo nos lábios. Uma das coisas que eu digo aos miúdos que pedem ajuda, e estou a falar de miúdos homossexuais, e que têm uma vontade louca de contar aos pais ou que têm medo que os pais descubram, uma das coisas que eu lhes digo a eles é “*tu és mais inteligente que o teu pai*”, que eles têm muito a mania que sabem tudo, como nós também já tivemos, se calhar; sabemos tudo, com 14 ou 12 anos somos as pessoas mais inteligentes do mundo e os nossos pais são

umas bestas que não percebem nada do que a gente está a dizer; e aquilo que eu costumo dizer aos putos é *“se és assim tão esperto, então educa o teu pai, mas tens de saber educar; a tua professora não chega à aula e não começa aos berros contigo para tu aprenderes o bêábá, ela tem um método para te explicar e tu tens de ter um método para explicar ao teu pai também”*. Eu, por exemplo, eduquei o meu pai e a minha mãe a falar-se de homossexualidade e a falar-se de sexo, a ponto de que o meu sobrinho nasceu e eu nunca tinha tomado banho com a minha mãe ou o meu pai, e o meu sobrinho tomou banho com os dois, o meu sobrinho falou sempre de sexo na boa com o meu pai e com a minha mãe e eu ainda hoje não falo; também hoje o meu pai e a minha mãe não querem ouvir o que ele tem para dizer, quase 20 anos, já não querem saber, mas quando era puto, isso nunca foi obstáculo, e essa formação foi muito dada quer por mim, quer pela minha irmã, mas mais por mim; do género, quando eu via um filme eu mostrava, quando eu via uma doença nova, quando foi a questão do HIV nos anos 80, eu fiz muitos estudos para que os meus pais percebam como era uma coisa muito instigada na altura, a pior doença dos homossexuais, que eu tive muito trabalho para dizer aos meus pais que aquilo não era dos homossexuais, aquilo era uma questão sexual transmissível a todo o plano, principalmente conhecendo o meu pai como conheço, tinha muito medo que ele desse uma volta fora do baralho e pusesse outras pessoas em risco, não sei se me faço entender, e para mim era muito importante que ele percebesse isso, podia dar a volta fora do baralho, mas que se protegesse, não devia, mas pronto. O que eu quero dizer com isto é que as crianças que são adotadas por casais do mesmo sexo vão encontrar um ambiente tão hostil quanto a falta de informação que os outros tenham, tanto quanto a ignorância que os cerca, a culpa não é deles, nem nunca vai ser, e muito menos dos pais. Isso era outra coisa que eles diziam, era *“então, e como é que a criança se vai defender?”*: da mesma forma que eu me defendi. Os meus pais educaram-me, o que se passa em casa não se diz lá fora, e obviamente que os dois pais ou as duas mães vão ensinar ao puto uma quantidade de estratégias de defesa para viverem numa sociedade que é estúpida, sexista, homofóbica, só é branca e não é deficiente, que é uma coisa fantástica, e quando é deficiente é coitadinha, que é outra das coisas que eu me debato.

Vanessa – Que estratégias é que achas que se deviam seguir para que este rumo mudasse?

João Paulo – O que eu vou dizer já já não podes escrever... acho que tinha toda a gente de morrer ou sair de lá, toda a gente que está na política, toda. Estão demasiado viciados em preconceitos e pré-conceitos e ideias pré-concebidas e o raio que os parta a quatro, para conseguirem fazer o salto que eu acho que devia ser feito. Nós não somos nem homens nem mulheres, nem deficientes nem não deficientes, nem brancos nem pretos, somos pessoas, ponto. Quando se faz uma lei, por exemplo, a lei do casamento, o que se devia procurar era uma relação entre duas pessoas, vamos dar às pessoas isto, isto e isto e obrigar as pessoas a fazer isto, isto e isto, certo? São duas pessoas, não é um homem e uma mulher, ou um preto e um branco; como já houve esta guerra dos casamentos homossexuais, travada até 2010, já houve a guerra inter-racial, já houve quando era outro tipo de guerras. A conversa é sempre a mesma... eu convido-te a ler os textos do Visconde de Setúbal, se não estou em erro, mas tem outro nome, Alexandre Herculano; o Visconde de Setúbal que encomendou a Alexandre Herculano, foi um estudo sobre a lei do casamento, quando se estava a pensar alterar ou criar a figura do casamento civil; se leres esse estudo, está disponível na *net* (eu já tenho em casa), é delicioso ler aquilo, porque, aliás, eu gostava de ter lido aquilo quando se estava a discutir o casamento, porque era assim chapar-lhes na cara daquela gentinha toda, porque o que o Alexandre Herculano escreveu, no século passado, sobre a questão de abrir o casamento para a questão legal, afastando-a da questão religiosa, a conversa foi exatamente a mesma: a descrição da família, o que é que agora vai ser, as pessoas casam com quem, o porquê. Uma das coisas que eles descreviam, e ficas já agora com a informação, que eu achei delicioso, é que havia três casamentos naquela época: tínhamos o casamento da monarquia, que é um casamento combinado, usado muitas vezes por questões de paz e de guerra, e que tinha como principal objetivo aumentar os reinados, fantástico, o amor aqui tem valor zero, a mulher aqui é a moeda de troca; depois havia o casamento burguês, que também ele tinha como objetivo o aumento do património, a mulher volta a ter um papel zero e continua a ser a moeda de troca, *“eu dou-te a minha filha para eu ficar também com o teu património e aqui juntamos as duas terras e assim o património é maior”*, fantástico; e havia o casamento da plebe, o casamento da plebe, do trabalhador comum, do trabalhador do campo que na altura era mais básico, era do género, eu vejo-te a ti, tu vês-me a mim, andamos os dois a ceifar, normalmente as mulheres ceifavam e os homens carregavam, a mulher está a ceifar, o homem foi lá buscar o fardo de palha e lá achou piada, e digo *“olá Vanessa, gosto de ti, és muito gira, podias vir para minha casa”*, tu vais para casa dele, começam a viver juntos, e basta

que aquele e aquela digam “*ah, eles já vivem juntos há um mês*” para estarmos casados, era assim o casamento da plebe, fantástico. E aqui, na questão da adoção, a conversa é a mesma! Estamos a discutir o quê? O direito à felicidade, é? Então, mas isso é um direito universal, toda a gente tem direito a ser feliz. A coisa é tão parva, segundo o meu ponto de vista, atenção, a coisa tão parva de estarmos a discutir se os casais homossexuais podem adotar ou se não, que eu gostava que estas mesmas pessoas me explicassem por que é que estão a morrer pessoas no Mediterrâneo... por que é que morrem pessoas na Serra Leoa... porquê? “*Ai, porque nós somos um ser racional, mas...*”, desculpem? Os seres irracionais que eu conheço matam para comer, não matam para dizer que “*eu sou o maior da vida*”, está bem, também matam de vez em quando por uma questão de território, mas eles são uns seres irracionais, ok? Nós somos racionais, dizem, é o que dizem, nos estudos é o que dizem, não percebo... estamos a discutir o quê? Faz-me muita confusão, a sério, faz-me mesmo muita confusão... porque se eu tivesse um lado imaculado e maus exemplos do outro, os maus exemplos, infelizmente, vêm de todo o lado e os bons também... não estamos a discutir coisíssima nenhuma... quando eles diziam que iam morrer todos era, precisamente, por causa do vício, morrer aqui, entre aspas, numas achas muito grandes; aquela malta está viciada em protocolos, eles digladiam-se na Assembleia para depois irem almoçar juntos. Eu não sei por que é que há visitas de estudo à Assembleia da República, aquilo não é uma educação para os putos, aquilo é uma deseducação para os putos, porque eles quando estão lá em cima, na Casa do Povo, não se podem manifestar, mas não aprendem nada com aqueles senhores que estão lá em baixo, porque uma das coisas que eles não aprendem é a ouvir o outro, porque está a falar o fulano do partido A, e os dos partidos B e C estão aos berros com ele enquanto ele está a falar. Isto não é educação que se dê a uma criança que está numa visita de estudo! Para aprender o quê? A ser mal-educada? A não respeitar o espaço do outro? A dizer que quando um fala o outro baixa as orelhas? Não, quando um fala, o outro fala também! Ninguém se entende... esse texto do *Grito* – depois eu mando-te –, termina exatamente a dizer isso, é uma carrada de confusões que as pessoas fazem, tudo serve para gozar, tudo serve para diminuir, tudo serve para comentar, e no fim, eu termino a dizer que um dia vai ser instituído o *dia do grito*, com hora e local marcado, que é para todos gritarmos ao mesmo tempo, para assim ninguém se ouvir; porque estamos todos a gritar e ninguém está a ouvir nada, zero, e é um bocadinho isso, andam todos a gritar uns com os outros e ninguém se está a ouvir. Eles nunca fizeram aquilo que eu sugeri às tais Juventudes, que foi falar com a fonte, não é com o doutor, é com a

fonte! O doutor tem sempre uma avaliação enviesada, tem a avaliação dele, tem a avaliação dos estudos que ele conhece e a avaliação do exemplo que ele tem à frente, depois junta tudo, faz um *shake* e sai ali uma coisa meia estranha que é nunca deixa de ser a visão que ele tem disto tudo, certo? Falem com a fonte! Perguntem à fonte: “*é mau viver?*”, como diz no reclame “*trocavas de família?*”, “*nããããã*”. As pessoas, quando são bem tratadas, quando são amadas, quando são cuidadas, vão trocar para quê? Quanto muito podem trocar para ter mais dinheiro, para ter o carro que sempre quiseram ou a vida que sempre quiseram, mas isso, dinheiro não é felicidade, digo eu, se calhar até é, mas eu não tenho dinheiro e considero-me feliz, muito feliz, podia era ser mais um bocadinho, estou à espera do Euromilhões, há muito tempo. O que é que é preciso? Era preciso que não tivéssemos contradições na lei, porque nós temos uma lei-mãe, chamada Constituição, que diz que ninguém pode ser discriminado, privilegiado ou não sei quê em benefício do que quer que seja, mas depois temos a outra lei civil, laboral e criminal e não sei quê, que depois te imputa mais, porque ou és isto ou és aquilo, e então tens a alínea a, b ou c que te vai imputar mais uma penalização, porque ou tu és *gay* ou tu és preto ou és imigrante ou és deficiente ou és o raio que te parta a quatro... há sempre um *mas...* a lei não pode ter *mas!* A lei não deve ser como a Bíblia, que depende de quem a lê. E dou-te como exemplo uma coisa muito simples, eu falo da Bíblia, não tenho muita propriedade para falar da Bíblia, o meu marido saberia melhor do que eu e é ateu, mas conhece a Bíblia muito melhor do que eu, mas um belo dia fui a um debate com um padre sobre homossexualidade, foi muito giro, gostei imenso, porque o senhor debateu imenso a ideia de que os homossexuais eram pecadores porque dizia no versículo não sei quantos, *wherever*, como é que aquilo se chama, segundo S. Mateus ou lá quem era, também não conheço nada da Bíblia, o que conheço é daquilo que vejo nos filmes; o senhor fazia uma carrada de criminalizações de um alegado perdão pelo teu pecado de seres *gay*, uau, fantástico! Eu fiz-lhe duas perguntas: uma foi, e atenção que eu acredito em Deus, volto a dizê-lo, “*se Deus é assim tão forte e onnipotente, porque é que eu sou homossexual?*” e a outra foi já no final, porque vimos que a conversa não ia a lado nenhum, o senhor estava a remar sempre na direção dele, eu disse “*ó senhor padre, vamos lá acabar a conversa que já não tem piada nenhuma, estamos aqui os dois quase a bater um no outro, vamos lá falar de comida que de certeza que estamos de acordo em muita coisa... agora umas lulinhas recheadas é que ia, não? É pá, umas lulinhas recheadas agora... e um arrozinho de polvo? Então e feito pela minha mãe... você até estalava os dedos...*” e o senhor concordou com tudo o que

eu disse, gosta muito de filetes de polvo e eu disse “*ó senhor padre, desculpe lá, só para acabarmos a conversa... mas no mesmo sítio onde você diz que diz que é pecado eu ir para a cama com outro homem também não diz que não deve comer nada que não tenha escamas? Mas você come, não come? Um pecado é maior do que o outro? Não estou a perceber...*” e acabou a conversa, o senhor levantou-se e foi-se embora. Da mesma forma que a Bíblia também diz, nós somos todos pecadores, e eu adoro falar com as pessoas que vão à missa e chamá-las pecadoras e dizer quando vou ao pão ao domingo e elas estão a chegar da missa e, quando a conversa se proporciona, principalmente com uma que eu me dou muito bem, eu digo-lhe “*você é a maior pecadora deste mundo, ainda por cima está a ajudar um padre*”, diz ela “*eu não, eu respeito muito as leis de Deus*”... não respeita nada! Já se olhou de cima a baixo? A senhora carregada de ouro até às orelhas... e depois tinha a ver com a indumentária, ela não estava com um único vestido, tinha várias peças de roupa, e já vais perceber por que é que eu estou a dizer isto... é que nesse mesmo sítio onde diz essa coisa da comida e dos homossexuais, também diz que nós não devemos misturar matérias, tu não podes vestir bombazine com terylene, está lá escrito! Como é que se faz a tradução de uma coisa e não se faz a tradução da outra? Está lá escrito que nós devíamos vestir sempre a mesma matéria! E a questão do ouro, eu falo por uma questão de ostentação, é pecado, é um dos sete pecados mortais, não é? E, no entanto, estás a dizer que és católica? Não és nada, quanto muito és cristã! Acreditas em Deus, ok, mas para seres católica, minha amiga, tinhas de seguir *by the book*, e *by the book* é complicado... não é? Muito complicado! Na sociedade atual é muito complicado! Não há católicos... nem as freiras... porque usam soutien e, normalmente, os soutiens são de outra matéria... e usam cuequinha, que também não é da mesma matéria, de certeza absoluta! Espero que usem cuequinha... isso é muito lindo de apontar o dedo ao vizinho... eu, como encaro Deus como muito do trabalho que eu faço, de puxar as pessoas para cima, de pô-las bem-dispostas, de acreditar que amanhã vai ser melhor, imagina as vezes que eu não acredito, mas pronto, vai ser melhor... bora lá pensar positivo, bora lá ajudar o outro. Quer dizer, eu choro quando alguém ganha um prémio... gostava muito que fosse eu, e não choro porque estou triste porque eu não recebi, choro porque “*uau, que fixe, alguém recebeu prémio, que maravilha*”. Quando é aquela coisa dos cartõezinhos dos programas da tarde ou da manhã e as pessoas ganham dinheiro e elas dizem “*ai, que bom, que eu estou desempregada*”; é pá, fico felicíssimo! Por norma, as pessoas ficam tristes porque não lhes saiu a elas, e isso para mim não é bonito, não é bonito estarmos

aqui, e voltando à questão da adoção, não é bonito estarmos aqui a protelar a felicidade de crianças com base no preconceito dos adultos, que é isso que estamos a fazer; estamos a protelar a vida de pessoas, neste momento menores, com base nos preconceitos dos adultos e preconceitos que foram passando de pai para filho, de filho para pai, que já deviam ter aprendido, não é? Já deviam ter visto com a história que o preconceito não leva a nada. Até há uns tempos atrás era muito bonito ter um preto em casa para nos abrir a cama e nos fazer de comer e não sei quê, hoje as pessoas acham que o preto tem de ser pago, não é pela troca de uma tigela de feijão, porque é um empregado, tem direitos, há a Segurança Social e não sei que, não é? As pessoas têm de ser tratadas como pessoas e obviamente que há umas que são empregadas domésticas, outros são trolhas ou calceteiros. Eu dou-te um outro exemplo, e voltando a sair do tema, uma das coisas de incentivo que eu digo aos putos *“é pá, ainda bem que há gajos que limpam a rua, não é? É verdade que podiam limpar muito menos lixo humano do que aquilo que limpam, mas aí voltamos à questão, a culpa não é dos lixeiros que não limpam, a culpa é das pessoas que deitam para o chão”*, que é a mesma coisa das crianças, a culpa não é dos filhos que são adotados por casais do mesmo sexo, é dos outros que não têm formação para aceitar a diferença, que assiste a toda a gente. E uma das coisas que eu digo aos putos *“vocês já imaginaram, a maioria das pessoas que são varredores sentem-se inferiorizadas, porque têm aquilo que a sociedade estupidamente classifica, como um trabalho inferior. Imaginem no dia em que os lixeiros todos pousarem as vassouras e os carros, ninguém vai limpar o lixo, como aconteceu quando foi a greve, principalmente em Espanha, as pessoas tinham de andar todas à volta por causa do lixo”*, foi maravilhoso, eu adorei, adorei. Adorei e levei a fotografia para falar com os putos *“isto é a importância que tem um trabalho menor, que ninguém dá valor, ninguém respeita, ninguém quer saber, às vezes até maltratam o lixeiro; o lixeiro está a fazer um trabalho fabuloso, está a evitar que algumas coisas se decomponham no meio da estrada e que evite doenças, estão a apanhar o lixo em que tu não vais escorregar e cair, não vais tropeçar nas fitinhas ou nos sacos de plástico, nas porcarias de plástico que vão metendo para o chão; fazem um trabalho excelente e no dia em que deixarem de o fazer vai ser complicado”*. A crise foi uma coisa maravilhosa, a crise foi excelente, ver médicos a deixar o carro em casa e começarem a andar de transportes públicos porque são médicos da função pública e que sofreram um corte elevadíssimo e começaram a pensar duas vezes *“ou vai a mulher ou vou eu de carro, um de nós tem que ficar em casa”*, não é? E começaram a ir a pé e a tomar café com os seus pacientes

e a dizer “*olá, bom dia*”, que era uma coisa que já não diziam há muito tempo, foi ótimo! A crise é muito má por um lado, é verdade, porque quem está em baixo fica ainda mais em baixo, mas quem estava lá em cima mais ou menos agora desceu um bocadito e lembrou-se de onde é que veio, que normalmente as pessoas esquecem-se de onde é que vêm, esquecem-se... olha eu a saltar outra vez o tema... esquecem-se que já foram estudantes, não é? Eu já dei este tipo de entrevista que te estou a dar a ti, já dei a estudantes de jornalismo e depois eles diziam “*ah, quando eu for jornalista, eu vou falar sobre estas coisas como deve ser dito*”, “*não, não vais, quanto muito podes dizer no teu blog, no teu blog podes dizer o que tu quiseres, no teu facebook, mas no dia em que tu começares a trabalhar para um jornal, uma revista ou uma TV, vais dizer aquilo que o teu editor disser para dizeres*”, “*ai, não vou*”, “*ai vais, vais, porque tens uma renda para pagar, um carro para pagar, a luz para pagar, a alimentação para pagar, e quando casares tens filhos e depois esquecemo-nos que um dia fomos estudantes*”. Não é feio aquilo que se está a passar agora com a aproximação das eleições? Toda a gente que se está a candidatar a Primeiro-ministro, que não o é neste momento, atenção, não estou a falar dos que lá estão, mas dos que querem ir para lá, não querem prometer nada; se houvesse um gajo, desculpando a expressão, com tomates no sítio, ou uma gaja com os ovários no sítio, que quisesse ser Primeiro-ministro devia chegar à televisão e dizer “*eu não vou prometer nada, porque eu não sei como é que está*”, porque não sabem! A gente sabe é aquilo que nos dizem e, com base naquilo que me dizem, ok, se disserem isto, se calhar podem prometer qualquer coisa; “*com base na informação que nós temos, que nos é fornecida pelo atual Governo, posso prometer isto, isto e isto, mas agora não sei se é verdade*”. Eu dou-te um exemplo que no outro dia, por acaso, estivemos a fazer uma revisão das músicas do George Michael, que é um ícone da comunidade *gay*, um que andou aí metido no armário muito tempo, depois lá saiu cá para fora, pelas piores razões, ainda por cima, piores ou melhores, pelo menos aquelas que são julgadas pela sociedade; curiosamente, recordamos que fomos ver um concerto dele quando foi aqui em Coimbra, e foi muito curioso que o concerto de Coimbra foi dos mais lucrativos da Europa, não entendo como, porque não estava nem metade do Estádio... foi a primeira e a única vez que o George Michael veio a Portugal, o Estádio de Coimbra não estava nem um quarto, e foi dos mais lucrativos... 4 milhões de euros! Eu gostava de saber onde... da mesma forma, nós podemos transportar isto para aquilo que nos dizem sobre as finanças portuguesas, estava tudo bem até começar a estourar o BES, agora não é só o BES, já é também o Mutualista, quando a publicidade é muito

intensa eu fico assustado... por isso, eu não sei nada, e é daí que quando as pessoas prometem coisas, não prometam aquilo que não sabem se vão cumprir! Assim como, eu sempre critiquei a minha irmã e ajudei a minha irmã, se calhar, a ser melhor mãe, porque o putito dizia “*mãe, mãe, mãe*” e a mãe está a discutir com a vizinha por causa da novela ou do raio que a parta e vira-se para o filho e diz “*espera, sai, está calado!*”, isso não se diz ao putito... o que é que é mais importante? É o teu filho ou a conversa da vizinha? É o teu filho ou a política nacional? É o teu filho ou o teu emprego, até? Eu acho que é o meu filho... então eu vou ensiná-lo a ser educado. Não custa nada! Nós temos obrigação, enquanto adultos, de sermos super-heróis, principalmente com os putitos. E aqui voltamos à questão da adoção... e como super-heróis que nós somos, não devíamos ter instituições de acolhimento; quando uma criança está em risco, ela não devia estar mais de 48h, uma semana, vá, numa instituição... e tu dizes “*ah, também não pode ser assim*”, “*pode, pode*”. Ela vive num círculo, os pais vivem num círculo de vizinhança, de família, de amigos, em que se pode pegar, se calhar, naquela criança e entregá-la a A, B ou C, sob a supervisão do Estado. Não temos que ter instituições, há menos mão-de-obra porque há uma pessoa que tem um calendário e sabe que tem que ir no dia X ver como é que está a criança, e aparece de surpresa, não vale anunciar... não se faz como a ASAE, que tem amigos que telefonam a dizer quando é que vão inspecionar a casa A, B ou C... não! Aparece de surpresa! E não tem de se entender uma casa desarrumada como um mau ambiente para a criança, não, as casas de vez em quando também estão desarrumadas! O problema é se estão desarrumadas sempre... eu dou-te um exemplo, que eu acompanhei, o primeiro casal homossexual, pelo menos publicamente, a ter à sua guarda crianças que não eram suas não foi o Eduardo Beauté e o Luís Borges, não, não foi; foi um casal que, por acaso, um deles é meu padrinho de casamento e são de Albergaria-a-Velha, nem sequer de um grande centro, em que lhes foram atribuídas duas crianças que eram sobrinhas de um dos elementos do casal, porque a mãe, não é que fosse uma má mãe no que tem a ver com os afetos, mas era má mãe no que tem a ver com os cuidados, os putitos não iam à escola, o banho era como ganhar o Euromilhões, cuidados higiénicos, educação, essas coisas todas não havia; e foi o próprio tio que pediu ao Tribunal para ficar com as crianças e foi o Tribunal, conscientíssimo de que eram dois homens, que obrigou os dois a assumir o compromisso perante o Tribunal. Foi notícia na altura, foi uma entrevista enviesada porque eles nunca entrevistaram as pessoas, porque, para proteger as miúdas, eles nunca quiseram aparecer. Uma tem quase 18 e a outra tem 14, acho eu, muito mais formadas,

com a escolinha, sabem que têm de tomar banho todos os dias, lavar os dentes, escovar o cabelo, sabem que têm de trocar de roupa todos os dias, pelo menos a roupa interior, que era uma coisa que elas não sabiam. Sabem que têm que ir à escola, não sabiam. Estamos a falar de miúdas que, quando foram para casa do meu compadre, a verbalização do português era uma coisa muito complicada e já andavam na escola na altura. Por isso, essas coisas podiam ser todas evitadas; quando uma criança é sinalizada, o processo tem que arrancar imediatamente, imediatamente! A criança não é para amanhã, é para agora! Não é para agora, é para ontem! Não pode! Aquela criança que foi espancada lá pelo padrasto, que dizem que estava sinalizada, eu continuo sem perceber porquê... o que é isso da sinalização... eu sei o que é, é uma coisa mal feita, como uma placa; tu tens vários exemplos pelo país fora em que tens uma placa a dizer que para ali é não sei o quê e outra à frente a dizer que para acolá é não sei o quê e tu ficas sem saber o que é que a placa de trás diz... e dás duas voltas à rotunda. As pessoas brincam muito com a vida dos outros e eu acho que isso não deve ser, assim como acho que devia punir os maus profissionais, que eu acho que não se pune; quando se fala em maus profissionais, eu falo inclusive dos nossos políticos, não há imunidade para ninguém, esqueçam essa da imunidade que isso, para mim, é uma grandessíssima treta, como uma autorização para fazer merda, só está autorizado a fazer merda porque sabe que não lhe vai acontecer nada, que é exatamente isso que eles fazem... tu tens pessoas que desfalcaram o nosso país, literalmente, alguns puseram dinheiro ao bolso, e nunca lhes aconteceu nada! Quando nós entramos para a CEE, nós recebemos pipas, toneladas de dinheiro; uma das classes que mais dinheiro roubou foram os agricultores, ou alguns agricultores, nomeadamente os latifundiários, porque pediu-se 1 milhão para fazer uma leitaria, sem nunca ser averiguado se ele tinha vacas e o que ele fez foi: montou um barraco em madeira, que custou tipo 100 mil, pôs uma ordenha que lhe custou outros 100 mil, e com o resto do dinheiro comprou um carro para a filha, outro para o pai, outro para a mãe, maravilha! Depois, lembrou-se e pediu o segundo subsídio a dizer que afinal precisava de mais ordenhas porque só aquela não dava vasão ao leite que tinha, e o que ele fez foi, se calhar, comprar mais uma ou duas ordenhas, para aquelas vacas que ele tinha, e então fez uma casa no monte, e isto aconteceu aos pacotes. Havia uma lei nessa atribuição de dinheiros que dizia que tu pedias um determinado valor para montar o teu negócio, por exemplo, a fundo perdido, completamente perdido; tu montavas o teu negócio, tinhas de dar prova da montagem do negócio, ok, e isto aconteceu, nomeadamente, aqui em Matosinhos com várias casas, em que se quis montar cenas de

computadores, que era muito chique, cafés, barzinhos, centros de estudo... o que se fez foi um pau de dois bicos; tu tens um prédio, eu alugo-te o prédio, combinamos aqui uma renda os dois; como eu tenho de sustentar aquilo, fazemos logo um contrato de 3 anos de renda, sem alterações, ok? Tu recebes a tua renda, eu peço 1 milhão para montar aquilo e, voltamos à questão, gastou 100 mil em renda, 100 mil para montar o aparato, vai lá a inspeção, o aparato está a funcionar, e fechas a porta, e ficaste com 800 mil no bolso! E isto aconteceu *n*, da mesma forma que acontece com a questão da adoção e com a questão das crianças sinalizadas e com a questão do supremo interesse da criança, que é uma palavra maravilhosa, que não serve para coisíssima nenhuma; pelo supremo interesse da criança, sinalizamos as crianças, põe-se um carimbo, tipo quem vai à discoteca, e pronto, depois eles aparecem mortos... e ficamos todos muito chocados, “*ai, meu Deus, a criança que morreu!*”, “*ai, mas estava sinalizada*”, “*ah, ao menos isso, vá lá, ao menos já era conhecido que a criança estava sinalizada, já não é mau, isso é bom*”, mas, no entanto, a criança morreu. Ainda bem que o senhor que enfiou a faca no peito do bebé de 6 meses não era homossexual, ainda bem, ainda bem! Porque, se fosse, “*Deus me livre e guarde, estes panascas do caraças querem agora adotar crianças, já não chega casarem, esta pouca vergonha, não é? Vejam lá onde é que está a família...*”. Qual família? Aquela em que andam todos a baterem-se uns aos outros? Aquelas em que o agressor fica em casa e a mulher vai despejada para um sítio qualquer? Aquelas em que a mulher perde a ligação com os filhos, porque às vezes até os filhos ela perde? Está tudo maluco ou quê? E eu é que sou o mau da fita? E eu, homossexual, é que sou o mau da fita? Ah bom... desculpem, peço desculpa, foi sem querer... daqui a bocado tenho de pedir desculpa da minha existência... não faço isso, nunca. Estou sempre a saltar de tema, mas paciência... eu acho que falta muito o espírito aos portugueses, falta muito o espírito combativo, o espírito reivindicativo; é sempre problema dos outros, nunca é nosso... a questão do desemprego foi um bom exemplo disso: quando foi a manifestação da *geração à rasca*, eu fui fazer reportagem, e não tenho problema nenhum em dizer que durante toda a reportagem estive a chorar, porque nunca vi tanta gente na cidade do Porto como vi naquele dia, foi a mais bonita manifestação que eu vi na minha vida, e eu gostava que isso acontecesse todos os dias. Eu não estava desempregado, aliás, eu nunca tive uma profissão a sério, nunca tive, desde que me desvinculei com o trabalho por conta de outrem, mas eu estava lá e já fui a todas, e na altura em que era empresário reivindica mais os direitos dos trabalhadores do que muitos trabalhadores, porque eles estavam bem, estavam empregados, iam agora

fazer barulho para quê? Então e o teu vizinho não conta, o teu irmão, o teu primo, a tua avó, o gajo que vai no autocarro e que tu não conheces de lado nenhum, não conta? Não conta esse? Eu acho que conta. Assim como eu já fui a manifestações de estudantes e não sou estudante, mas acho que é uma barbaridade pagarem-se 1000 e tal euros por uma propina, está tudo maluco... está tudo parvo... eu até pagava 1000 euros por uma propina, não me importava nada, se me dessem os livros de graça. Mas, quer dizer, eu pago 1000 euros de propinas e, ainda por cima, tenho de pagar quase outros 1000 em livros, está tudo louco ou quê? Temos livros a custar cento e tal euros, dependendo dos cursos, é verdade, mas temos livros muito caros. E agora vou ser político, espero não ofender ninguém: o trabalho que este governo fez, em relação à educação, foi o trabalho que a Igreja fez durante séculos... quanto mais burros, quanto mais ignorantes, tivermos na sociedade, menos combativos eles são, que não percebem e nós mandamos umas palavras caras, eles batem palmas, acham giro, porque não entendem... a gente bate palmas, no tempo certo, quando o primeiro bater palmas, a gente bate também, que é para dizer que percebemos, mas não percebemos um corno, porque somos burros que nem uma porta. Eu tive uma contestação numa escola, de um chaval, e aqui tem a ver com a formação que não é dada, e que eu acredito que os professores, às vezes, por muita vontade que tenham, tendo em conta o papel que foi alterado durante esta legislatura em relação à educação, é impensável um professor ser um bom professor com a quantidade de trabalho que ele tem para fazer; eu tenho um puto a dizer-me, quando eu lhe estou a dizer que ninguém devia ser discriminado, e enumero uma quantidade de pessoas que não devem ser discriminadas onde incluo os homossexuais, e o puto diz *“eu concordo com tudo o que disse, exceto os homossexuais”*, e eu pergunto-lhe porquê, *“ai, porque não acho bem, porque deviam ser proibidos de existir”*. Estamos a falar de um puto que eu sabia, de ante mão, que fazia um percurso de 6km para ir para a escola, 3 para ir e 3 para vir, a pé, esteja a chover, esteja sol. O mesmo gajo que é discriminado porque não tem nenhum tipo de apoio, é o mesmo que diz que eu não posso existir, mas está tudo parvo... aquilo que ele disse foi o que se passou com a Gisberta, em 2006: é uma quantidade de putos que vivem em famílias disfuncionais, em que os pais são drogados ou alcoólicos, eles têm uma educação num centro religioso, porque é gratuito, e porque são obrigados, se calhar, a lá estar, porque senão os paizinhos não recebem RSI, mas que descarregaram a sua frustração em ter uns pais de merda em cima de uma fulana considerada inferior, prostituta, transexual, homem com mamas e, pronto, era toxicodependente, e então há que matá-la, porque ela não

presta. E toda a gente acha isto tudo muito normal! Coitada, não é? E nem saíram de casa! A marcha, em 2006, teve 300 pessoas... há 300 *gays* no Porto? Naaaa, há muitos mais! Como é que eu sei? Porque a festa à noite, no sábado, tinha 1000 e tal pessoas ou 2000... onde é que eles estavam? O que eu estou a falar em relação à comunidade em geral, falo, nomeadamente, em relação à comunidade *gay* e, aqui, fugindo novamente do assunto. Uma vez tive uma conversa com a Gabriela Moita. Aqui foi uma provocação que eu lhe fiz num debate em que ela falava da comunidade *gay*, eu pedi-lhe a palavra e disse *“não há comunidade gay, nunca houve! Isso é uma grandessíssima treta, porque, para mim, a palavra comunidade compreende-se numa estrutura social que se autoajuda e que se apoia, não é dizer que, só porque somos todos brancos, faz-se a comunidade branca, porque isso, para mim, não quer dizer nada. Quando eu bato num cigano, aparecem 1000 para me bater a mim, não aparecem 300 nem 200, aparecem 1000, aparece uma carrada deles”*. O que é que aconteceu a quem bateu na Gisberta? Eu deixei de subir ao palco no *Arraial Pride*, em Lisboa, porque, um dia, eu perguntei a 6000 pessoas que estavam à minha frente, onde é que elas estavam à tarde, porque à tarde houve a marcha *gay* e tivemos, em números verdadeiros, 1000 e tal pessoas, à noite, na festa, tínhamos 6000 ali a abanar o capacete. Era sábado à tarde, estava tudo a trabalhar, queres ver? É fantástico! Há malta que trabalha para carças! Mas olha, tiveram energia para ir para lá abanar o capacete! Por isso é que lhes perguntei... fiz uma brincadeira muito gira, já agora ficas a saber, e eu nesse sábado nem queria falar, por outras razões, não queria falar; por norma, quem organizava o *Arraial Pride*, e organiza, convidava todos os ativistas a subirem ao palco a determinada altura da noite, para dar aquela ideia que nós estamos todos juntos, *bullshit*. Nesse dia eu não queria falar, *“mas tens que vir, és o único gajo do Norte, tens que vir”*, *“que seca... então olha, falem todos, que depois eu pego um bocadinho de cada um e digo qualquer coisa”*. Ora bem, só que eles foram falando e, de repente, eu vejo um espelho encostado, e saio do grupinho, vou buscar o espelho e pensei *“já sei o que é que vou dizer”*. Deram-me o microfone para a mão, eu dou uns passos para a boca do palco, viro o espelho para as pessoas, e digo *“eu até nem queria subir ao palco, os meus colegas é que me convidaram... e, de repente, eu lembrei-me que estava ali este espelho e queria perguntar-vos o que é que veem aqui neste espelho”* e virei o espelho para eles. Obviamente que quando é muita gente, isto é prática comum, ninguém responde, não é? Eu disse *“ok, vocês não respondem, mas eu vou dizer: o que vocês veem aqui é o vosso reflexo, certo? Agora imaginem que cada um de nós que está aqui, em cima do palco,*

*somos o vosso reflexo. Eu falo por mim... durante 365 dias, eu dou o corpo e a cara em vosso nome; durante 365, eu não vos peço nada, exceto uma tarde por ano... onde é que vocês estavam hoje à tarde? Era só isto que eu tinha para dizer. Ah, e já agora, para a semana temos o Porto Pride”. É que dizer verdades dói... eu não estou cá para festas, eu estou cá para reivindicar, eu estou cá para que tu e eu sejamos exatamente igual tratados onde quer que vamos, eu quero que o fulano que é lavrador e saiu do campo seja tão bem tratado como outro que chega de gravata, o senhor vai como pode, às vezes. Eu dou-te um exemplo: há bons e maus funcionários em todo o lado... os meus pais foram expropriados e tiveram de ir às finanças fazer umas perguntas, como nunca tinham sido expropriados, há coisas que é preciso pedir para saber como é que se faz; o meu pai veio muito zangado da primeira vez que lá foi, porque o senhor, nas finanças de Matosinhos, não levantou os olhos para falar com ele, nem sequer *boa tarde* ou *bom dia* lhe disse. O que eu vou dizer é muito agressivo e um bocado arrogante... eu sou, como tu és, como o meu pai é, como o teu pai, como toda a gente que desconta para os impostos, somos os patrões dos funcionários públicos, por isso devem-me respeito, a mim e a toda a gente. Eu disse ao meu pai “*amanhã vamos lá*”, “*então amanhã às 9h da manhã*”, “*não, não, não... vamos à tarde*”. E perguntas tu, “*porquê à tarde?*” e eu respondo-te: se tu vais de manhã e dizes *bom dia* é normal, certo? Se tu vais à tarde e dizes *bom dia* não é tão normal, e eu digo sempre *bom dia*, de manhã, à tarde, à noite, a qualquer hora. Então eu fui com o meu pai e disse-lhe “*você agora vai ver como é que se faz*”; chegamos lá eram 2h da tarde, perguntei-lhe quem é que o tinha atendido, fui ao mesmo senhor e disse “*olá, bom dia*” com um sorriso e o senhor levanta a cabeça, olha para mim e diz “*bom dia não, boa tarde*”... eu já ganhei! Para já, o senhor respondeu-me, que é uma coisa que ele não fez ao meu pai, e eu respondi-lhe “*bom dia, porque para mim é sempre bom dia, haja alegria. Olhe, já agora, precisava da sua ajuda*” e o senhor explicou tudo, não tive que ir ao balcão X, mas não tenho que fazer este esquema com ninguém, eu não posso fazer este esquema com ninguém. Eu sou um indivíduo que defende os direitos humanos, é verdade, mas os teus direitos acabam quando ofendes os meus e, por isso, eu sou apologista de que os indivíduos que fazem mal aos outros deviam andar com tipo metralhas, com uma bola de ferro amarrada à perna, limpar a praia, limpar a mata... não vão para a cadeia, que é isso? Pequeno-almoço, almoço, lanche, jantar e ainda recreio para jogar à bola... está tudo parvo ou quê? Não, não... tu tens que saber que fizeste mal ao outro. Vão para uma cadeia, não têm formação nenhuma, a formação que eles vão ter é para serem ainda*

piores do que eram quando entraram, porque, primeiro, só faziam mal aos animais, mas agora não, agora já sabem roubar carros, já sabem assaltar crianças, já sabem violar, é... assim como a lista dos pedófilos, eu sou contra, estás a ver? Completamente contra e acreditar que o pedófilo pode recuperar... não pode, é mentira! Castração química é mentira! Esqueçam lá isso... eu não sou nenhum estudioso, não tenho formação académica para dizer o que estou a dizer, sou um mero cidadão burro que nem uma porta, mas é mentira... tu vais tirar o apetite sexual, mas tiras este, porque o problema deles não é físico, é mental; eles querem colmatar uma falha que está lá dentro do cérebro; e o senhor que é pedófilo, é pedófilo toda a vida, a pedofilia tem de ser vigiada, mas não tem de ter uma lista! Mas eu agora... o senhor mora ali ao fundo e eu vou estar de caçadeira por causa do senhor? Não! Se calhar... já não houve casas para leprosos? Então façam uma para pedófilos... estão em regime fechado, controlado, podem fazer terapia, podem falar uns com os outros, podem meter assistentes sociais que vão tentar trabalhar a mentalidade deles, agora uma lista? Está tudo parvo ou quê? Eu também não acredito na reinserção, eu não acredito, não pode, é uma parafilia mental que eles têm, que não vai resolver a reinserção; a única solução, que eu não sei se alguma vez foi experimentada, e que eu acredito que pudesse dar alguns frutos, seria à base da hipnose e mesmo aí não sei. A hipnose vai até um determinado ponto, não vai a todos os pontos, que eu sei que há pessoas que deixaram de fumar graças à hipnose; da mesma forma, se calhar, deixam de ter apetência para estar com menores, poderá haver acesso a esse trabalho através da hipnose, não sei se existe ou não, não sei como é que se faz, não sou técnico; através de uma pastilha não se vai resolver nada... desculpem lá, não acredito... porque o prazer do indivíduo é visualizar a criança e o prazer está na cabeça, o resto é físico; se não, como é que as pessoas explicam que têm prazer sozinhas? É a tua cabeça que produz uma imagem, que cria ali todo o ambiente e tu te masturbas e sabes que estás ali num ambiente só teu. Mas dentro de um meio controlado, volto a dizer as questões dos sanatórios, tem montes de terreno onde podem fazer várias coisas, podem trabalhar para a sociedade, podem ser úteis estando ao mesmo tempo inibidos de contactar com; tudo isso é possível, basta querer, só que isso dá trabalho, é uma coisa chata; a gente sinaliza, faz uma lista e está resolvido. É como as crianças, sinalizamos a criança que leva nas trombas, mas dá trabalho ir lá vigiar, falar com a criança, levá-lo ao médico para fazer uma observação física para ver se sofre de maus tratos, dá trabalho, é chato, é complicado! *“Eu não ganho para isso”*... quando eu tenho assistentes sociais a

dizer que não vão a determinados locais porque o salto se enterra na areia, ou na lama ou o raio que o parta, desculpem lá, então não seja assistente social!

Vanessa – E em relação ao referendo?

João Paulo – Em relação ao referendo, eu respondo-te de uma maneira muito engraçada, que um colega fez numa sugestão, exatamente a mesma. A pessoa em questão sugeriu que se devia referendar, porque era uma questão fraturante da sociedade, a adoção de casais do mesmo sexo. Esse meu colega sugeriu, assim como ideia para refletir, que, em 1975, quando deram o direito à mulher para votar, porque até lá não votava, também não se fez nenhum referendo, porque, se se tivesse feito, a mulher, ainda hoje, não votava, não é? E agora vão dizer assim *“mas não é a mesma coisa, estamos a falar de crianças”*... não estamos nada a falar de crianças! Estamos a falar de pessoas que têm preconceitos e que querem gerir a vida das crianças. Depois é assim, quando nós vamos votar, pomos alguém a comandar os destinos do país e foi para isso que o pusemos lá, não é para agora me vir perguntar *“e agora, o que é que eu faço?”*, *“sei lá, tu é que sabes!”*. É para isso que lá está... e se decidir bem batemos palmas, se não estamos aqui para manifestar. Assim como eu acho que, por exemplo, fazer um referendo sobre a lei do aborto foi a coisa mais bárbara deste mundo... estamos a mandar em quem? Na barriga das mulheres? *“Mas a mulher tem de perguntar ao marido”*... desculpa?! Essa agora... mas por acaso o marido também lhe perguntou se ela queria engravidar? Ou ela engravidou por obra divina do espírito santo? *“Ai não, a gente usou preservativo mas rebentou”*, então resolvam a coisa! Por isso, sim, sou contra o referendo, não há aqui referendo nenhum. Referendar o quê? Já não chega? Eu só sou de acordo com o referendo se for simplesmente feito dentro das instituições de acolhimento, às crianças, concordo plenamente, o que elas decidiram por mim está bem. Vão lá, juntam todos, tipo Pavilhão Atlântico, pegam na malta que está na Casa do Gaiato, que está na Obra do Padre Rio, lá na Casa Pia, nessas casas todas onde há crianças institucionalizadas, e vão todos para o Pavilhão Atlântico, fazemos um debate com a canalha toda, mostramos à canalha os prós e os contras, e no fim dizemos *“agora vocês vão dizer se querem ser adotados por pessoas do mesmo sexo ou não, e à saída deixam ficar o vosso voto ali numa tombolazinha”*. Com este referendo, se os putos decidirem *não*, não tenho nada a dizer, nada! A minha boca cala-se. Agora, perguntar aos adultos, não têm nada para lhes perguntar... zero! Eu estou aqui cheio de

energia a falar contigo, mas magoa-me saber que há, e referenciando isto do Mediterrâneo, é demasiado vergonhoso sermos seres humanos, pelo menos eu sinto-me assim, e não é por ser *gay*, não é por ser maluquinho, não tem nada a ver com isso. Ver pessoas a morrer, porque sim, faz-me imensa confusão. Morreram 1000 pessoas em dois naufrágios no Mediterrâneo, das quais $\frac{1}{3}$ eram crianças... supremo interesse da criança, ah?! Fantástico! Maravilha! Agora, os mariconsos adotar... supremo interesse da criança, maravilhoso! Ninguém dá um passo em frente, ninguém faz ponta de um corno, ninguém quer saber. Quando foi a lei do casamento, uma das coisas que eu dizia era *“mas estamos preocupados com o quê?”*, *“ai, meu Deus, a destruição da família”*... parece que aquilo era de propósito, de ano para ano havia mais divórcios, e estamos preocupados com o significado da família... e depois, de propósito, a força religiosa andava sempre a empurrar a coisa para o matrimónio, mas nós não estamos a falar de matrimónio, estamos a falar de casamento civil, um contrato com o Estado que me estabelece a mim direitos e deveres na partilha da minha vida com outra pessoa, ok? É isso que a gente está a falar! Eu quando chegava às escolas, na altura fui muito chamado para ir às escolas falar sobre o casamento, dizia *“antes de vocês fazerem qualquer pergunta que seja, eu vou-vos explicar o que é que é o casamento civil hoje. No casamento civil, eu chego ao cartório, tem uma senhora atrás do computador, eu e a, por exemplo, Sara queremos casar... a senhora vai perguntar: Sara, é da sua livre vontade casar com o João Paulo? Ambos dizemos que sim, não há nenhum impedimento, pedem-nos os nossos dados e imprime uma folhinha que é a certidão de casamento, é isto o casamento civil”*. Estamos a guerrear o quê? Não sei... eu no faço a mínima ideia... não percebo estar ali a discutir o sexo dos anjos, haver referendo, não percebo nada, zerinho. Pronto, está certo, e assim andamos a raptar a vida e a felicidade de uma quantidade de pessoas durante *n* anos, não é? Ainda não se falava de casamento, há muito tempo, e eu presenciei, contado na primeira pessoa, uma história de um indivíduo que fugiram os dois para Lisboa, foram expulsos pela família por serem *gays*; conheceram-se em Lisboa, juntaram os trapinhos, um era bancário e o outro cabeleireiro, formaram uma boa vida, uma boa vida económica, tanto quanto eu sei, e afetiva também, tão boa que tinham uma quinta no Cartaxo com cavalos e essa coisa toda, que na altura os bancários ganhavam muito bem e o cabeleireiro montou o se próprio cabeleireiro; até que um deles morreu de acidente de carro e essa mesma família que os expulsou, invadiu a casa de Lisboa, que não sabiam da do Cartaxo, e até os tachos levaram! E o outro vai fazer o quê? Como é que ele vai dizer a um juiz que

aquilo que lá está é dele? Uma das minhas guerras na lei do casamento era exatamente essa... é a preservação dos bens do casal, porque a quantidade de pessoas que são excomungadas da família cristã, heterossexual, católica e essas coisas todas... porque até lá tu não tinhas proteção nenhuma; o que havia muitas vezes era formarem empresas sem lucros ou associações em que o bem era dele e do outro e não podia ser de mais ninguém, que era para se protegerem. Fogo, não temos de estar agora aqui a brincar às casinhas... existe uma figura jurídica... é que nem sequer num testamento tu podes deixar ao outro, tens de deixar à família, embora possas recusar à família: quando a família não te dá abrigo numa situação de carência, tu podes negar a herança a essa pessoa, tu tens é de prova-lo. Mas eu não tenho de provar nada a ninguém! O que está em minha casa é meu e da minha cara-metade, quer queiram quer não. Eu não tenho de estar a provar nada a ninguém! Essa agora... foi uma das razões porque a gente casou, mais nada, tanto que nem tivemos muita pressa, que a gente esteve para casar na Holanda e mesmo assim não casamos em 2001. Depois começamos a pensar que lá era válido, mas e cá? Não vale nada... depois quando foi em Espanha, era aqui ao lado e tal, mas a gente não vai mudar para Espanha... não é? Esperamos, mas eu nunca acreditei vir a casar em Portugal, a sério, pensei que isso só ia acontecer quando eu fosse muito velhinho, de bengala, ou até já estivesse morto. Eu nunca acreditei que o meu país desse um passo em frente, porque conheço o país onde estou, mas pelos vistos um dia acordaram bem-dispostos, ninguém estava à espera, ninguém acreditou que ia passar e se houve alguém que acreditou foi porque tinha bom coração... em relação aos pais e aos filhos, numa palestra em Oliveira de Azeméis, dirigida aos pais, sobre a homossexualidade, que eu não gosto de falar sobre homossexualidade, gosto de falar de direitos humanos, em que eu disse aos pais *“você não levem a mal o que eu vou dizer, mas os pais que põem as crianças na rua são umas bestas e são tudo menos pais, são progenitores. E vocês vão dizer que é muito difícil viver com um filho homossexual, mas não é! Garanto que é muito mais difícil viver com um indivíduo que seja assassino, drogado, viciado no jogo, isso é muito difícil porque eles roubam tudo o que têm à frente, mas um homossexual não, não rouba nada a ninguém, não faz mal a ninguém. Quando eu digo isto, é para criticar a vossa falta de coerência, porque enquanto o miúdo cresce “ai o meu rico filho é isto e aquilo”, quando ele é bom na escola então “ai ele é um estudioso maravilhoso, tem umas ótimas notas, é muito cuidadoso, muito atencioso” e um dia o puto chega a casa e diz que é gay e é posto na rua. Então e o meu querido filho, o meu querido estudioso? Onde é que está? O vosso filho é o que é, mas é*

vosso filho, o vosso filho até pode ser outra coisa qualquer, mas continua a ser vosso filho, e se querem ser pais e mães vão estar do lado do vosso filho e procurar uma solução para ele. A solução para um filho homossexual não é, de todo, levá-lo ao psicólogo, porque ele não está doente, não tem nenhum problema. A partir do momento em que ele ouvir o pai e a mãe a dizer que isso em nada altera, que continuam os seus pais, a vida vai funcionar lindamente; no dia em que ouvirem um pai e uma mãe a dizer para não dizerem nada a ninguém, ele vai pensar que é mau e que não pode partilhar com ninguém, aí sim, é melhor levá-lo ao psicólogo. O pior é que há psicólogos sem escrúpulos que dizem que, por 15€, curam a homossexualidade, e eu conheço-os; conheço um rapaz que foi, inclusive, a 3 consultas e só não foi à quarta porque a mãe já achou que era muito dinheiro, foi o dinheiro que imperou ao amor da mãe”.

Vanessa – Muito obrigada pelo teu depoimento! Caso seja necessário, volto a entrar em contacto contigo. Obrigada!

APÊNDICE O: Complemento à interpretação teorizante dos relatos

- **Fabíola**

No que respeita à associação entre homossexualidade e hereditariedade, Fabíola defende que há, por parte da sociedade no geral, a crença de que os filhos de homossexuais também o serão, o que considera descabido. No entanto, acrescenta que, mesmo que assim fosse, não haveria qualquer problema, na medida em que a homossexualidade não é um problema, advogando, assim, que o único problema nesta matéria é a homofobia.

Desta forma, Fabíola revela acreditar que os homossexuais são como os heterossexuais, havendo apenas uma característica que os difere: a orientação sexual.

Para a entrevista, a ideia pré-concebida dentro da própria população LGBT quanto às suas capacidades para educarem uma criança pode advir da própria homofobia de que é alvo por parte da sociedade em geral, através da rejeição de uma orientação sexual diferente. Neste sentido, Fabíola acrescenta que esta situação de homofobia é humilhante e cria um sentimento de injustiça, como aquele que sentiu aquando da votação de uma proposta de lei relativa à co-adoção (p. 3) e realça que o não reconhecimento de direitos aos filhos de casais homossexuais, através da co-adoção, coloca-os numa situação de fragilidade, injustiça, discriminação e desigualdade.

No sentido de justificar a discriminação de que as famílias homoparentais são alvo, Fabíola recua no tempo e demonstra que o único motivo para tal é o facto de se lhes dar um nome. A entrevistada relembra que há crianças educadas por pessoas do mesmo sexo desde sempre, sejam elas um casal ou não.

De acordo com a mesma, a forma como a homossexualidade é encarada e, principalmente, a questão da adoção, deve-se ao profundo machismo presente na sociedade portuguesa, perante o qual a mulher necessita sempre de um homem – seja ele o pai ou o marido –, estando sempre dependente dele.

Fabíola acredita também que o maior problema em torno desta questão é a desmistificação do paradigma do masculino e feminino e conseqüente subalternização das mulheres, defendendo que a homofobia persiste pela crença numa visão binária de género como algo obrigatório e que, por sua vez, é ameaçada pelas famílias homoparentais.

A entrevistada menciona que a suposta preocupação e defesa do superior interesse da criança nada é mais do que a discriminação dessas crianças, na medida em que, aparentemente, o Estado e a sociedade preferem manter essas crianças

institucionalizadas do que dar-lhes um lar homoparental, apenas para que se mantenha o seu próprio sistema de valores.

A partir do recurso a exemplos de outros países no que respeita a famílias homoparentais, Fabíola acredita que em nada afetou a organização dessas sociedades. Assim, a entrevistada denotava um profundo egoísmo da sociedade que, em nome deste, privava as crianças do direito à família. Por isso, acredita que a homofobia instalada na sociedade só a prejudica, na medida em que a impede de ser mais justa.

A entrevistada prossegue, estabelecendo uma comparação entre a discriminação de que são alvo as pessoas negras e as pessoas homossexuais e afirma, em tom irónico, que *“portanto, discriminar alguém com base na sua cor de pele é completamente inadmissível, politicamente incorreto, mas discriminar alguém com base na sua orientação sexual é perfeitamente admissível, normal!”* (p. 14).

Fabíola questiona-se ainda acerca do futuro das crianças educadas por casais do mesmo sexo quando acontece algo ao único elemento considerado pai ou mãe: *“como é que alguém que não é ninguém àquelas duas crianças justifica uma falta perante uma entidade patronal?”* (p. 12); mas, mais do que isso, realça que, nestas situações, são essencialmente as crianças que são colocadas numa situação de fragilidade e desproteção, pelo facto de não verem a sua família reconhecida. A entrevistada questiona, ainda, as consequências deste vazio legal, sendo que, numa situação de separação, caso não haja aquilo que designa de *boa-vontade*, um dos pais pode ser privado de ver os seus filhos, como o exemplo que relata de um casal amigo (pp. 11-12). Assim, Fabíola advoga que *“os direitos dos meus filhos devem ser reconhecidos por lei neste país, porque eles são tão cidadãos como os filhos da minha irmã ou da minha vizinha, e a minha orientação sexual não pode ser um estigma sobre eles”* (p. 12). Defende, desta forma, que é urgente mudar a sociedade, no sentido da sua evolução e, acima de tudo, no sentido da concretização plena de direitos básicos, como é o direito à família.

A entrevistada considera que abrir a possibilidade de adoção aos casais homossexuais só traria benefícios, uma vez que estes poderiam cuidar de crianças para as quais as instituições não têm condições. Além disso, advoga que quando um casal homossexual opta pela parentalidade, esta decisão é sempre mais consciente do que num casal heterossexual, dado que há uma consciencialização prévia da responsabilidade que estão a assumir. Neste sentido, defende que o que faz uma família são as relações que nela se estabelecem, daí nada depender da orientação sexual.

Fabíola considerava que o facto de a adoção por homossexuais ser possível, através da adoção singular, revelava marcas do fascismo em que *“tudo é permitido desde que não se diga; tudo é permitido desde que não se saiba; tudo é permitido desde que seja feito com muito juizinho, com muito respeitinho”* (p. 9). A entrevistada referiu que, de facto, existiam vários casais que estavam dispostos a isso e que encobriam a sua vida em casal, de modo a que fosse possível a adoção por um deles. A entrevistada advogava, ironicamente, que, nestas situações, não se considerava que fosse negativo ou prejudicial ao desenvolvimento da criança, mas, por sua vez, se os homossexuais quisessem adotar enquanto casal já não era possível.

Já quanto à tentativa de referendar a adoção, Fabíola levanta várias questões: *“quem são eles para decidir, em nome de uma criança, se essa criança pode ou não ter outro tipo de família? Quem são eles para achar que a orientação sexual é um critério suficientemente forte ou distintivo ou diferenciador das pessoas, para que a orientação sexual seja um critério considerado válido ou não? Onde é que se baseiam? Quais são as provas de análise social da realidade? Quais são as provas científicas, de que ciência, de que base é que há para fazer, para pretender fazer uma coisa dessas?”* (p. 13).

Neste enquadramento, a entrevistada salienta a importância da realização de debates acerca da questão da adoção e do superior interesse da criança, acreditando que através destes seria possível mudar mentalidades, vincadas por preconceitos e ideias estereotipadas relativamente a estas questões, uma vez que seriam confrontados com histórias reais.

Para Fabíola, é também crucial a visibilidade da comunidade LGBT; aliás, acrescenta que a sua *“invisibilidade reforça positivamente a homofobia; portanto, a homofobia gera invisibilidade e a invisibilidade gera homofobia”* (p. 19). Para Fabíola, a invisibilidade faz com que só venham à tona os casos que alimentam uma imagem negativa daquilo que é a homossexualidade. Assim, defende que essa é a única maneira de quebrar aquilo que designa como um *ciclo vicioso*, uma vez que *“se a pessoa se virar para trás e disser “eu sou e depois?”, já não há uma pedra, aquela ameaça é um bocadinho de areia que escorre entre os dedos das pessoas, da pessoa que a ia atirar, já não é uma pedra, já não é uma ameaça, já não é um instrumento de agressão, se eu assumir a minha orientação sexual, neste momento, em Portugal, essa é a minha principal defesa”* (pp. 19-20). Fabíola sublinha que a visibilidade é um elemento crucial, até para as questões da parentalidade. Para a entrevistada, só deveriam ter filhos

os homossexuais que se assumissem como tal perante si próprios e perante a sociedade, uma vez que acredita que as crianças só vão ter medo e vergonha se lhes forem ensinados.

- **Cláudia**

Cláudia sublinha que o facto de ser lésbica não a faz sentir em pecado, uma vez que *“eu, desde que andei na catequese, desde que me lembro, há uma parte na Bíblia que diz “amai-vos uns aos outros”, não diz “homens amem mulheres” nem “mulheres amem homens”, diz “amai-vos uns aos outros”, por isso pode ser homem com homem e mulher com mulher, é igual”* (p. 6).

É de salientar que a entrevistada vivia anteriormente no Norte, onde não tinha quaisquer problemas em assumir a sua orientação sexual, mas quando se mudou para Lisboa optou por omiti-la, por considerar que as pessoas dessa região têm uma mentalidade mais fechada.

- **“Sónia”**

Sónia sublinha que não se sente uma pecadora por ter uma relação homossexual; aliás, questiona-se: *“Agora pecado... eu vou para o inferno, digamos, por estar com uma mulher e trata-la como deve ser, por respeitá-la, por preocupar-me? Tipo, o que é que eu estou a fazer de errado? Nada... só porque é uma mulher?”* (p. 6).

A entrevistada justifica que uma relação lésbica pode ser mais bem-sucedida, pelo facto de as mulheres se compreenderem mutuamente, já que passam por situações similares; e, por sua vez, considera que os homens apenas simulam essa compreensão.

Sónia acredita que a sociedade, no geral, é capaz de tudo para desvalorizar aqueles que repudia. Portanto, todo o preconceito vigente na sociedade portuguesa faz com que assumam a sua orientação sexual apenas perante os mais próximos; diante aqueles que não conhece, afirma, com toda a convicção, que é heterossexual. Esta situação indigna-a, pois refere que se os homossexuais não fossem tratados de um modo tão discriminatório, não teria qualquer problema em revelar a sua identidade.

A entrevistada relata, ainda, uma situação (pp. 14-15), na qual refere ter sido discriminada, simplesmente pelo facto de acariciar a sua namorada. Percebemos, através deste exemplo, que a discriminação pode consistir apenas num simples olhar, olhar esse exclutor, sendo que, para Sónia, o desprezo e a ironia num sorriso são as melhores respostas.

A entrevistada não acredita que a orientação sexual afete o desenvolvimento das crianças, argumentando que este também não se altera quando as crianças são educadas noutras circunstâncias, como é o caso de uma família monoparental ou após o divórcio do casal. Então, a entrevistada acredita que o fator essencial numa adoção é, simplesmente, o amor, considerando a orientação sexual irrelevante.

- **Mário**

Para Mário, a implementação de leis igualitárias, como foi a aprovação do casamento entre pessoas do mesmo sexo, não são suficientes para eliminar a homofobia, pois *“quando se vai ao Conservatório do Registo Civil para fazer o casamento está lá tudo como se fosse, lá está, uma bizzarria”* (p. 3).

Já no que concerne à tentativa de referendar a adoção, o entrevistado considera que a reprovação do referendo pelo Tribunal Constitucional deveu-se, exclusivamente, ao facto de as perguntas estarem mal formuladas e acredita que isso foi intencional, pois *“os políticos, às vezes, quando não querem uma coisa arranjam palavras para essas coisas não acontecerem”* (p. 9).

- **Mara**

Os discursos como o que os pais de Mara lhe dirigiram: *“antes prefiro que saias daqui e assumir como nunca tenhas sido minha filha do que propriamente ter uma pessoa assim, uma aberração”* (p. 2) denotam o modo como a homossexualidade é, ainda, encarada por muitos – como uma aberração. Além disso, nalguns casos, o repúdio por uma orientação sexual diferente pode ser tão grande que conduz a situações de verdadeira chantagem, como a de que Mara foi vítima por parte dos seus pais: *“vais escolher a felicidade ou vais escolher a carteira? Porque tu sem dinheiro não és nada”* (p. 1).

A forma discriminatória como é encarada a homossexualidade também está, para Mara, intimamente relacionada com as questões da identidade e os papéis de género, principalmente no caso dos gays. Verificamos, aqui, a manutenção de classificações tradicionais e, até, arcaicas dos papéis de género, principalmente no que concerne à figura masculina, o que observamos dever-se àquilo que é considerado como uma rejeição da virilidade que lhe foi atribuída. Segundo a entrevistada, a sociedade já está acostumada *“a ver a própria mulher vestida de homem e cabelo cortado; o homem não, o homem é feito para exercício físico, para coisas de homem praticamente e há homens*

que gostam de coisas femininas e eles não aceitam isso, seja o homem ou a mulher hétero” (p. 10).

Observamos, de igual forma, um estigma relativamente àquilo que é diferente – como são os *travestis* –, revelando, no seu discurso, compreensão perante o olhar reprovador de alguns heterossexuais. Aliás, Mara sublinha que a sociedade, no geral, tem uma imagem pré-concebida daquilo que deve ser o homem, advogando que quando este foge ao padrão e a isso se associa a homossexualidade, existe uma grande propensão para a discriminação.

A entrevistada reconsidera ainda a abordagem que teve com os seus pais aquando do assumir da sua homossexualidade, afirmando que agora a faria de uma forma diferente: começaria por prepará-los através de pistas e sinais até realmente se assumir, de modo a não causar um choque tão profundo como o que causou.

No que concerne à adoção, Mara defende que o mais importante é ter condições para acolher uma criança, pois independentemente da orientação sexual vão dar-lhe o mesmo carinho e afeto. Aliás, tendo em conta a trajetória de Mara, entende-se que esta refira que *“preferia mil vezes ter sido adotada por um casal gay, do que propriamente um casal hétero”* (p. 2). Isto porque defende que as famílias homoparentais têm um ponto a seu favor, que consiste no facto de, por já terem passado por inúmeras situações de discriminação, aceitarem mais facilmente as escolhas dos seus filhos por mais *out-of-the-box* que sejam.

Assim, advogava que a posição do Estado e da sociedade, no geral, relativamente a esta questão eram reveladoras de uma total ignorância. Aliás, acrescentou que era importante considerar que estas crianças mereciam um lar e podiam encontrá-lo numa família homoparental, que tem tantas capacidades para isso quanto uma família heterossexual.

A entrevistada defende que, no sentido de exterminar os homossexuais, o Estado opta por fragilizá-los, colocando em agenda as medidas que a eles dizem respeito juntamente com outros assuntos que causam confusão e, acima de tudo, num clima de crise, o que, para a entrevistada, não permite que seja discutido com a mesma convicção, na medida em que todos os políticos se encontram focados noutras questões.

Mara acreditava que a insistência e a perseverança dos homossexuais, através da luta das associações, conduziria a uma mudança de atitude por parte do Governo, porque *“nós tentamos, tentamos, tentamos e levamos sempre não, não, não, não, mas há de haver um dia que estamos tão cansados que vamos dizer “ou é desta vez ou não é” e até*

conseguirmos nós vamos sempre teimar, teimar, teimar, teimar, teimar, teimar, teimar” (pp. 8-9).

A entrevistada continua, referindo que, nestas lutas vão “*mostrar, lutar, continuar a tentar a adoção, mesmo que seja ilegal vamos acabar por conseguir, porque se não for de uma maneira é de outra, porque, lá está, acabamos por pedir empréstimos até para irmos fazer tratamentos fora. Se não conseguimos de um lado acabamos por ir por outro, pelo dito mais fácil, em termos de pensar, mas em termos económicos já não*” (p. 8).

- **João Paulo**

Para o entrevistado, quando se publica uma lei, esta deve aludir a pessoas e não a géneros, referindo-se, nomeadamente, à lei do casamento. Assim, salienta que na lei portuguesa existem inúmeras contradições, referindo que, por exemplo, a Constituição determina que ninguém pode ser discriminado ou privilegiado em benefício do que quer que seja, porém, existem outras leis que causam penalizações, alegando que “*há sempre um mas... a lei não pode ter mas! A lei não deve ser como a Bíblia, que depende de quem a lê*” (p. 14).

João Paulo acredita que o Estado é hipócrita ao ponto de apenas debater os direitos humanos quando quer encobrir questões relacionadas com outros temas (como a crise e os impostos).

O entrevistado considera não existir uma verdadeira *comunidade gay* que se ajude e apoie mutuamente, uma vez que defende que quando a sua presença é necessária – nas marchas *gay* – não aparecem, porém depois estão todos presentes quando há festas.

No que concerne à homoparentalidade, João Paulo salientou que esta já se concretizava à data da entrevista, nomeadamente através de inseminações artificiais caseiras, realçando que, nestes casos, a vida das pessoas em questão é completamente devassada pelo Ministério Público, em busca do pai. Neste enquadramento, realça a importância da legalização da co-adoção, tendo em conta as inúmeras crianças do mesmo sexo, sendo que, legalmente, são apenas filhos

João Paulo comenta, ainda, o processo burocrático associado à adoção: concorda com a necessidade de ser um processo criterioso, mas acredita que a excessiva burocracia conduz à desistência de candidatos a adotantes. Aliás, refere que há crianças adotadas por heterossexuais que, ao fim de um tempo, são devolvidas, considerando que este facto consiste em *brincar com vidas*. Assim, questiona-se quanto aos efeitos desta

situação na vida das crianças devolvidas, e quanto às consequências para os técnicos que consideraram aquelas pessoas aptas para adotar.

João Paulo acreditava que, acima de tudo, a rejeição da adoção por casais do mesmo sexo, à data da entrevista, alimentava *“um sistema que já se provou várias vezes, embora seja necessário, não devia ser tão permanente quanto é (estou a falar de casos como a Casa Pia, a Casa do Gaiato, e não sei quê), é necessário, infelizmente, mas não devia ser permanente, as pessoas nunca deviam atingir a maioridade lá dentro”* (p. 3).

O entrevistado acrescenta que as crianças institucionalizadas associam, muitas vezes, a figura materna à educadora, que abandona o estabelecimento ao final da tarde, ficando depois com o guarda-noturno, daí defender que *“não é assim que se formam pessoas”* (p. 3).

No sentido do reconhecimento das capacidades dos casais do mesmo sexo para o exercício da parentalidade, João Paulo dá a conhecer a história do primeiro casal homossexual, conhecido publicamente, ao qual *“foram atribuídas duas crianças que eram sobrinhas de um dos elementos do casal, porque a mãe, não é que fosse uma má mãe no que tem a ver com os afetos, mas era má mãe no que tem a ver com os cuidados”* (p. 18); e defende que, após a convivência com esta nova família, as crianças desenvolveram as suas competências: *“muito mais formadas, com a escolinha, sabem que têm de tomar banho todos os dias, lavar os dentes, escovar o cabelo, sabem que têm de trocar de roupa todos os dias, pelo menos a roupa interior, que era uma coisa que elas não sabiam. Sabem que têm que ir à escola, não sabiam”* (pp. 18-19).